



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

Centro de Filosofia e Ciências Humanas  
Programa de Pós-graduação em Antropologia Social.

**MEMÓRIAS DO FUTURO**  
Olhares da Costa da Lagoa da Conceição

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação  
em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina  
para obtenção do Grau de Mestre em Antropologia Social.  
Orientador: Dr. Rafael José de Menezes Bastos

**Lianor Maria Mattos e Silva Basso**  
Núcleo de Estudos Arte, Cultura e Sociedade na América Latina e  
Caribe – MUSA -UFSC  
Janeiro/2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Basso, Lianor Maria Mattos e Silva  
MEMÓRIAS DO FUTURO : Olhares da Costa da Lagoa da  
Conceição / Lianor Maria Mattos e Silva Basso ;  
orientador, Rafael José de Menezes Bastos - Florianópolis,  
SC, 2016.  
180 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Catarina, . Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

Inclui referências

1. Antropologia Social. 2. Etnografia. 3. Audiovisual.  
4. Memórias. 5. Crianças. Processos de Aprendizagem. I. ,  
Rafael José de Menezes Bastos. II. Universidade Federal de  
Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Antropologia  
Social. III. Título.

# FOLHA DE APROVAÇÃO

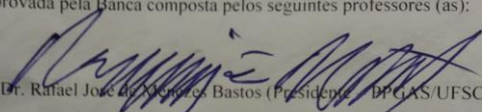
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

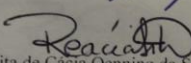
“Memórias do Futuro: olhares da Costa da Lagoa da Conceição”

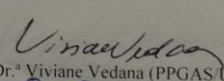
Lianor Maria Mattos e Silva Basso

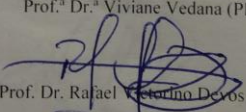
Orientador(a): Prof. Dr. Rafael José de Menezes Bastos

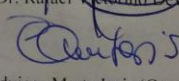
Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Antropologia Social, aprovada pela Banca composta pelos seguintes professores (as):

  
Prof. Dr. Rafael José de Menezes Bastos (Presidente - PPGAS/UFSC)

  
Dr.ª Rita de Cácia Oenning da Silva (Pós-doutoranda PPGAS/UFSC)

  
Prof.ª Dr.ª Viviane Vedana (PPGAS/UFSC)

  
Prof. Dr. Rafael Victorino Deiros (PPGAS/UFSC)

  
Prof.ª Dr.ª Edviges Marta Ioris (Coordenadora PPGAS/UFSC)

Florianópolis, 23 de fevereiro de 2016.

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, professor Rafael José de Menezes Bastos, que com muita paciência, dedicação, simpatia e leveza me mostrou caminhos para o desenvolvimento desta pesquisa. Suas contribuições foram fundamentais e fizeram a diferença nesta minha trajetória inicial e descobertas na Antropologia.

Aos professores do programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina pelo comprometimento com o ensino e estímulo constante às reflexões.

À Secretaria do PPGAS, em especial a Zé Carlos, por toda ajuda e paciência.

Aos meus colegas da turma de mestrado 2014.1, por toda a amizade, trocas, paciência e festas, em especial Satsuki Araújo, Helder Pires, Naíla Andrade, Julia Basso, Diógenes Cariaga, Luiza Figueiredo.

Aos colegas do MUSA – Núcleo de Arte Cultura e Sociedade na América Latina e Caribe, pelos profundos e agradáveis encontros de trocas e discussões.

Às minhas amigas Miraíra Noal e Sandra Eckschmidt pela grande parceria.

À Alexandre, meu companheiro de vida, estradas e caminhos, por acreditar, por compartilhar dos sonhos, pela alegria, conselhos, apoio e por algumas das tantas belas imagens que compõem este trabalho.

Aos meus filhos, Luca e Davi, por me mostrarem em tantos momentos as surpresas da vida. Por todo aconchego e ensinamentos. Agradeço a vocês, meus pequenos grandes mestres por me fazerem compreender que a vida se transforma a cada momento e que não é tão difícil quanto parece. Grata por cada momento de carinho, conversas, apoio e sorrisos que sempre me deixam mais leve.

Aos meus irmãos Ori, Olavo e João, que mesmo de longe, me apoiam, incentivam e compreendem a necessidade da distância em uma época tão delicada de nossas vidas.

Com gratidão absoluta aos meus pais, Rosa Virgínia (*in memorian*) e Pedro Agostinho, meus primeiros amigos e guias. Eles me ensinaram a respeitar o próximo e a mim mesma, me sensibilizaram a olhar o mundo com os olhos de dentro e me fizeram gostar de gente.

Com amor e muita saudade, agradeço por terem me mostrado a vida.

Uma homenagem especial ao meu avô, Agostinho da Silva, que mesmo em outro plano, consegue me guiar com “pé bem firme em leve dança”...

E, por fim, agradeço especialmente com todo coração a toda comunidade da Costa da Lagoa da Conceição por terem me recebido tão bem. Em especial aos cafezinhos, cuidado e aconchego de Dona Eli e Pelé. Agradeço a Nailde pelo apoio com as crianças, a Dona Benta (*in memorian*) pelo enorme prazer de tê-la conhecido. Ao Seo Zequinha, Seo Euclides e Seo Neri pelos ensinamentos. Às histórias de infância da Sirley, à serenidade e apoio da Wal e da Dei. Ao comprometimento e dedicação de Carol e toda a equipe da escola. À perseverança da Elizete.

À força, coragem e responsabilidade de todos os pescadores. À generosidade de Beto, Tonho, Paula e Clodoaldo, à sabedoria de Dona Zarinha e sua eterna alegria. Às benzeduras de Dona Joana. Às conversas com Dona Sionei e Seo Valdir. Ao tempero delicioso dos restaurantes Coração de Mãe, Bela ilha e do querido Jajá do Sabor da Costa. À música e a alegria de Seo Nezinho, aos barquinhos e aviões do Seo Taba. Às belezas das canoas de Guarapuvu e tantos barcos construídos com a habilidade, experiência e coração do Seo Dico.

Este trabalho é dedicado a todas as famílias, ambientes e histórias que fazem parte da Costa da Lagoa da Conceição. Com um agradecimento especial às crianças da Costa, por terem me mostrado seus cantos, contos e encantos.

## RESUMO

O presente trabalho propõe uma reflexão sobre processos educativos e espaços de aprendizagem através de uma etnografia da Costa da Lagoa da Conceição, comunidade situada em Florianópolis (SC). A pesquisa foi realizada a partir de uma metodologia que priorizou a escuta e participação das crianças e a utilização de fotografias e vídeos como ferramenta de investigação e produção do conhecimento. O estudo mostra como o desenvolvimento de metodologias que valorizam as trajetórias cotidianas podem contribuir para uma vida mais sensível e consequentemente um processo de aprendizagem mais significativo para todos. A partir das imagens produzidas e compartilhadas em diferentes meios, evidenciaram-se conexões entre percepções, memórias, educação e o conceito de habitação. Inspirada e em diálogo com autores como Tim Ingold, Merleau-Ponty, Freire, Cohn e Agostinho da Silva. Participaram do processo 10 crianças entre 8 e 11 anos, nativas da comunidade. Entre trilhas e caminhos da Costa fortaleceram-se os vínculos e é colocado em prática o fazer antropológico trazendo, como nos propõe Ingold (2015), “a antropologia de volta a vida”.

**PALAVRAS-CHAVE:** Etnografia. Audiovisual. Memórias. Crianças. Processos de Aprendizagem.

## ABSTRACT

The presenting paper proposes a reflection under educational processes and learning spaces through ethnography of Conceição's Lagoon Coast, community located in Florianópolis (SC). The research was conducted in a methodology that prioritized the listening and participation of local children and also the use of photos and videos as research and knowledge production tools. The study shows how the development of methodologies that valorize every day's trajectories can contribute to a more sensible life and consequently a more significant learning process for everyone. From the images produced and shared in different Medias, the connections between perceptions, memories, education and housing concept became evident. Inspired and in dialogue with authors such as Tim Ingold, Merleau-Ponty, Freire, Cohn and Agostinho da Silva. 10 children between age of 8 to 11 years, from the native community, participated on the process. Between the trails and paths of Costa, the bonds got stronger and the practice of the "anthropology back to life", as proposed by Ingold (2015), was put in practice by anthropological work.

**KEYWORDS:** Ethnography; Audio-visual; Memoirs; Children; Learning Processes.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa da Ilha de Florianópolis e sua localização no estado de Santa Catarina – Região Sul do Brasil. ....	13
Figura 2 - Vista aérea da Ilha de Florianópolis. ....	14
Figura 3 - Imagem de satélite da Lagoa da Conceição. Em vermelho o caminho da Costa da Lagoa que liga o Canto dos Araçás à entrada da trilha que leva à comunidade de Ratonos. ....	15
Figura 4 - Lagoa da Conceição vista da comunidade da Costa da Lagoa. ....	16
Figura 5 - Mapa geral da ilha de Florianópolis com círculo vermelho localizando a região da lagoa da Conceição com destaque para a trilha que dá acesso à Costa da Lagoa. ....	19
Figura 6 - Lagoa da Conceição vista da pedra rachada (Morro dos Ratonos). ....	20
Figura 7 - Crianças bebendo água com copinhos de folha na cachoeira. ....	29
Figura 8 - Cauê aprendendo a navegar no barco Frutuoso com Beбето (pai do Pedro). ....	37
Figura 9 - Jogo de memória desenvolvido e brincado ao longo da pesquisa. Ver mais imagens das coleções em: <a href="http://aventureirosfotogr.wix.com/costadalagoa#!galerias/c1oyp">http://aventureirosfotogr.wix.com/costadalagoa#!galerias/c1oyp</a> .....	45
Figura 10 - Crianças e pesquisadora recebendo os moradores da comunidade para assistir aos vídeos e brincar com os jogos de memórias na exposição realizada na escola da Costa em Setembro de 2015. ....	46
Figura 11 - Imagem dos barcos na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes. ....	51
Figura 12 - Imagem de Nossa senhora dos navegantes com um barquinho na mão. ....	53
Figura 13 - Barcos enfeitados para a procissão. ....	53
Figura 14 - Primeira saída com as crianças. ....	57
Figura 15 - Primeiro dia de saída com as crianças pelo caminho da Costa. ....	58
Figura 16 - Roteiro de planejamento das “aventuras fotográficas”.....	59
Figura 17 - As crianças me mostram as primeiras imagens na nossa “sala-rancho” em frente à escola. ....	60
Figura 18 - Crianças ajudando a peneirar a mandioca na farinha da do engenho da Vila Verde. ....	62
Figura 19 - Foto da “galha” do boi que a Milena nos mostrou. ....	63
Figura 20 - Vila da Praia Seca, vista da lagoa a bordo de uma canoa de Guarapuvu. ....	64



Figura 21 - Vila da Praia do Sul. ....	65
Figura 22 - Reflexo na água da embarcação da Cooperbarco. ....	66
Figura 23 - Embarcação “fazendo a linha” Costa-Centrinho da Lagoa. ....	66
Figura 24 - Águas da cachoeira da Vila Central. ....	67
Figura 25 - Foto do campo do Rio Vermelho, por onde “o boi vem”....	67
Figura 26 - Foto de Vitória com o Jajá em frente à igreja da Vila Central. ....	69
Figura 27 - Foto do grupo chegando à pedra rachada, que fica na trilha que dá acesso à comunidade de Ratores e situa-se em um dos lugares mais altos da Costa da Lagoa. Possui uma vista incrível da Lagoa da Conceição e do Oceano Atlântico. ....	70
Figura 28 - Prainha da Lagoa da Conceição preferida dos meninos. Gostam de ir para lá fazer piquenique e pescar camarão com a bernunça. ....	70
Figura 29 - Casa da Dona Joana. Baixada. ....	71
Figura 30 - Maquete desenvolvida na escola e localização das vilas da Costa segundo Milena Laureano. ....	74
Figura 31 - Vista de satélite do caminho da Costa com indicações das cinco vilas. ....	75
Figura 32 - Crianças pescando no final de tarde em um trapiche da Praia Seca. ....	76
Figura 33 - Maquete da Costa feita pelas crianças na escola. ....	80
Figura 34 - Vitória começando a se familiarizar com o equipamento. ...	81
Figura 35 - Ida a praia do Saquinho com o Avô do Donovan. ....	81
Figura 36 - Crianças procuram tatuíra (pequenos moluscos que servem de isca para a pescaria). ....	82
Figura 37 - Conversa com Seu Neri “consertando” o peixe. ....	82
Figura 38 - Donovan e Vitória filmam a praia seca. ....	87
Figura 39 - Semente do Guarapuvu. ....	91
Figura 40 - Guarapuvu germinando. ....	91
Figura 41 - Guarapuvu com suas sementes. ....	92
Figura 42 - “A Canoa na Mata” ....	93
Figura 43 - Seo Dico em seu estaleiro construindo a sua “canoinha de um pau só” ....	94
Figura 44 - Canoinha quase pronta na frente do rancho do Seo Dico. ...	95
Figura 45 – Proa da canoa de Guarapuvu. ....	96
Figura 46 – Canoa de Guarapuvu quase pronta. ....	97
Figura 47 – Café. ....	98
Figura 48 - Página inicial do site Aventura fotográfica. ....	101
Figura 49 - Janela inicial das galerias. ....	101
Figura 50 - Início da exposição virtual da janela “Galerias” ....	103

Figura 51 - As crianças que participaram da pesquisa e de todo o processo de construção do site. ....	104
Figura 52 - Placas ao longo do caminho histórico da Costa da Lagoa da Conceição.....	106
Figura 53 - Placas ao longo do caminho histórico da Costa da Lagoa da Conceição.....	107
Figura 54 - Meninos experimentando a textura da mandioca após passar pelo cevador. ....	107
Figura 55 - Peneirando.....	108
Figura 56 - Visão geral do engenho em funcionamento.....	108
Figura 57 - Gu documenta a farinhada.....	109
Figura 58 - Pedrinho pequeno com o seu “dindo” Pelé. ....	111
Figura 59 - Conversa com seu Nezinho, dono do restaurante “Coração de mãe” .....	112
Figura 60 - Seo Nezinho – Manuel Miguel de Andrade – 61 anos. ....	122
Figura 61 e posteriores - A Vila Central.....	125
Figura 62 e posteriores - Crianças aprendendo a fazer filé de tainha assado na brasa.....	129
Figura 63 - Uma das capas do Jornal “O arteiro”. ....	133
Figura 64 e posteriores - Capas do Jornal O Arteiro.....	134
Figura 65 - Reportagem sobre a pesca da tainha no jornal “O Arteiro”. Interessante perceber a observação de que a material foi sugerida pela cozinheira da escola, o que demonstra a participação de todos os membros da equipe escolar como potenciais educadores. ....	136
Figura 66 - Capa que provoca a conscientização da comunidade para que não seja jogado óleo na natureza.....	138
Figura 67 e posteriores - Capas que ilustram através das fotos as rendeiras, o ritual da farinhada e com o desenhos das crianças dos elementos/personagens do boi de mamão. ....	139
Figura 68 - “Cauê boi”.....	144
Figura 69 e posterior - Personagens do Boi de Mamão da Escola da Costa. ....	145
Figura 70 e posterior - Estandarte e estrutura do boi confeccionada por educadores, pais e crianças. ....	147
Figura 71 e posterior - Crianças e comunidade brincando o boi de mamão.....	149
Figura 72 – Vila da Praia Seca vista da Lagoa.....	151
Figura 73 - Peixe “escalado.” Aberto, salgado e seco ao sol. Técnica utilizada para conservação do alimento na época em que não havia refrigeração, e que se tornou um dos pratos preferidos até os dias atuais. Come-se geralmente frito com pirão d’água.....	152

Figura 74 - Dona Eli.....	153
Figura 75 - Dona Rosalina .....	155
Figura 76 - Matéria de jornal de alguns anos atrás exposta em quadro no restaurante Bela Ilha, na praia seca. ....	156
Figura 77 - “Navio” construído com galhos caídos do Guarapuvu. ....	157
Figura 78 - Seo Taba, o navio e as crianças.....	157
Figura 79 - Canoinhas de Guarapuvu de brinquedo feitas por seo Taba. ....	158
Figura 80 - Seo Dico e a canoa de Guarapuvu. ....	160
Figura 81 - Seo Zequinha remendando a malha. ....	162
Figura 82 - Organização dos peixes em caixa após chegada dos barcos. ....	162
Figura 83 - O barco "Símbolo da Fé". ....	163
Figura 84 - Crianças constroem sua casinha. ....	163
Figura 85 - Dona Joana em frente a sua casa na Baixada.....	165
Figura 86 - Diagrama .....	172
Figura 87 - Diagrama (II).....	173

## SUMÁRIO

<b>IMAGENS E MAPAS DE LOCALIZAÇÃO .....</b>	<b>13</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>SOBRE A COSTA DA LAGOA .....</b>	<b>18</b>
<b>NOTA PRELIMINAR .....</b>	<b>25</b>
<b>CAPÍTULO 1 – SOBRE CRIANÇAS, PERCEPÇÃO, MEMÓRIA E BRINCAR .....</b>	<b>28</b>
1.1 CAPITÃO MENINO – SOBRE A GUIANÇA DAS CRIANÇAS .....	28
1.2 DAS PERCEPÇÕES .....	37
1.3 DAS MEMÓRIAS .....	42
1.4 DO BRINCAR .....	48
<b>CAPÍTULO 2 – ENTRE ÁGUAS, TRILHAS, VENTOS E FOGÕES .....</b>	<b>51</b>
2.1 NAVEGANTE – SOBRE AS ÁGUAS DA CONCEIÇÃO .....	51
2.2 POR QUE AS MENINAS E OS MENINOS COMO COINVESTIGADORES? .....	59
2.3 O MAPA AFETIVO DAS CRIANÇAS .....	74
2.4 POR QUE INICIAR NA ESCOLA E SAIR DELA? .....	83
2.5 COMPREENDER CAMINHOS .....	88
<b>CAPÍTULO 3 – HISTÓRIAS DAS IMAGENS, IMAGENS DAS HISTÓRIAS - UMA ABORDAGEM FOTO-ETNOGRÁFICA DAS VILAS, TRAJETÓRIAS E HISTÓRIAS DA COSTA DA LAGOA. .....</b>	<b>98</b>
3.1 VILAS DA COSTA .....	105
3.1.1 A Vila Verde .....	105
3.1.2 A Praia do Sul .....	112

3.1.3 A Vila Central.....	125
3.1.4 A Praia Seca.....	151
3.1.5 A Baixada .....	164

**CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA - INTERDISCIPLINARIDADE  
E RELAÇÕES ENTRE ANTROPOLOGIA E AUDIOVISUAL..166**

4.1 POR QUE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA?.....	166
4.2 A METODOLOGIA E A TRANSFORMAÇÃO DELA.....	168
4.3 SENSações, SENTIMENTOS, LINGUAGENS E HIPERMÍDIAS .....	169

**REFERÊNCIAS .....** 176



## IMAGENS E MAPAS DE LOCALIZAÇÃO

Figura 1 - Mapa da Ilha de Florianópolis e sua localização no estado de Santa Catarina – Região Sul do Brasil.



Fonte:

<<https://www.google.com.br/search?q=mapas+da+ilha+de+florianopolis>>.

Figura 2 - Vista aérea da Ilha de Florianópolis.



Fonte:

<https://www.google.com.br/search?q=mapas+da+ilha+de+florianopolis&espv=2&biw=1280&bih=702&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUK Ewjtg0WMk4HKAhXBGJAKHWScB20QsAQIIQ#tbm=isch&q=vista+aerea+de+florianopolis&imgrc=ngNOrkFfsZ4hbM%3A>. Acesso em: dez. 2015.



Figura 3 - Imagem de satélite da Lagoa da Conceição. Em vermelho o caminho da Costa da Lagoa que liga o Canto dos Araçás à entrada da trilha que leva à comunidade de Ratores.



Fonte:

<[https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+costa+da+lagoa+da+concei%C3%A7%C3%A3o+imagens&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwqh4rmmoHKAhXEHZAKHf6OD\\_oQsAQIHw&biw=1280&bih=658#imgdii=0pH-2p4L9pFF0M%3A%3B0pH-2p4L9pFF0M%3A%3BwmE16HNv\\_kN7pM%3A&imgc=0pH-2p4L9pFF0M%3A](https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+costa+da+lagoa+da+concei%C3%A7%C3%A3o+imagens&tbm=isch&tbo=u&source=univ&sa=X&ved=0ahUKEwqh4rmmoHKAhXEHZAKHf6OD_oQsAQIHw&biw=1280&bih=658#imgdii=0pH-2p4L9pFF0M%3A%3B0pH-2p4L9pFF0M%3A%3BwmE16HNv_kN7pM%3A&imgc=0pH-2p4L9pFF0M%3A)>. Acesso em: dez. 2015.

Figura 4 - Lagoa da Conceição vista da comunidade da Costa da Lagoa.



Foto: Milena Laureano (2015)

## INTRODUÇÃO

*Memórias do Futuro – Olhares da Costa da Lagoa da Conceição* é uma etnografia da comunidade<sup>1</sup> da Costa da Lagoa da Conceição realizada a partir de um método que prioriza a participação e escuta das crianças<sup>2</sup> da comunidade através de documentações audiovisuais e fotográficas do ambiente em que vivem.

A investigação teve como objetivos específicos observar, sentir e descrever o espaço ambiental, aspectos históricos, sócio-organizacionais e simbólicos<sup>3</sup> durante a convivência na comunidade da Costa da Lagoa da Conceição tendo como ponto de partida as imagens produzidas através dos olhares das crianças, colocando-as, dessa forma, como sujeitos atuantes, para além de espectadores, mas principalmente como produtores e transformadores dos seus espaços de aprendizagem.

A pesquisa provoca uma reflexão sobre a importância da percepção e da memória nos processos e espaços educativos, a partir das trajetórias e narrativas da vida dos moradores desse local. Através das imagens e histórias busca-se compreender como os fenômenos da percepção, da memória e do brincar podem influenciar nos processos de fortalecimento dos vínculos e de construção de conhecimentos do lugar a partir das relações estabelecidas durante o convívio e a brincadeira.

A proposta de realizar uma documentação audiovisual/fotográfica com e pelas crianças foi pensada como ferramenta metodológica de investigação. Essa metodologia desenvolvida conduz a pesquisa e as reflexões surgem a partir das experiências vivenciadas a partir do método.

As imagens desempenharam um papel fundamental na constituição dos conhecimentos apreendidos pelo grupo. Elas

---

<sup>1</sup> Recentemente foi aprovado o projeto de lei municipal nº 15.657/2014 que reconhece a Costa da Lagoa como comunidade tradicional de Santa Catarina.

<sup>2</sup> Meninos e meninas de 8 a 10 anos, moradores da Costa da Lagoa da Conceição. No Capítulo I teço considerações a respeito do conceito de criança.

<sup>3</sup> Considero estes aspectos simbólicos as representações que as crianças fazem do mundo. Eles estão muito presentes quando brincam, pois, ao brincar, as crianças elaboram o contexto no qual estão inseridas trazendo em seus gestos, falas e imagens as percepções apreendidas no espaço vivido. Essas representações possuem certa estabilidade e coerência em relação aos valores sociais de cada lugar, apesar de cada compreensão ser vivida e experienciada e retransmitida individualmente.

sensibilizaram os sujeitos envolvidos para as possibilidades potenciais de aprendizagem existentes no espaço comunitário, que estão além dos muros do espaço escolar e nos fazem perceber a importância da interação escola-comunidade. Através da produção das imagens foi possível compreender os sujeitos desta pesquisa como atores e espectadores de seus cotidianos.<sup>4</sup>

## **SOBRE A COSTA DA LAGOA**

A Costa da Lagoa é um bairro da cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, situada na região Sul do Brasil (aproximadamente entre os paralelos de 27°10' e 27° e 50' de latitude sul e meridianos 48°25' e 48°35' de longitude oeste).

Ela está localizada no oeste da Lagoa da Conceição, uma região portadora de uma riqueza abundante no que diz respeito ao ambiente geofísico, com matas, rios, cachoeiras, lagoa e diversas espécies animais. Vale ressaltar que a cidade de Florianópolis é uma ilha e esse bairro em especial está localizado em um espaço geográfico cujo acesso à comunidade acontece apenas via barco ou a pé por trilha, o que impede a existência de veículos terrestres automotores nas cinco vilas<sup>5</sup>.

---

<sup>4</sup> Para uma maior compreensão dos sujeitos envolvidos nesta pesquisa e das formas e possibilidades de se fazer educação, amparo-me em Paulo Freire e Augusto Boal (pedagogia da autonomia e teatro do oprimido) ao refletir ao longo deste texto sobre o protagonismo infantil e a importância da transversalidade entre antropologia, educação e imagem.

<sup>5</sup> A Comunidade da Costa da lagoa possui cinco vilas principais. No sentido Sul-Norte: Vila Verde, Praia Seca, Baixada, Vila (Central) e Praia do Sul.

Figura 5 - Mapa geral da ilha de Florianópolis com círculo vermelho localizando a região da lagoa da Conceição com destaque para a trilha que dá acesso à Costa da Lagoa.



Fonte:

<[A região teve sua área povoada, segundo indícios em sítios arqueológicos, pelos homens de Sambaqui<sup>6</sup>, cujos registros mais antigos datam de 4.800 a.C. Em meados do século XVIII \(entre 1748-1756\) os primeiros colonizadores, muitos deles provenientes do Arquipélago dos Açores, chegaram à ilha que, nessa época, era habitada pelos índios Carijós<sup>7</sup>. Hoje seus habitantes nativos são considerados “manés”<sup>8</sup>. \(GIMENO, 1992\).](https://www.google.com.br/search?q=mapa+da+lagoa+da+concei%C3%></a>>.</p>
</div>
<div data-bbox=)

Como já mencionado, na Costa da Lagoa não há possibilidade de trânsito de veículos automotivos, o que proporciona uma preservação maior das espécies de árvores, plantas e animais, provocando a sensação

<sup>6</sup> Os sambaquis são depósitos de materiais orgânicos e calcários feitos ao longo do período por homens que viveram antigamente em suas proximidades. São formados por conchas, objetos de cerâmica, madeira, pedra, esqueletos humanos, restos de ossada animal, vestígio de fogueira. São encontrados em quase toda a costa brasileira e descobertos na década de 1970, com tamanhos e formas variáveis.

<sup>7</sup> Indígenas que ocupavam o território que ia de Cananeia, no estado de São Paulo, no Brasil, até a Lagoa dos Patos, no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil, por volta do século XVI.

<sup>8</sup> Mané é o termo popularmente utilizado de maneira carinhosa para designar os nativos de Florianópolis, capital de Santa Catarina, Brasil. O termo pode se estender também aos que nasceram nos municípios vizinhos à capital catarinense, como São José, Biguaçu e Palhoça. A figura do “manezinho” foi moldada na região praieira da ilha de Santa Catarina. Também chamados de “barriga-verde”.

de estarmos “distante” de um cenário urbano convencional, cercados de buzinas, luzes, construções dentre outras características marcantes da cena urbana. Apesar deste “distanciamento urbano sensorial” a Costa da Lagoa é um bairro próximo do centro da cidade de Florianópolis.

A Costa<sup>9</sup> tem também outras características bem marcantes como o sistema de transporte aquaviário, realizado por duas cooperativas de barcos<sup>10</sup>, organizadas por moradores locais, cumprindo uma função importantíssima no que diz respeito tanto ao trânsito dos moradores, quanto à viabilização da atividade turística, responsável por boa parte da economia local nos dias atuais. Além de sua utilidade no cotidiano de todos aqueles que moram ou desejam visitar o lugar, os barcos também são caracterizados como um bem cultural contido na vida da comunidade, por esta ser uma das poucas regiões do litoral brasileiro que ampliou a sua condição náutica. (ANTUNES DA LUZ, 2014).

Figura 6 - Lagoa da Conceição vista da pedra rachada (Morro dos Ratos).



Foto: A autora (2015).

---

<sup>9</sup> Moradores costumam chamar a região da Costa da Lagoa de simplesmente Costa.

<sup>10</sup> A Cooperbarco faz a linha Centrinho da Lagoa – Costa, e a Coopercosta faz a linha Rio Vermelho – Costa.

O trabalho de campo, realizado entre fevereiro e agosto de 2015, constituiu-se em observação participante – porém com uma característica bem especial, conforme mencionado anteriormente: a observação e a participação das crianças era muito importante, principalmente, para que as informações iniciais se constituíssem a partir do conhecimento e elaboração de informações das crianças para com aquele lugar e por possibilitarem um olhar “de dentro”, colaborando e integrando ao olhar “de fora” da pesquisadora. Assim, foram colocadas em um nível de investigadores, atores e espectadores dos seus cotidianos, das suas histórias e trajetórias de vida.

Construiu-se dessa forma um intercâmbio de olhares favorecendo uma integração da diversidade de saberes, descortinando, a partir dos olhares das crianças, novos conhecimentos sobre o local. Vale ressaltar que a pesquisa acontece na Costa, mas sugere que a metodologia utilizada pode ser desenvolvida em diversas comunidades do Brasil, e por que não do mundo, pois favorece um olhar mais atento dos meninos e meninas em interação com seus lugares gerando um respeito mútuo que constrói admirações coletivas pelos seus saberes. Nesse movimento, as crianças conseguem elaborar suas experiências cotidianas ao longo das trajetórias realizadas.

As dez crianças (oito meninos e duas meninas) que participaram do processo possuíam entre 8 e 10 anos, todas estudantes do 3º e 4º anos da única escola existente na Costa da Lagoa<sup>11</sup>. A escolha desse intervalo etário foi motivada por simples fatores e critérios: o primeiro era o interesse e disponibilidade das crianças em contribuir com suas histórias, o segundo consistia em serem crianças que pudessem ir e vir de suas casas aos encontros sozinhas com permissão de transitar pela comunidade acompanhando o grupo. Todas sabem ler e escrever suas histórias, conseguem se expressar muito bem e os pais são, em sua maioria, nascidos na comunidade. Outro critério importante era que possuísem capacidade motora para operar os equipamentos audiovisuais oferecidos durante a pesquisa de campo.

A intenção era que elas pudessem contar através das imagens e áudios seus lugares, pessoas, seres e coisas que dialogavam com seus interesses e histórias de vida, com o objetivo de incentivar um olhar mais atento dos meninos e meninas para a comunidade. Em cinco meses

---

<sup>11</sup> A Escola Desdobrada e NEI Costa da Lagoa recebe cerca de 62 crianças entre 2 a 11 anos. Ao longo da dissertação descrevo mais sobre a atuação e importância deste espaço e equipe escolar para a comunidade, e da grande atuação da comunidade na escola.

as crianças, munidas das câmeras digitais, apresentaram seus lugares à medida que filmavam e fotografavam.

A partir desta aproximação foi possível perceber e entender as relações dos meninos e meninas com o ambiente, pessoas e histórias, as quais foram apreendidas por todos os participantes ao longo dos caminhos, conversas e brincadeiras no convívio do grupo.

A dissertação traz em seu bojo imagens e histórias da Costa da Lagoa que se apresentam através destas narrativas orais e fotográficas e reflexões que surgiram ao longo do processo de pesquisa organizadas da seguinte maneira:

No Capítulo I são apresentadas brevemente as ideias de criança, percepção, memória e brincar que fundamentaram reflexões ao longo da pesquisa a partir de referenciais de diversos autores, suas teorias e práticas.

Já no Capítulo II são descritas as percepções iniciais das crianças e pesquisadora sobre a Costa da Lagoa, a partir do encontro e das trajetórias do grupo em campo. Apresenta-se o método desenvolvido com as crianças a partir da observação participante, iniciando a partir daí um aprofundamento na localização geográfica e afetiva da Comunidade da Costa.

Importante colocar aqui que o processo metodológico de pesquisa com crianças e imagens instiga a pensar, conforme sugere Ribeiro (2007 p. 62) “todo o processo de pesquisa como um grande processo de montagem”. Ao longo da pesquisa são mostrados pontos de vista das crianças em relação aos seus espaços e pessoas, e a partir das indicações dos meninos e meninas, é somado a estes olhares o olhar da pesquisadora. A participação dos moradores do lugar colaborou imensamente para a realização do conteúdo audiovisual.

A contribuição dada por aqueles que posteriormente visualizaram as imagens na comunidade ou fora dela também foi importantíssima. Com a colaboração, foi possível perceber a dimensão que a pesquisa antropológica subsidiada por imagens pode alcançar e, desta maneira, um espaço foi favorecido para que todos se transformassem em coautores destas narrativas ao receberem e disseminarem as imagens (e histórias das imagens). Porém sempre consciente de que:

[...] a possibilidade de cairmos numa rede intersubjetiva de pontos de vista particulares e sua questionável eficácia comunicacional está sempre submetida tanto aos interesses dos interlocutores



quanto às possibilidades de interpretação destes. O que parece ser importante é encararmos, de uma vez por todas, nossa posição de interlocutores e não mais de pretensos representantes do real... Assim, esperamos conseguir transformar as nossas metodologias de ação, cada vez mais interativas, tanto na reflexividade quanto na convivência com a diversidade. (BAIRON, 2007, p. 58).

Portanto, essas interações que aconteceram no processo de pesquisa construíram de maneira elementar as imagens que contam histórias da Costa. Essas imagens, que serão apresentadas no capítulo III, constroem sentidos do lugar para esses meninos e meninas e suas famílias através de fragmentos que demonstram visualmente os vínculos estabelecidos a partir do sentir, do pensar, do saber, do fazer e do querer, resultando no ambiente da comunidade.

É importante considerar o conceito de ambiente nesta dissertação, numa perspectiva sem separação e, neste sentido, refletir sobre uma integração de corpos que resulta em uma contribuição fundamental para o desenvolvimento deste trabalho. Igualmente importante perceber a localização afetiva, pois a noção do espaço físico da comunidade para as crianças da Costa é estabelecida à medida que os vínculos e acontecimentos, para elas relevantes, vão compondo o lugar. Portanto, suas referências geográficas e espaciais vão se constituindo a partir das relações vividas no ambiente (todo) comunitário.

A estratégia de ação foi favorecida por elementos, experiências e objetivos propostos pela antropologia visual, aqui relacionados ao processo de pesquisa e desenvolvidos ao longo do Capítulo IV. Neste Capítulo, sugere-se compreender as novas mídias digitais como meios que favorecem a integração de ambientes, equipamentos e pessoas e principalmente das imagens como constituintes da produção de conhecimento a partir de novas interpretações e explorações, além do potencial de possibilitar diferentes formas de (re) apresentação, realizadas com múltiplas vozes, de forma criativa e participativa.

A partir destes diálogos de olhares cresce o espaço de atuação de cada ator destas histórias, e dos espectadores ao se tornarem novos autores. Ao pensar essas interatividades como ampliações de processos e espaços de aprendizagem, são apresentadas as considerações finais ressaltando a importância de percebermos que os vínculos estabelecidos no presente vão sendo costurados entre e a partir das memórias e as projeções de futuros.

Neste sentido, ao compreender as ligações entre os processos observacionais, perceptuais, de memórias e relações de vínculos entre habitantes da Comunidade da Costa da Lagoa da Conceição, apresenta-se como referência a reflexão do Antropólogo Tim Ingold quando considera que esses processos acontecem porque estamos inseridos em um sistema vivo e interdependente.

Outra contribuição importante e que norteia todo o processo de construção da pesquisa e deste olhar ampliado aos processos de se conhecer é a ideia de percepção, que à luz de Merleau-Ponty, a sugere como provisória e incompleta, em constante movimento e desenvolvimento. Por isso ressalto a importância de sair dos espaços destinados à “educação formal” e pensar em novas estratégias de abordagens perceptuais realizadas em movimento, para que sejam provocados nas crianças a curiosidade e o todo potencial questionador que elas já possuem, observando e defendendo, assim, a comunidade como uma grande escola.

A escolha de ter como ponto de encontro das saídas de campo a própria escola da comunidade tinha o propósito de pensar uma escola aberta à comunidade e conseqüentemente a comunidade como um grande espaço de aprendizagem, uma porta/ponte para a aquisição de conhecimentos muito particulares que podem ser encontrados na individualidade e infinitude de cada saber e que por sua vez caminham incompletos, ou melhor, complementares uns aos outros.

---

## NOTA PRELIMINAR

---

Durante alguns meses, estive e estou descobrindo a Costa da Lagoa. E por estas marés, ventos, trilhas, pessoas, matas e cozinhas venho construindo vínculos com um pedacinho de Brasil. Minha chave de entrada foram as crianças, que com muita generosidade e alegria me apresentaram a cantinhos desse lugar, me fazendo compreender e integrar essa paisagem. Peço aqui licença a todos, que gentilmente me receberam, para adentrar e navegar por seus espaços, entre águas, caminhos, redes e fogões...

---

Quando se fala em olhar, observar, escutar crianças, adentramos um universo muito delicado, muito íntimo, pelo qual, antes de mais nada, precisamos ter grande respeito e reverência. O universo das crianças é sagrado. E, nesse sentido, são necessárias muita delicadeza e a humildade de – verdadeiramente – nos curvarmos e pedir “licença” para adentrar os espaços sagrados infantis. (FRIEDMANN, 2015, p. 39).

Minha estadia na Costa da Lagoa foi de apenas três meses, porém, entre idas e vindas, estive por lá durante todo o ano de 2015. Agradeço especialmente aos que tão bem me receberam e foram meus principais informantes. Listo brevemente seus nomes abaixo, os quais aparecerão frequentemente ao longo da Dissertação:

### **Crianças:**

Aquiles

Cauê

Daniel

Donovan

Eloá

Gustavo

José Antônio

Levi

Maria Clara

Milena

Pedro

Vitória

**Adultos:**

Bebeto

Dona Benta (*in memorian*)

Dona Dalva

Dona Eli

Dona Joana

Dona Rosalina

Dona Sionei

Pelé

Seo Deodato

Seo Dico

Seo Neri

Seo Nezinho

Seo Taba

Seo Valdir

Seo Zequinha

**Equipe da Escola Desdobrada e NEI<sup>12</sup> Costa da Lagoa**

Adriano

Aldanei

Carol

Cesar

Cleo

Deizi

Dineia

Eduardo

Elizangela

Elizete

Fabiana

Francisca

Laurien

Lurdes

Marilda

Mirelli

Nailde

Natalia

---

<sup>12</sup> A escola antigamente era multiseriada e agora possuem turmas separadas entre os 1º e 4º anos. A sigla NEI significa - Núcleo de Educação Infantil.

Sandra  
Sileda  
Sionei  
Sirlei  
Susanna  
Vadinha  
Waldirene

## **CAPÍTULO 1 – SOBRE CRIANÇAS, PERCEPÇÃO, MEMÓRIA E BRINCAR**

Este Capítulo apresentará os quatro eixos que nortearam todo o desenvolvimento da pesquisa etnográfica na Costa da Lagoa da Conceição. Trago referências de alguns autores sobre o conceito de “criança” que fundamentam o meu modo de olhá-las dentro do contexto da Costa da Lagoa. Justifico ao longo da escrita o porquê da necessidade de observar os fenômenos da percepção e da memória a partir do olhar brincante desses meninos e meninas ao considerar o espaço comunitário como um grande ambiente de aprendizagem.

### **1.1 CAPITÃO MENINO – SOBRE A GUIANÇA DAS CRIANÇAS**

Figura 7 - Crianças bebendo água com copinhos de folha na cachoeira.



Foto: Cauê (2015).

“Quer aprender com as crianças? Então as solte na natureza e siga-as.”  
Agostinho da Silva

Tentar definir o que é ser criança é um risco. E isso vale para qualquer indivíduo. Não há como estagnar em fases da vida, numa única definição, ou em um tempo geracional, faixa etária etc. Estaremos sempre atrelados às diversidades de contextos e, mais ainda, às suas composições, sobreposições e formas de sentir as relações.

Nesta dissertação observo a relação que algumas crianças estabelecem com seus ambientes e vice-versa ao constituírem-no e ao constituírem-se, mas para além disso, é importante considerar também

que compreendo que o ser criança alcança uma dimensão que está contida no além do visto, do constituído em seus lugares e para além de um tempo cronológico ou geracional. O ser criança pode estar contido em todos.

Entendo que essa condição “criança”, que se configura em um contexto de um plano maior, ultrapassa uma fase da vida e toca no mais profundo de cada ser, quando nos trazem questões de mundo, que extrapolam seus espaços físicos e caem no estado da imaginação. Nestes “tempos fora do tempo”, onde o incrível e o fantástico aparecem, as crianças (novas e eternas) encontram em seus caminhos histórias vividas, tempos desconhecidos e mundos a construir.

Há quem diga que a imaginação da criança em seus inícios de vida seja “pura fantasia”, quando não são encontradas respostas para as suas perguntas. Talvez assim seja mais fácil para os mais velhos tentarem mergulhar com elas nas suas questões, e sim, muitas vezes assumir que encontrar uma resposta pode parecer impossível. Por sua vez, quando menos esperamos, elas respondem com uma simplicidade incrível às respostas que encontraram e, por aquele momento, nos perguntamos: Como não pensei nisto antes...?

Isso é colocado aqui para que, simplesmente, estejamos mais atentos às nossas crianças, seja onde for o local. Elas, (contidas também em nós), carregam consigo um potencial que vamos desaprendendo, ou nos esquecendo, à medida que crescemos, ao longo das nossas caminhadas, sejam elas intelectuais, rituais ou familiares. O distanciamento da nossa infância faz com que este alcance, que vai além do palpável, do perceptivo, provoque um bloqueio de nós mesmos. Atentamo-nos à presença desta “trava”, quando estamos próximos a grupos de crianças. É necessário um esforço muitas vezes muito grande para que nos desbloqueemos, e assim (re)alcancemos um espaço que já é nosso, e que, por muitas vezes, esquecemos dele.

Criança é assim mesmo: quer a verdade do mundo. Seu impulso não é alienante, seu faz de conta é puro devir, é real em atividade, mesmo que imaginal. Por isso ela é dada a experiências e perguntas práticas, mesmo quando quer saber se a lua não se sente só e com frio. Pois aí mora um interesse real e prático sobre a realidade do outro, ainda que o outro seja tão diferente. (PIORSKI, 2015:87)



Relaciono abaixo alguns autores para fundamentar a importância de estarmos mais atentos às crianças novas<sup>13</sup>, e assim, tentar desconstruir a dureza do nosso olhar “adultocêntrico” para o universo desses meninos e meninas, permitindo que eles expressem seus olhares para o mundo que habitam, e que dessa forma possamos de fato respeitar seus tempos, seus espaços e suas ideias.

As compreensões de criança até a primeira metade do século XX eram regidas na maioria das vezes por olhares mais velhos, duros, que muitas vezes compreendiam que ser criança é apenas uma fase da vida, que são apenas socializadas ou que estão inseridas em uma estrutura social e em um contexto que a “prepara” para o mundo adulto. Nesse sentido considero que o mundo adulto “duro” aqui referenciado é um mundo com ausência da criança interior, da curiosidade, com pouca exploração do desconhecido, do surpreendente. Um mundo que prioriza a sobrevivência e menos a vivência, a experiência. Focado nas necessidades práticas, controlado por um tempo cronológico, com agendas, tarefas, e prazos a cumprir.

Esquecem-se, portanto, de pensar a criança “ela própria”. E o seu papel fundamental na concepção, reelaboração, construção e continuidade das histórias de seus ambientes. Esquecem-se do valor que elas têm ao contribuírem com as suas percepções sobre o mundo em que estão inseridas e muitas vezes desconsideram-nas, perdendo uma grande chance de (re) olharem e (re)avaliarem o próprio contexto social. O desafio de tornar esta criança eterna em cada um é grande, segundo Friedmann (2015, p.38):

[...] porque quem observa, geralmente o adulto, já foi criança um dia: ao mesmo tempo em que observar as crianças causa-lhe um estranhamento, causa ainda, em determinadas situações, familiaridade, um déjà vu de situações provavelmente vivenciadas na própria infância.

Clarice Cohn (2005) nos relembra algumas investigações que fundamentam o início de pesquisas antropológicas de e com crianças, tais como as de Margareth Mead, que teve grande parte da sua obra dedicada a investigações com crianças, buscando entender o que era ser criança em “outras realidades”. Apesar de ter sua obra criticada por

---

<sup>13</sup> Considero aqui a criança nova, o ser vivo em seus primeiros 11 anos de vida.

muitos, teve um papel relevante ao dar visibilidade aos meninos e meninas nos seus primeiros anos em suas pesquisas etnográficas.

Cohn, em seu breve e consistente livro “Antropologia da Criança” coloca como os estudos de Ruth Benedict<sup>14</sup> apontavam o “lugar” atribuído aos aspectos culturais, de *modelar* o comportamento humano em seus contextos. Pensar a criança moldada a partir desses parâmetros e referências seria subestimar todo o potencial criativo, produtivo e participativo dos meninos e meninas em qualquer que seja a sociedade em questão. Cohn aponta que embora as pesquisas antropológicas iniciais tenham sua devida importância para dar visibilidade aos estudos das crianças, práticas e metodologias desenvolvidas na história da antropologia, elas apresentam alguns pontos que merecem ser cuidados.

Foi, portanto, necessário uma atenção especial, para que não corrésemos o risco de estagnar na questão da formação da personalidade da criança, como elas adquiriam suas competências. A partir da década de 1960 esses pensamentos em relação às crianças começaram a ser reavaliados por antropólogos, surgindo a partir de então novas formas de olhá-las, estudá-las. Revisões dos conceitos de cultura tornaram-se necessárias para uma compreensão de que as informações culturais são constituídas a partir do momento em que experiências são vivenciadas por atores sociais e como estes vão ao longo da caminhada atribuindo sentidos a elas.

Clarice Cohn fortalece a importância deste momento de reavaliação da antropologia no que diz respeito à concepção de criança, pois “rever a sociedade implica rever o papel do indivíduo dentro dela” (2005, p.20):

[...] E, por isso, permitem que vejam as crianças de uma maneira inteiramente nova. Ao contrário de seres incompletos, treinando para a vida adulta, encenando papéis sociais enquanto são socializados ou adquirindo competências e formando sua personalidade social, passam a ter um papel ativo na sua própria condição. Seres sociais plenos, ganham legitimidade como sujeitos nos estudos que são feitos sobre elas. (COHN, 2005, p.21)

---

<sup>14</sup> Antropóloga americana considerada uma das primeiras mulheres que contribuiu para o estudo da antropologia. Focou seus estudos nas relações entre cultura e personalidade.

Segundo Friedmann (2015), na década de 1980 surgiu um interesse dos antropólogos de olhar para grupos infantis, apontando para a necessidade de se perceber a atuação das crianças, suas linguagens, seus interesses e culturas próprias de acordo com os contextos em que estão inseridas.

Tassinari (2009) nos lembra de como é tão forte a presença da referência escolar quando o assunto é criança, fazendo com que quase sempre muitos enxerguem-nas sob a condição “criança-aluna”, esquecendo-se de que elas também ensinam, e que a condição de aprendizagem perdura por toda a vida entre todos.

Somos tão marcados pela experiência escolar que temos dificuldade – como pesquisadores da infância, de desnaturalizar essa vivência e de conceber essa fase desatrelada à condição de “criança-aluna”, assim como costumamos a reconhecer a relação das crianças com seu meio social desvinculada daquela relação hierárquica estabelecida entre elas e seus professores. (TASSINARI, 2009, p.1)

Tassinari (2009) em nenhum momento desmerece a importância escolar, mas afirma que é necessário também refletirmos sobre outras possibilidades e contextos de aprendizagens, onde a criança é atuante e se coloca ao mesmo tempo como mestre-aprendiz:

Nossa proposta é refletir, por intermédio dos exemplos de sociedades indígenas, sobre contextos em que as infâncias podem ser vivenciadas com maior liberdade e autonomia e nos quais as crianças participam como autores plenos. Contextos de aprendizagem nos quais as crianças figuram como mestres e aprendizes. Nestes contextos, as “culturas infantis” não necessariamente remetem a mundos imaginários e ao faz de conta, mas revelam uma impressionante capacidade de objetividade na avaliação de conjunturas e no estabelecimento de estratégias para resolver problemas práticos. (TASSINARI, 2009, p 1).

No caso desta pesquisa considero, desde o princípio, a criança como parte fundamental no processo de construção histórica e cultural de um povo, como produtora de seus conteúdos, atuantes em seus contextos.

Neste sentido, reforço que as crianças participantes desta investigação são protagonistas em seus papéis e produzem o conteúdo social em que estão inseridas em constante troca e criação. Os meninos e meninas a que aqui me refiro colocam suas vozes, seus olhares e sentimentos para com elas mesmas em integração com todo ambiente que compõe a comunidade da Costa da Lagoa. Em concordância com Augusto Boal<sup>15</sup> reforço que acredito que: “todos os seres humanos são atores, porque atuam, e espectadores, porque observam.” (BOAL, 2009,p.1)

Vale ressaltar que na Costa da Lagoa existe um profundo cuidado, respeito e admiração mútuos entre os mais velhos e os mais novos, exaltando uma valorização aos saberes e fazeres da maioria dos que estão ali, não só das pessoas, mas também dos cachorros, gatos, pássaros, bois, peixes, árvores, plantas, ervas e, por que não, também das bruxas que habitam a Costa da Lagoa.

Compreendo as crianças em seus contextos, e acredito que o contrário também ocorre: compreendo o contexto ao observar as crianças. Por isso escolhi apreender o contexto da Costa da Lagoa através dos próprios meninos e meninas. Segui o conselho de Agostinho da Silva, que em conversa com uma grande amiga, a educadora Maria Amélia Pereira, sugeriu que para aprendermos com crianças, bastava soltá-las e segui-las, e foi o que fiz ao escolher realizar uma etnografia da Costa da Lagoa a partir de caminhadas diárias com elas. Compreendendo-as, compreendendo-me e apreendendo aquele ambiente.

Ao escolher conhecer um lugar a partir de uma relação estabelecida com as crianças é necessário estar aberto e muito atento ao que elas comunicam e perceber o que precisam e digo sem dúvida, que o que é preciso para essas crianças é brincar. E é o que elas fazem. brincam.

Brincar é preciso, viver não é preciso, talvez Fernando Pessoa também pudesse se referir a essa precisão do brincar quanto à precisão da navegação. Em relação à vida, a imprecisão a torna fluida, e passível de mudanças constantes, em qualquer instante. Suponho que as crianças

---

<sup>15</sup> Ensaísta, dramaturgo e diretor, foi fundador do teatro do oprimido. Para saber mais sobre o Teatro do oprimido, acessar: <[ctorio.org.br](http://ctorio.org.br)>.

caminham nestes dois lugares, porém elaboram a inconstância e fluidez da vida na precisão do brincar. E para este lugar do brincar a que me refiro levanto a hipótese de que ele funciona como uma “engrenagem” que move estas relações e percepções de mundo, sempre tão presentes e muitas vezes imperceptíveis... ou melhor, sem uma consciência perceptiva.

[...] a brincadeira, o lugar real de viver, esse não pode esperar. As escolas das almas, a oficina da criação, a engenharia de pontes que interliga saberes, essas não esperam e acontecem todos os dias nos quintais, nos barcos ancorados na praia, na vida real das crianças. Brincar é de fato real e muito agrada as crianças, pois se sabe conhecimento, tem significância, tira o seu substrato da vida palpável, aplica a visão e toda sua subjetividade para o pulso da comunidade, para as artérias do trabalho, constrói-se afetiva e comum a todos. Brincar é como um soro silencioso, gotejante, invisível, percorre por dentro, ensina por via venal o sumo do mundo. (PIORSKI, 2015, p.85).

Na imprecisão das imagens das crianças compreendi a precisão das suas informações à medida que brincávamos. Brinquei com as imagens dos meninos e meninas expandindo o tempo delas deixando-as em velocidade lentíssima e fui elaborando a minha navegação na Costa. Compreendi assim fluidez do lugar pelas pontes que estabeleci com todos ali através das percepções e memórias daquelas crianças que, ao longo das caminhadas, aproximavam-me dos que faziam parte de seus cotidianos.

Escolhi aprender a Costa da Lagoa com eles na atuação e observação deles. Apreendo a Costa da Lagoa através do presente. Neste tempo presente e entregue das crianças consegui me transportar para histórias vividas e tempos sonhados. O presente das crianças carrega a memória de um futuro que acaba de começar a cada instante que respiramos. Perceber nelas este estar e ser, e ao mesmo tempo encontrar nelas o que foi e o que virá, foi o que me fez tentar fazer uma etnografia que expande o visto, e o escutado, mas que é principalmente construída através dos sentidos e sensações, através das práticas, das experiências vividas, das habilidades, dos vínculos.

Ao longo das narrativas, percebemos o engajamento das crianças nas relações, e sua atividade dentro da comunidade. Com muita autonomia apresentam seus espaços e transitam de forma segura ao longo das trilhas e caminhos da Costa, atuando na construção dessas relações, no fortalecimento de vínculos e reconexões de parentesco, além de me inserirem em suas relações cotidianas fazendo com que eu fortalecesse o meu vínculo com aquele ambiente.

Dessa forma tornei-me “cúmplice” dessas crianças em seus lugares, e pude com elas fazer a ponte com os adultos da Costa. Ao contrário do que muitos pensam ou fazem, quando o assunto é pesquisa com crianças, o meu papel enquanto pesquisadora não era estabelecer uma ponte entre as crianças, mas as crianças se tornaram uma “rua de mão dupla” para que pudéssemos descobrir pessoas, saberes e caminhos, e reelaborá-los quantas vezes fossem necessárias, e assim “estabelecermos relações que valerão para a vida toda” (COHN, 2005, p.38).

Compreendi no processo que três fenômenos fundamentais consistiam na elaboração e fortalecimento destes encontros pelos meninos e meninas da Costa: O brincar, a memória e a percepção.

Considero fundamental refletir sobre estes fenômenos para conseguir olhar de maneira sincera, despida de pré-julgamentos, para o universo dos meninos e meninas. Conseguimos observar a partir do brincar como a percepção é estimulada e acontece uma busca de uma memória preexistente ao mesmo tempo em que são elaboradas novas memórias. Desta forma vão atribuindo sentidos às coisas, lugares, momentos e histórias. Esses sentidos são diferentes do universo adulto, porém nem melhor nem pior, nem maior ou menor... apenas diferentes e, por isso, complementares.

Portanto, trago aqui algumas contribuições que as crianças da Costa oferecem a partir dos seus olhares para compor esta pesquisa. Busco acima de tudo reforçar a intensidade que possui o encontro para que possamos ampliar os nossos conceitos e noções sobre a aprendizagem, estimulando com esta iniciativa um olhar mais sensível para o mundo que habitamos, através de um grupo muito particular, que são as crianças da Costa da Lagoa. Porém, se estivermos dispostos, podemos exercitar as nossas percepções estando atentos às mais diversas possibilidades de aprender.

Figura 8 - Cauê aprendendo a navegar no barco Frutuoso com Beбето (pai do Pedro).



Foto: Pedro (2015).

## 1.2 DAS PERCEPÇÕES

Tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência de mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada.

Todo o universo da ciência é construído pelo mundo vivido, e se quisermos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo, da qual ela é a expressão segunda. A ciência não tem e não terá jamais o mesmo sentido de ser que o mundo percebido, pela simples razão de que ela é uma determinação ou uma explicação dele. (MERLEAU-PONTY, 2011)

Provocar experiências de mundo. Essa foi a minha grande intenção quando desejei iniciar uma pesquisa antropológica a partir de trajetórias diárias com crianças. A cada dia diferentes olhares, novos encontros e descobertas. Todos sempre carregados de sentidos e significados para os moradores da Costa da Lagoa e para mim também.

A observação participante foi um mergulho neste experienciar, no exercício do meu foco de visão, da minha escuta e sensações corporais (o vento no corpo, as longas caminhadas, os cheiros, o frio e sabores da Costa). Comecei a perceber o ambiente da comunidade à medida que me percebia. Tinha plena consciência também de que quem estava sendo observada era eu. Desloquei a minha intenção inicial que era perceber o lugar e passei a focar na minha autoconsciência ao tentar perceber como eles me percebiam, para compreender como estava iniciando essa relação.

Esse despertar para o novo universo a que estava me propondo foi fundamental para que pudesse respeitar os tempos de cada um e aos poucos de maneira muito natural ficassemos mais à vontade uns com os outros. Principalmente as crianças comigo e eu com elas. Senti desde o começo a curiosidade de entender como então eram construídas as nossas percepções, já que as minhas memórias passadas pouco faziam parte daquele lugar. Compreendi em determinado momento, que esses pequenos contatos perceptuais com o ambiente ativavam uma memória que não necessariamente precisava ser dali.

As minhas percepções remetiam a memórias de um outro momento, mas que naquele instante estabeleciam uma relação com aquele lugar, desde a minha forma de andar, respirar até o jeito de cuidar ao falar, do questionar, do oferecer, do estar presente. Minhas memórias me faziam ter um profundo respeito com tudo e todos ali. Estar sendo também observada me colocava em uma condição de maior atenção ainda, e esta condição acontecia de uma maneira muito espontânea acompanhada de um enorme prazer.



Compreender que estava experimentando esse novo momento fazia-me sentir aquele espaço de uma maneira muito especial, percebi em mim a consciência de uma atenção que aprofundava a minha vontade de mergulhar naquele lugar e com muito gosto ouvi-los, acompanhá-los. Entendi que o que sentimos vem carregado de intenções prévias e que vão desabrochando ao longo da nossa trajetória. E que nossas memórias, percepções e aprendizados anteriores contribuem imensamente para adquirirmos novas percepções e memórias. Confirmei, assim, que “a percepção não é uma operação ‘dentro da cabeça’, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuito que perpassa as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo.” (INGOLD, 2000).

Sentir isso foi fundamental para começar a observar no contato com as crianças a forma com que elas percebiam e sentiam nas relações com aquele lugar: ao me contarem suas histórias, me mostrarem os seus cantos, sua gente. E eu me perguntava: O que é importante para estas pessoas? O que faz sentido para estes meninos e meninas? Como e por quais caminhos eles experimentam este mundo?

Busquei aprofundar o método da observação que estava desenvolvendo quando ofereci para as crianças as câmeras digitais. Tentei com isso instigar que elas me mostrassem a partir das suas imagens o que para elas era importante ali<sup>16</sup>, e a partir daí comecei a sentir novas percepções à medida que assistia as imagens dos meninos e de alguma maneira reelaborá-las à medida que “as somava”, como um grande quebra-cabeça.

Walter Benjamin, em seu ensaio “A pequena história da fotografia” (1987), analisa séries de trabalhos de fotógrafos e chama a atenção para algo novo que percebe na fotografia de Hill<sup>17</sup>, o momento do encontro, o momento da criação da imagem, e faz um comentário muito interessante a respeito da “aura” da fotografia. Naquela época a necessidade técnica exigia um tempo mais longo de exposição. Esse tempo, segundo ele, favorecia uma sensação de “assegurar o instante”, possibilitando que enxergássemos o momento para além da imagem revelada.

Esse tempo assegurado, ele chama de “centelhas do instante”, que nos leva ao que ele coloca como “inconsciente ótico”. Benjamin sugere posteriormente que a evolução da técnica pode tornar-se de alguma

---

<sup>16</sup> Ver estas imagens em: [https://www.youtube.com/watch?v=CM7V7-C\\_BLA](https://www.youtube.com/watch?v=CM7V7-C_BLA)

<sup>17</sup> Hill era artista plástico e produziu fotografias de cotidianos de pessoas pouco ou nada conhecida para inspirar e compor seus afrescos.

maneira visível, algo que o olho humano não é capaz de fixar, revelando outras dimensões da realidade.

O que pretendi ao oferecer os equipamentos aos meninos foi justamente tentar ampliar o campo de reflexões e percepções deles através de um fazer artístico, no caso a fotografia e o vídeo. Ainda inspirada por Benjamin<sup>18</sup>, nos momentos de análise e estudo das imagens realizadas pelas crianças busco explorar as possibilidades que as tecnologias digitais nos oferecem e experimentei nas imagens utilizar um tempo expandido, deixando em câmera lentíssima os planos “imprecisos” realizados pelos meninos logo no início da pesquisa, para que pudesse observar o ponto de vista do corpo das crianças através das imagens em relação ao ambiente da Costa da Lagoa<sup>19</sup>, e ao mesmo tempo montá-las com a precisão das informações passadas por eles.

Tentei com isso, de certa forma, alcançar um pouco deste “inconsciente ótico” que Benjamin coloca, para podermos olhar para estas efemeridades do instante, tornando-as mais perceptíveis e dando-lhes uma nova dimensão. Ao contrário, continuariam invisíveis. Assim pude brincar com esse vasto campo de possibilidade de olhares que as imagens e as tecnologias digitais nos oferecem a todo instante. Ao experimentarem o zoom, por exemplo, um dos meninos falou muito prontamente: “Olha! Visão além do alcance!”.

Esse olhar além, para as tamanhas possibilidades que o espaço comunitário da Costa nos oferece a todo instante, é realizado através e a partir do olhar das crianças, costurando-se com as histórias dos mais velhos daquele lugar. Como uma construção coletiva contínua, que emerge dos espaços sentidos, transformando-se e convergindo em uma coleção de olhares e memórias sobre um ambiente específico.

Alcançar esta consciência de que antes de tudo estamos diante de um mundo que se dispõe a nós e começa a existir para nós, faz com que comecemos a elaborar as nossas percepções e imagens para com ele.

A partir deste momento de elaboração, começamos a construir as nossas narrativas em relação ao mundo percebido, e, aí chegamos a um momento que ao mesmo tempo em que é muito delicado é muito

---

<sup>18</sup> Quando ele cita os trabalhos do escultor Karl Blonfeldt, que ampliava imagens de microvegetais tornando-os gigantescos totens dentre outras formas incríveis que estes seres possuem, mas que não podem ser vistas apenas com o olho.

<sup>19</sup> Para visualizar estas imagens acessar:

[https://www.youtube.com/watch?v=hmVnqPR\\_ZNk](https://www.youtube.com/watch?v=hmVnqPR_ZNk)

intenso. Pois, a partir das narrativas começamos a empreender nossas ideias em relação a estas percepções, e aí entramos em uma via de construção colaborativa.

Tentar descrever estas percepções, apenas elas, de uma forma livre de análises é uma tarefa extremamente difícil, diria impraticável, já que a própria narrativa acontece carregada desses nossos sentimentos e pré-conceitos, construídos justamente nas nossas relações e percepções com o mundo.

Talvez por este motivo, a ideia de tentar realizar uma antropologia através e sobre imagens, tenha se tornado uma solução para que inicialmente não me prendesse totalmente a pré-intenções ou julgamentos. O interesse maior era com o momento. Porém, da mesma forma, este momento por si só já continha estas informações prévias e já se projetava para além dali independente da minha análise, totalmente dependente dos olhares, percepções e memórias das crianças e daqueles que faziam ou iriam fazer parte delas.

Por mais que desejasse que aquele mundo se desabrochasse para mim da forma que ele se apresentava, percebi que não tínhamos como escapar dessa gama de pré-intenções, sentimentos e percepções dele. Como Merleau-Ponty coloca:

Mas isso é uma ingenuidade ou, se preferir uma reflexão incompleta que perde a consciência do seu próprio começo. Eu comecei a refletir, minha reflexão é um reflexo sobre um irrefletido, ela não pode ignorar-se a si mesma como acontecimento, logo ela se manifesta como uma verdadeira criação, como uma mudança de estrutura de consciência e cabe-lhe reconhecer, para alguém de suas próprias operações, o mundo que é dado ao sujeito, porque o sujeito é dado a si mesmo. (MERLEAU-PONTY, 2011)

Neste sentido, acho importante trazer uma consciência do que sinto em relação à percepção ou percepções para esta etnografia, para desenvolver futuramente uma análise das imagens produzidas ao longo da pesquisa de forma contextualizada ao ambiente e modos de viver, conhecer e apreender das pessoas desta comunidade.

Em relação aos vídeos e fotos produzidos, primeiramente tentei perceber uma experiência imagética diferente ao visualizar o ponto de vista do corpo das crianças em relação ao seu ambiente, compondo as imagens com a presença e ausência deles ao mesmo tempo, sugerindo

também que encontremos em nós mesmos as nossas imagens e percepções para com os nossos lugares.

No processo, fomos considerando conjuntamente quem e o que ali era importante ser visto, filmado e mostrado, aos poucos estas imagens foram tendo diversas autorias, não só das crianças, mas também minhas em relação a elas e seus lugares e também as do meu companheiro Alexandre Basso, que contribuiu imensamente com o seu olhar registrando as relações que aos poucos fomos construindo com as pessoas da comunidade.

Ou seja, desta maneira fomos constituindo diversas experiências no ambiente da Costa da Lagoa, tecendo assim parte da memória coletiva da Costa da Lagoa da Conceição, a partir destas memórias e percepções individuais, que se transformam em uma parte da memória social, formadora do grupo.

Fomos nos tornando simultaneamente produtores e receptores destas histórias, numa relação dinâmica e criadora entre pesquisador/crianças/comunidade. Concluo esta ressalva sobre percepção com mais uma reflexão de Merleau-Ponty:

O mundo não é um objeto do qual possuo comigo a lei da constituição; ele é o meio natural e o campo de todos os meus pensamentos e de todas as minhas percepções explícitas. A verdade não “habita” apenas o “homem interior”, ou, antes, não existe homem interior, o homem está no mundo, é no mundo que ele se conhece. (MERLEAU-PONTY, 2011)

E eu, como espectador estrangeiro neste novo mundo, comecei a me (re)conhecer, reexperimentando a minha existência, percebendo-me em uma consciência dentro das infinitas consciências de mundo que existem. “Portanto, não é preciso perguntar-se se nós percebemos verdadeiramente o mundo, é preciso dizer ao contrário: o mundo é aquilo que percebemos.” (MERLEAU-PONTY, 2011).

### 1.3 DAS MEMÓRIAS

Compreendo a delicadeza do terreno em que piso, quando me proponho falar do fenômeno da memória, estou consciente que estarei implicitamente falando também de uma imaginação criadora, das formas que o indivíduo tem de se relacionar com o mundo externo e interno e

também da dialética esquecimento-lembrança. Tanto a percepção quanto a memória envolvem amplas discussões. Muito mais do que fenômenos biológicos ou registros de acessos às lembranças e esquecimentos, elas trazem nos seus acontecimentos diversas características relacionadas a um caráter afetivo, que nasce e se constrói a partir deste mundo percebido, a partir da experiência dos indivíduos nele.

O fato é que o fenômeno da memória não é algo que consigamos compreender de maneira muito clara. Podemos acessá-las através das recordações e lembranças, ou também perder esse acesso esquecendo-as. As memórias constituem-se no nosso corpo, e uma das maneiras de acessá-las e construí-las é através das conexões perceptivas.

Ou seja, ao falar de memória e percepção, poderíamos nos enveredar por diversos caminhos tentando explicar como elas acontecem. O conceito de memória é estudado e vem se modificando há muito tempo, filósofos, historiadores e cientistas vêm o adequando de acordo com seus contextos, utilizações e funções sociais. A forma como a memória opera, foi e ainda é de interesse de muitas pesquisas em diferentes áreas, entre elas as ciências sociais e a psicologia, que tem em seus caminhos a memória individual e coletiva como campos de estudo.

Porém, não foi exatamente a intenção desta pesquisa: aprofundar uma explicação sobre o que é a memória ou sobre o que é a percepção e como elas operam. Nem caberia em uma dissertação. A intenção foi observar como estes fenômenos possibilitam as compreensões de mundo, construções de vínculos e os modos de se conhecer e de se aprender.

Considero aqui a memória uma veia dinâmica, que opera no presente, mas se comporta como um fio que conduz o fluxo de sentidos, permanências e transformações, portanto, acho fundamental também refletir sobre como a memória, ou a falta dela, contribui para as nossas percepções, e vice-versa. Memória como um elo de ligação entre o passado e futuro, mas que acontece agora.

Neste sentido, aproprio-me dessa incompletude e ao mesmo tempo dessa infinitude do tempo, para representar algumas construções destas memórias através das imagens realizadas pelas crianças da Costa da Lagoa. Através delas, conseguiremos ao longo desta dissertação transitar entre tempos passados e futuros, experienciados no presente.

Como em um jogo, materializei ao lado das crianças algumas memórias da Costa nas imagens que apresentarei e conseqüentemente estas imagens em palavras, gestos e narrativas. Estas memórias desabrocharam a partir de percepções atuais da comunidade, que por sua

vez transformam-se em novas percepções e outras memórias continuamente através das imagens produzidas.

Durante o processo, compreenderemos a importância da memória individual para a construção da memória coletiva e vice-versa. Para Maurice Halbwachs (1990)<sup>20</sup> a memória particular está diretamente vinculada a um grupo, a pessoa carrega a lembrança ou o esquecimento os quais sempre interagem em um contexto. Desta forma, ele considera que é a partir dessas relações que constituímos as nossas lembranças, e que elas estão sempre permeadas das memórias de outros que nos cercam, sem necessariamente a presença deles. Ou seja, é nessa malha de relações tecida na experiência de vida que alimentamos uma unidade que o autor chama de “comunidade afetiva”.

Uma das estratégias utilizadas durante a pesquisa foi a criação do jogo de memórias, construído a partir das fotos realizadas durante o campo de pesquisa com os meninos. Esse é um jogo bastante comum entre as crianças, que consiste em um conjunto de imagens duplicadas cujo objetivo é encontrar os pares iguais em meio às outras fotografias. Realizamos esta experiência de jogar as “memórias” (imagens) com diferentes pessoas da comunidade e conseguimos através dessa dinâmica perceber como, de fato, as relações estabelecidas entre as pessoas e as imagens/memórias construíam essa comunidade afetiva, pois a partir do jogo, novas narrativas surgiram confirmando esse processo contínuo de interação e integração das lembranças e logo – as memórias das imagens foram traduzidas em novas palavras e narrativas/ e novas memórias projetadas em novas imagens.

---

<sup>20</sup> Sociólogo francês. Destaca-se pelo estudo do conceito de memória coletiva.

Figura 9 - Jogo de memória desenvolvido e brincado ao longo da pesquisa. Ver mais imagens das coleções em:

<http://aventureirosfotogr.wix.com/costadalagoa#!galerias/cloyo>

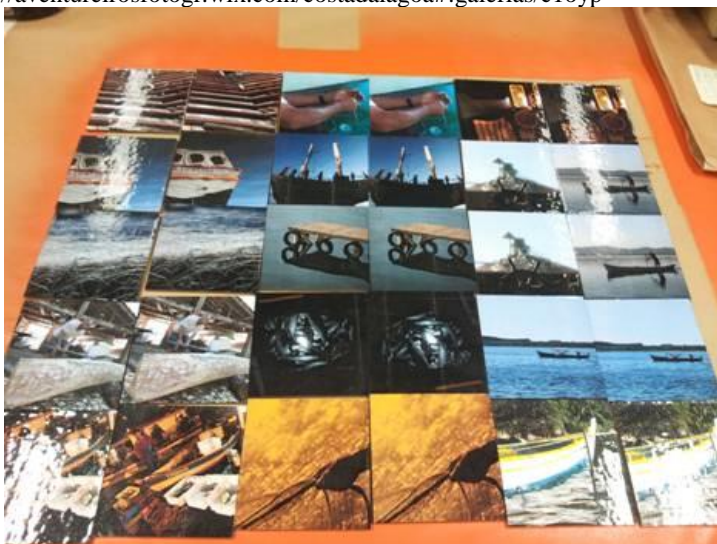


Foto: A autora (2015).

Acima apresento uma das coleções do Jogo da Memória produzido com as crianças. Existem imagens realizadas por todos os participantes do processo, com as fotografias da Costa. Os jogos são compostos por três coleções: coleção dos saberes (que inclui a pesca, culinária, navegação, sugerindo uma memória da técnica), coleção das texturas (contendo imagens do ambiente que provocam uma memória multissensorial) e coleção das pessoas (que na maioria das reações nos conduziu a uma memória afetiva).

Reflito como estas memórias condensam atividades individuais e coletivas, reforço que elas são inseparáveis e como as dimensões de vida e trabalho são transversais, a exemplo da própria coleção dos saberes, que reflete uma memória da técnica. Essa técnica, na maioria das vezes no caso dos participantes, são atividades que além de conduzirem ações direcionadas a um trabalho e modo de “ganhar a vida”, são a própria vida, pois são atividades desejantes, realizadas com prazer e vontade, elas são autogratiﬁcantes, pelas quais essas pessoas não se vinculam apenas por interesse em sobreviver, mas, muito mais, por afetos e expectativas compartilhadas.

Essas atividades são construídas numa perspectiva de darem sentido para a vida. Neste sentido, percebo que essas técnicas são o próprio processo de criação que é desejado e semelhante ao que acontece no ato de brincar. O lugar da invenção. *Téchne*. A arte.

Com o processo do jogo de memórias, elaboramos – eu e as crianças - que ao nos depararmos com algo que tenha um sentido comum ganhamos uma nova memória estabelecida a partir de alguma referência ou algum significado atribuído anteriormente, por conta da relação e vínculo que as pessoas criavam com aquelas imagens através das suas lembranças, comprovando que além de ser um fenômeno individual, psicológico, a memória antes de tudo é um fenômeno social, derivada de seus diversos atores e que pode transmitir conhecimentos, técnicas, invenções e estimular novos processos criativos.

Figura 10 - Crianças e pesquisadora recebendo os moradores da comunidade para assistir aos vídeos e brincar com os jogos de memórias na exposição realizada na escola da Costa em Setembro de 2015.



Foto: Vitória (2015).

Faço um paralelo à ciência do concreto onde o antropólogo Lévi-Strauss coloca que “os elementos da reflexão mítica estão sempre



situados a meio caminho entre perceptos e conceitos” (LÉVI-STRAUSS, 2013, p. 34).

Ou seja, as imagens e os conceitos em relação a elas compõem assim as diversas narrativas que constituem as memórias da comunidade, assim supõe-se que essas memórias seriam os signos que cumprem o papel de elo, vinculando a imagem ao conceito. Utilizo ainda o jogo de memória em paralelo com o pensamento de Lévi-Strauss ao referenciar o trabalho do *bricoleur*:

Tais elementos são, portanto, semiparticularizados: suficientemente para que o *bricoleur* não tenha necessidade do equipamento e do saber de todos os elementos do corpus, mas não o bastante para que cada elemento se restrinja a um emprego exato e determinado. Cada elemento representa um conjunto de relações ao mesmo tempo concretas e virtuais; são operações, porém utilizáveis em função de quaisquer operações dentro de um tipo. (LEVI-STRAUSS, 2013, p. 34).

Neste sentido, sugeri com esta experiência do jogo experimentar as inúmeras possibilidades de narrativas a partir das imagens e dos conceitos que a população associava a elas, e assim compreender o significado e importância delas para eles, possibilitando a ampliação e transformação do grupo às suas próprias histórias.

Ecléa Bosi (1994) afirma que lembrar e narrar são elementos da linguagem e esta é o elemento socializador das memórias. No caso desta etnografia utilizamos também a linguagem fotográfica e audiovisual para projeções dessas narrativas que constituem parte da memória coletiva (e afetiva) da Costa da Lagoa da Conceição.

A utilização de recursos audiovisuais durante a pesquisa foi pensada para possibilitar a expansão das memórias e as suas diversas formas de projeção delas ao mundo. Também compreendi uma nova relação entre tempos e espaços e reelaboração de novas percepções em relação ao que foi visto, vivido e experienciado a partir das imagens.

Questiono que se pensamos com e através de imagens, logo construímos conhecimento com as imagens, e estas imagens também fazem parte das nossas memórias e que também estão ligadas diretamente à imaginação tanto do emissor quanto do receptor.

Reforço, assim, que ao falar de memórias, estamos falando também de uma imagem ou imagens que acontecem no presente, mas

que são carregadas de experiências de vida de outras épocas e que através de muitos recursos (biológicos e/ou digitais), como a imaginação e fotografias, possivelmente serão projetadas para o futuro.

Portanto, levei em consideração a possibilidade de realizar este estudo antropológico de forma também sensorial através das imagens realizadas, onde a continuidade dos fatos não tem muita relevância, podendo então arriscar uma leitura descontínua das memórias coletadas, e, ainda pensando de forma audiovisual, permitir que cada leitor/espectador elabore a sua montagem, criando, assim, novas percepções e memórias das histórias da Costa, ultrapassando a dimensão da técnica, alcançando uma dimensão afetiva, nos espaços sentidos das imagens.

#### 1.4 DO BRINCAR

Segundo Tim Ingold (2012), habitar o mundo é se juntar ao seu processo de formação. Dessa forma, o brincar é compreendido aqui em consonância com esse autor, como modos de criar, estar, sentir, absorver e comunicar o ambiente, ou seja, habitando-o, vivendo-o, fazendo jus à etimologia da palavra “brincar”, que deriva de *vincullum*.

Ao meu ver, esse *vincullum* a que me refiro são os laços que são criados entre pessoas-mundo, e que estão diretamente relacionados ao processo de invenção, que nutre a criação. Se pensarmos que todo processo criativo estimula uma comunicação, seja entre pessoas ou materiais que constituem o ambiente, poderemos encontrar aí a chave da produção primordial do ato de saber e sentir, ou seja, conhecer.

Ao criar, estamos começando o novo que de alguma maneira comunica algo, que pede o corpo, os sentidos e o que é preciso ser feito, para mim e para o outro. Pede experimentar. E assim uma invenção, um afeto, uma emoção ou um sonho são realizados e compartilhados, criando nesse momento uma aproximação, seja entre pessoas e pessoas, pessoas e matérias, lugares etc.

Neste sentido, brincar é vincular. Estreitar relações, aproximar. Brincar é uma iniciação da criança ao mundo sensorial, afetivo, funcional. É a possibilidade primeira de invenção do homem e assim sua iniciação às trocas, contatos e conhecimento. Ao brincar recebemos estímulos sensoriais ativando nossas percepções para o ambiente, para a história e cultura, participando consequentemente do processo de construção das memórias, sejam das crianças ou dos adultos.

Como já mencionado, a etnografia levanta uma reflexão acerca das formas de apreender e se conhecer. Por isso foi criada uma estratégia

de ação para que a investigação acontecesse partir do engajamento dos sujeitos para com o ambiente em que vivem (INGOLD, 2012). E a forma que as crianças se engajam com o mundo é brincando. É dessa maneira que seus conhecimentos e suas habilidades vão sendo conquistadas, com a observação e atuação, não apenas em informações transmitidas de geração a geração.

Por isso, valorizar e estimular o brincar ao longo da pesquisa sempre foi uma condição para que este trabalho acontecesse com a intenção de valorizar a importância dos tempos e espaços de brincar, não só das crianças, mas também dos adultos, que muitas vezes percebem o brincar como algo “sem importância” ou como “coisa de menino”. As pessoas, em sua maioria, têm deixado de permitir esta entrega ao mundo, muitas vezes pelas demandas práticas da vida cotidiana e assim, a sociedade em geral cai num ciclo tendencioso ao isolamento pela falta de contato físico com o outro e com o ambiente, pela falta de coragem de se entregarem às suas curiosidades, pelo não experimento, pela falta de observação e contemplação, esta tão visível quanto intensa durante o brincar das crianças.

Garrocho (2002) coloca que brincar é uma forma de habitar o mundo. É neste sentido que o brincar é compreendido nesta investigação: como a maneira mais genuína de se estar, sentir, absorver e comunicar o ambiente, ou seja, habitando-o, vivendo-o.

De forma metafórica, Ingold coloca ainda que não pode haver um mundo onde o céu e a terra não se misturam. Logo, foi neste canal aberto às trocas, e integração nos espaços de convívio que a investigação teve o seu foco principal, ao sentir que ali no brincar/vincular, as relações aconteciam. Questiono se não é prudente pensar o brincar como um agente que possibilita o “fluxo de substâncias” (INGOLD, 2000) que dão sentido à vida de um grupo, como uma malha que conduz, integra e transforma os aspectos históricos/naturais/sociais.

Ao falar de brincar é preciso deixar claro que este brincar aqui referenciado possui uma extensão que envolve não apenas crianças pequenas, mas de tantas quantas forem as idades, reforçando a justificativa de querer compreender o brincar como essa via que possibilita a união de corpos-ambiente-sensações para percepções de mundos em construções dos processos históricos e culturais de um povo, como as linhas de devir propostas por Ingold num movimento constante de tornar-se ao mesmo tempo que já é parte.

Desta maneira, conheci e estou conhecendo pedacinhos desta comunidade e apresento-os brevemente aqui, através de uma construção coletiva, que partiu das percepções constituídas nos brincares das

crianças entrelaçando-se com as memórias e ambientes vividos, numa contínua construção de vínculos que pretende perpetuar momentos através das suas imagens e narrativas.

[...] Porque não basta um só vínculo. Por isso estou atado a muitas coisas, por isso sinto que há mais seres que me atam: por que os graus da beleza são diversos... Isto me inflama e me ata a este por uma razão; outra coisa àquele, por outra razão. Porque, se todas as razões se reunissem em um só ser, talvez só um, por todos e dentre todos, me aprovesse. Mas, até aqui, a natureza não tolerou absolutamente, a fim de espalhar vários vínculos de beleza, de alegria, de bondade, bem como os diversos afetos contrários a eles, e oferecê-los segundo a multiplicidade de partes da matéria. [...] (GIORDANO BRUNO, 2012, p. 21).

## **CAPÍTULO 2 – ENTRE ÁGUAS, TRILHAS, VENTOS E FOGÕES**

### **2.1 NAVEGANTE – SOBRE AS ÁGUAS DA CONCEIÇÃO**



Figura 11 - Imagem dos barcos na procissão de Nossa Senhora dos Navegantes.

Foto: A autora (2015).

Quando cheguei à Costa da Lagoa pela primeira vez fui surpreendida pela beleza do lugar e, com um olhar ainda deslumbrado, me encantei por aquela comunidade. Este olhar de encantamento foi sendo substituído por uma consciência da dimensão que aquele lugar me apresentava aos poucos, ao me aproximar das pessoas, e conhecê-las mais de perto.

Em pouco tempo já sabia que ali era um espaço sobre o qual poderia desenvolver um olhar especial, que buscasse refletir sobre processos e espaços de aprendizagem a partir de questões que envolvessem memória, laços e histórias... além de muita brincadeira e belas imagens. A intenção daquele lugar se tornar o meu campo de pesquisa foi amadurecendo à medida que percebia que ali eu teria a presença de muitos dos elementos que gostaria de investigar: as

crianças, as memórias, a fé, a solidariedade, o ambiente, os trabalhos, as brincadeiras, o cotidiano, a vida.

Decidi mergulhar nessas águas e caminhar por essas trilhas, de maneira mais profunda. Então, comecei a minha pesquisa de campo na comunidade da Costa da Lagoa, mais especialmente pelas águas da Lagoa da Conceição, dia 8 de fevereiro de 2015. Não por acaso. Esse foi um dia em que muitos ali celebram a sua fé àquela que protege os que navegam pelas águas que os cercam: Dia de Nossa Senhora dos Navegantes, santa protetora dos pescadores e de todos os navegadores e viajantes das águas. A festa acontece na região no segundo domingo de fevereiro. Segundo a crença local, todos que participam da festa são pessoas que desejam nos seus caminhos águas calmas e uma chegada tranquila ao porto seguro.

No dia de Nossa Senhora dos Navegantes o fluxo de pessoas aumenta na Costa da Lagoa e, por ser verão e alta temporada de férias no Brasil, percebe-se que a manifestação sagrada e o movimento da comunidade para a organização da festa misturam-se à folia do calor do verão e a beleza do lugar. Enquanto alguns barqueiros, festeiros e crianças se empenham no preparo da missa e procissão, outra parte dos moradores da Costa da Lagoa está em seus restaurantes, barcos e lojinhas dando conta da vasta demanda dos clientes que chegam ali para passar o dia e conhecer o lugar.

Figura 12 - Imagem de Nossa senhora dos navegantes com um barquinho na mão.



Foto: Alexandre Basso (2015)

Figura 13 - Barcos enfeitados para a procissão.



Foto: A autora (2015).

Neste início, percebia que era apenas mais uma ali. O meu lugar naquele momento era para muitos o da “turista que veio ver a festa”. Poucos me conheciam. Apenas algumas crianças e professores da escola, pelo fato de já ter estado com eles anteriormente em pequenos trabalhos. Esses primeiros contatos com a equipe da escola foram fundamentais para organizar uma proposta de pesquisa etnográfica que envolvesse as crianças como coinvestigadores e a escola como parceira.

No primeiro momento, apresentei a minha ideia de ação a ser feita com as crianças à equipe escolar, na qual sugeria um mapeamento afetivo da comunidade da Costa realizado pelas crianças da escola através de registros fotográficos e audiovisuais. Muito prontamente, o corpo docente da escola me aconselhou nomes de pessoas da comunidade com as quais poderíamos conversar e principalmente sugerindo as crianças que teriam disponibilidade de participar.

O convite foi feito às crianças dos 3º e 4º anos do ensino fundamental da escola e a conversa sobre o projeto se estendeu aos pais e a todos aqueles que tivessem interesse em colaborar de alguma maneira. Algumas crianças concordaram em participar dos encontros, que aconteciam inicialmente sempre às segundas e quartas-feiras pela manhã, horário oposto ao turno da aula formal. Nas primeiras duas semanas os encontros aconteceram na escola. Engraçado perceber que a cada dia o número de participantes aumentava. Começamos com três, no segundo dia cinco, depois oito e ao final da segunda semana éramos dez.

Nestes dias iniciais a proposta foi de nos conhecermos um pouco mais... eles estavam curiosos em saber o que iriam fazer, e eu, claro, também. Ansiosa para saber como eles iriam considerar a proposta de me apresentarem à Costa...Queriam saber quem eu era, talvez muito mais do que eu pudesse imaginar. Antes de conhecê-los, eles já me mostraram ser pesquisadores exemplares, pelos questionamentos que faziam sobre a minha história de vida e também ao tentarem entender de que maneira iriam participar desta pesquisa.

Fui aos pouquinhos me apresentando. Estes primeiros contatos fizeram com que eu me reapresentasse de alguma maneira a mim mesma. Luiza Lameirão (2015) questiona o que esse estranhamento pode revelar acerca de nós mesmos. De certa forma foi um reencontro com a minha história e uma reflexão do que me fazia estar ali em campo com aquelas crianças naquela comunidade. A minha subjetividade nos primeiros dias de campo me afastava e me aproximava de uma leitura que tentava fazer em relação ao meu papel de pesquisador ali. Qual era mesmo a importância de estar fazendo aquilo, de estar ali escutando aqueles meninos. Qual seria de fato a relevância do meu foco de



pesquisa para um estudo antropológico, para a vida, ou para o desenvolvimento humano?

Onde está em mim, a coisa estranha que está no mundo? Está onde ainda não acessei, onde desconheço. E a busca que está em mim por este estranho me acorda. Despertamos a cada manhã, repletos de planos, porém não sabemos exatamente o que o dia nos reserva. Da mesma forma a criança amanhece a vida humana e se coloca em atividade sem nenhum plano preestabelecido, com toda inteireza e coragem. Essa atividade é que chamamos de brincar. (LAMEIRÃO, 2015, p. 77).

Essas questões permearam e permeiam ainda o meu lugar de pesquisadora, aos poucos estou elaborando-as e compreendendo que de fato posso contribuir para uma reflexão sobre a importância de valorizar os laços que constituem um espaço comunitário ativo e afetivo, fazendo dele um grande espaço de aprendizagem e troca de saberes e cuidados mútuos. Percebi que a realização desta investigação estava para além dos dados objetivos, realizava-se neste brincar antropológico das crianças que se constituem a cada dia no amanhecer dos saberes humanos.

Assim, fui contando aos garotos e garotas (eram oito meninos e duas meninas inicialmente) que o meu grande desejo ali era conhecer mais a Costa da Lagoa, só que a partir das histórias contadas por eles. Bastou isso para que logo construíssemos um “painel de interesses” com todos os espaços e pessoas da Costa que eles gostariam de me mostrar e caminhos por onde ir... Ali, a cada encontro, adicionávamos novos lugares e pessoas para buscar e prosseguir em meio a essa tentativa inicial de montagem de caminhos. Acontecia, claro, as dezenas de histórias contadas de maneira atropeladas umas pelas outras...:

“— Lia o meu avô tem um barco...”, “— Sabe, Lia, uma bruxa pegou minha mãe quando ela era pequena e colocou embaixo do guarda-roupa...”, “— Lia, o boi veio ontem aqui, quebrou toda a cerca...”, “— Que tal se fôssemos ver o buraco do boi?”, “— O meu tio faz barco...”, “— Que tal se fôssemos na pedra rachada, lá caiu um raio...”, “— Vamos fazer um piquenique na praia do saquinho...”, “— Vamos na casa do José jogar Minecraft...”, “— Perto do posto tem árvore boa de subir... perto da casa do Levi...”

Causos de famílias, histórias de bruxas e bois, comidas gostosas, a árvore boa de subir, o barco do pai para passear, a praia do saquinho, a pedra rachada... As lembranças e vontades misturavam-se a uma ansiedade do “eu conto primeiro” e os vários “Que tal se...”. Logo os momentos mais turbulentos foram se apaziguando e começamos a estabelecer combinados para que cada um conseguisse escutar a história do outro, do contrário iria ser impossível seguirmos adiante.

Com o convívio, aprendemos a respeitar esses tempos e a cada encontro íamos elencando novos lugares a que eles gostariam de ir para “mostrar” essas histórias. Assim, a partir da terceira semana já sabíamos que não bastava contar, tínhamos que ir até lá, sair da escola, ver, olhar e sentir o que eles contavam. Precisava conhecer as pessoas a quem eles se referiam, e me contavam sobre elas de forma tão natural como se eu já fizesse parte daquele lugar há muito tempo... Perguntas como: “— Sabe o tio Nezinho, né, Lia? Do (restaurante) Coração de mãe...? Sabia que ele nasceu no engenho de farinha?”.

Ainda nesse momento não sabia quem era o Seo Nezinho... nem que a comida e aconchego do seu restaurante eram revigorantes... muito menos da história de vida deste senhor que, depois, nos contou que veio ao mundo “fazer alegria”, que “fazia” música e também fundou o primeiro restaurante da Costa...<sup>21</sup> As crianças me levaram até ele, e a tantas outras pessoas que me mostraram uma sabedoria de vida, no sentido pleno da expressão.

Esse saber contido na lida diária, compartilhado, experimentado, que nasce em seus princípios de vida. Um saber que vem da memória, das suas referências e de um jeito de olhar para o mundo com uma atenção tamanha, ao ponto de obterem as respostas para suas questões a partir dessa consciência e que nasce inicialmente de um desejo de aprender, de uma vontade e habilidade espontâneas, que vão sendo aprimoradas ao longo do processo de invenção e que de forma muito orgânica e intensa, vão se transformando em um ofício que se torna responsável pelo seu sustento e, por que não, prazer de viver.

Assim, com a necessidade de encontrar estas sábias e empolgantes histórias, partimos em busca desses outros atores da comunidade. Já havia previamente pedido autorizações aos pais e à equipe da escola para que pudéssemos sair do espaço escolar com os meninos a partir da terceira semana. E, no quinto encontro fomos pela primeira vez caminhar pelas trilhas da Costa. Confesso que no primeiro

---

<sup>21</sup> No Capítulo III apresentarei as histórias contadas de Seo Nezinho e outros moradores da Costa.

momento tive que conter o meu ímpeto adulto de tentar controlar a criançada, mas uma consciência maior relembra-me, a todo o momento, ao que estava me propondo: ir com eles, deixar com que me guiassem por aqueles caminhos.

Figura 14 - Primeira saída com as crianças.



Foto: Levi (2015)

Figura 15 - Primeiro dia de saída com as crianças pelo caminho da Costa.



Foto: Vitória (2015).

## 2.2 POR QUE AS MENINAS E OS MENINOS COMO COINVESTIGADORES?

Figura 16 - Roteiro de planejamento das “aventuras fotográficas”.

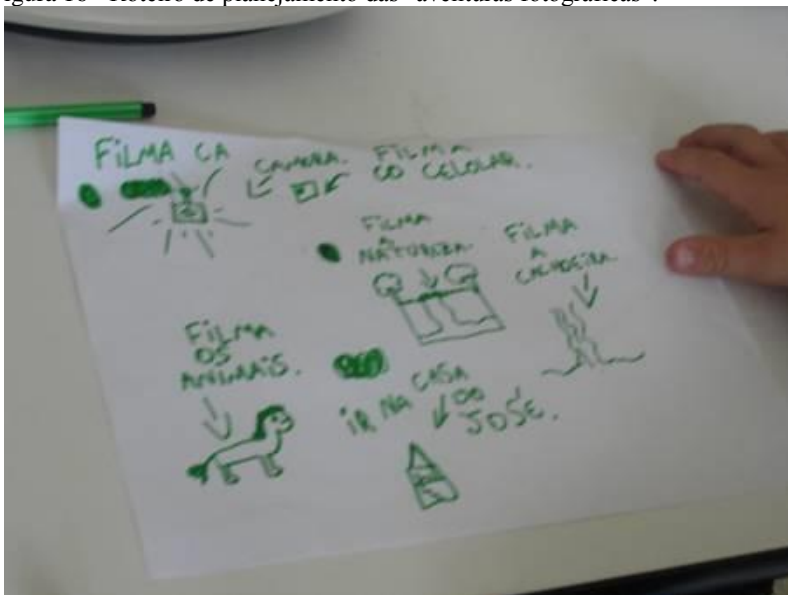


Foto: Donovan (2015)

Figura 17 - As crianças me mostram as primeiras imagens na nossa “sala-rancho” em frente à escola.



Foto: Milena (2015).

As respostas talvez fossem simples:

Pelo fato delas serem curiosas? Ou pelo fato delas serem espontâneas? Talvez por abrirem portas, por se permitirem mais ao desconhecido do que os adultos já carregados de resistências, medos, timidez... por brincarem, por serem sinceras, por se entregarem, por se encantarem? Estas podiam ser as respostas mais diretas. Mas elas apenas nos levam a questionamentos mais profundos:

Por que são curiosas? Como fazem para saciar esta curiosidade? O que é importante para esses meninos, o que os leva a querer saber mais e se envolverem... Foi por este viés que a estratégia de ação desenvolvida para realizar a observação começou a ser construída. A intenção era não quebrar esta via espontânea de investigação, era realmente focar a atenção para o que eles observavam, para onde eram destinadas as suas atenções... Quem eram as pessoas que faziam parte das suas vidas, como se relacionavam com os lugares, coisas, objetos, animais? Como suas percepções em relação ao ambiente e os vínculos a ele eram despertados e construídos?

Partindo do princípio de que a curiosidade é o elemento desencadeador de processos exploratórios e investigativos, suponho que

também é por e através dela que se iniciam parte dos aprendizados, dos primeiros mergulhos no desconhecido. E à medida que a observação, investigação vai sendo realizada, a curiosidade serve como uma espécie de alavanca para seguir mais além. Senti isso em muitos momentos com o nosso grupo, quanto mais curiosos ficávamos, mais buscávamos pistas e novas histórias que decifrassem as questões. Ou seja, o desejo de saber mais era constantemente alimentado, causando uma inquietação e, assim, levando-nos a buscar o conhecimento. Segundo Paulo Freire:

A curiosidade, própria da experiência vital, se aprofunda e se aprimora no mundo da existência humana. Enquanto inquietação em face do não eu, espanto ante o desconhecido, ante o mistério, desejo de conhecer, de desvelar o escondido, de procurar a explicação dos fatos, de averiguar, de investigar para constatar, que possibilita a curiosidade é motor do processo do conhecimento. (FREIRE, 2000, p. 103).


A curiosidade era instigada a cada encontro com o grupo das dez crianças. Ao propor um (re)conhecimento de seus lugares de suas histórias, impulsionavam esses motores de desejos de conhecimento, de uma forma leve, sem imposições e, principalmente, que fazia sentido para todos.

Ao longo da dinâmica proposta, refletia também sobre a fenomenologia da percepção de Merleau-Ponty ao buscar compreender, ou melhor, sentir, no movimento investigativo cada qualidade de observação. Procurava nelas as “significações que a habitavam” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 25), queria entender de quais lugares as crianças estavam olhando para a Costa da Lagoa, e assim ir aos pouquinhos conhecendo as minhas surpresas com aquele lugar. Compreendi dessa forma que era muito possível diversificar meus pontos de vista a partir do ponto de vista das crianças.

De forma resumida apresento abaixo a primeira composição dos lugares<sup>22</sup> que as crianças gostariam de me mostrar na Comunidade e especificidades para eles que eram importantes e interessantes serem registradas.

---

<sup>22</sup> Estas foram as primeiras informações que obtive dos lugares a partir das histórias das crianças. Ao longo do Capítulo 3 aprofundo as informações sobre os lugares e ao longo das narrativas vão sendo percebidos os vínculos das crianças com esses lugares da Costa da Lagoa.

Lugares	O que as crianças contam de lá
<p style="text-align: center;"><b>Vila Verde (Ponto 8)</b></p> <p>Figura 18 - Crianças ajudando a peneirar a mandioca na farinhada do engenho da Vila Verde.</p>  <p>Foto: Alexandre Basso (2015).</p>	<p>“— Lá fica o antigo engenho de farinha” (Milena)</p> <p>“— Tem sempre a festa da farinhada”<sup>23</sup></p> <p>“— Tem a casa do Gu do Aquiles”<sup>24</sup></p> <p>“— A mãe da dinda mora lá.”</p>

<sup>23</sup> Descrevo mais a frente o que é e como acontece a Farinhada.

<sup>24</sup> Companheiros do grupo



### “Casa” do Boi

Figura 19 - Foto da “galha” do boi que a Milena nos mostrou.



Foto: Milena (2015).

“— Lá escondem o boi da farra”

“— Não pode ter farra e escondem o boi na casa abandonada. E a casa velha é mal-assombrada, mas mesmo assim a gente vai lá”.

“— Tem um grupo do *WhatsApp*<sup>25</sup> que avisa quando o boi está lá”

“— Meu pai tem uma galha<sup>26</sup> do boi em casa... posso trazer para te mostrar...”

<sup>25</sup> Aplicativo digital de telefones móveis. A maioria dos meninos do grupo possuem grupos de conversas. Lá também costumam “se encontrar” para “bater papo”.

<sup>26</sup> Chifres


### Praia Seca

Figura 20 - Vila da Praia Seca, vista da lagoa a bordo de uma canoa de Guarapuvu.



Foto: A autora (2015).

“—  
Minha casa é lá!” “—  
A minha também, vamos lá!”  
“— Tem a casa da minha dinda”  
“— Tem o Taba, ele faz barquinhos...”  
“— É! Ele também é meu tio.”  
“—  
Vamos ao Rancho do Dico! Ele constrói barcos!”  
“— Na ‘época’ de tainha a gente ajuda a arrumar os peixes.”

<b>Praia do Sul</b>	
<p data-bbox="199 220 565 247">Figura 21 - Vila da Praia do Sul.</p>  <p data-bbox="199 783 412 810">Foto: Daniel (2015).</p>	<p data-bbox="882 188 994 598">“— A gente pode ir lá, meu vô pode levar a gente no barco dele para a praia do saquinho.”</p> <p data-bbox="882 603 994 767">“— Vamos conhecer meus irmãos.”</p> <p data-bbox="882 772 994 981">“— De lá que ‘veio’ a família do Tio Nezinho.”</p>

### Cooperbarco

Figura 22 - Reflexo na água da embarcação da Cooperbarco.



Foto: Alexandre Basso (2015).

Figura 23 - Embarcação “fazendo a linha” Costa-Centrinho da Lagoa.



Foto: A autora (2015).

“— Fica lá na Lagoa.” “— Todos os botes vão para lá.” “— Quando eu crescer eu vou trabalhar lá, já sei até navegar.” “— Minha mãe vai e volta todo dia do trabalho nos barcos da Cooperbarco.” “— Meu dindo tem um bote que faz a linha.” “— Tem barco quase toda hora.”


<p style="text-align: center;"><b>Cachoeira</b></p> <p>Figura 24 - Águas da cachoeira da Vila Central.</p> 	<p>“— Vamos lá, é lindo! Mas tem que cuidar porque tem uma pedra que escorrega muito e já teve muito acidente, morreu uma moça.”</p> <p>“— A gente pode ir na sorveteria lá perto.”</p>
<p>Foto: Gustavo (2015).</p> <p style="text-align: center;"><b>Campo do Boi</b></p> <p>Figura 25 - Foto do campo do Rio Vermelho, por onde “o boi vem”.</p>	<p>“— Eles trazem o boi de lá! Amarrado pelo pescoço, rebocado pelo barco, tadinho... meu pai tem uma galha do boi! Uma vez que mataram o boi ele ficou com a galha.”</p>



Foto: Alexandre Basso (2015).

### Vila Central (Ponto 16)

Figura 26 - Foto de Vitória com o Jajá em frente à igreja da Vila Central.



Foto: A autora (2015).

“— Lá tem a lojinha e o posto de saúde. Tem também a igreja. Levi mora ali perto. A gente aproveita e sobe na árvore.”

“— Tem o portal da Niande! A Niande<sup>27</sup> era uma índia que morava aqui e as crianças conversam com ela pelo portal.”

“— Vamos lá na Casa da Maria.”<sup>28</sup>

“— Meu pai trabalha na lojinha.”

“— Tem também o salão da Igreja, é lá que tem as festas.”

“— Vamos ver o carro do bloco (de carnaval) da Carapeva<sup>29</sup>?”

### Casa do José e da Nailde

“— A gente pode ir lá jogar! É muito legal a casa do José! Vamos falar com a Nailde (professora da escola e mãe do José)!”

<sup>27</sup> A Niande nasceu de uma história contada por uma professora estagiária na escola. Dizem que Niande é uma antiga índia que mora em um portal escondido na Costa da Lagoa.

<sup>28</sup> Amiga de todos do grupo, às vezes nos acompanhava nas caminhadas.

<sup>29</sup> Espécie de peixe da região que dá nome ao bloco carnavalesco.

### **Pedra Rachada**

Figura 27 - Foto do grupo chegando à pedra rachada, que fica na trilha que dá acesso à comunidade de Ratores e situa-se em um dos lugares mais altos da Costa da Lagoa. Possui uma vista incrível da Lagoa da Conceição e do Oceano Atlântico.



Foto: A autora (2015).

“— Lá é lindo! O lugar mais lindo da Costa... dizem que caiu um raio que rachou a pedra”

“— Não foi um raio, foi um avião que caiu e partiu a pedra no meio.”

### **Praia do Saquinho**

Figura 28 - Prainha da Lagoa da Conceição preferida dos meninos. Gostam de ir para lá fazer piquenique e pescar camarão com a bernunça.



Foto: Alexandre Basso (2015).

“— Lá é legal, a gente pode fazer um piquenique e pescar camarão com a bernunça, meu pai pode levar a gente no barco dele.”



<b>Baixada</b>	
<p>Figura 29 - Casa da Dona Joana. Baixada.</p>  <p>Foto: Cauê (2015).</p>	<p>“— Tem a minha casa, vamos lá conversar com a minha mãe? (Vitória)”</p> <p>“— A vó do Cauê também mora lá! A Dona Joana! Ela benze!”</p>

Isso foi apenas um primeiro momento. Estas informações que os meninos e meninas me passaram sobre os locais poderiam ser passadas despercebidas, se o olhar não estivesse atento ao que cada local e história representava para as crianças. E era preciso ir mais adiante, e fazer com que os meninos sentissem que eu compreendia que tudo isso era muito importante e significativo para eles.

À medida que atribuía a importância a cada detalhe que eles me passavam sobre seus interesses sentia que ia ganhando cada vez mais a confiança deles e nossos laços iam se estreitando. E era de uma forma muito simples: estou atento ao que você me conta, sei que isso é importante para você. Eles da mesma maneira, estavam muito atenciosos com as minhas histórias de vida (desde o início).

Talvez este seja o aspecto mais importante ao realizar qualquer ação com crianças para que ela aconteça com a sua suprema consistência e confiança: valorizar os seus conhecimentos, seus interesses e curiosidade! Se não valorizarmos, não adianta insistir, logo elas percebem que nós não estamos ali inteiros e se dispersam. Mas à medida que me entregava a seus universos, conseguia alcançar aspectos mais profundos das suas vidas e, acho que também, eles da minha.

Nesse processo, as crianças quase sem perceber me contavam suas histórias e me ensinavam a fazer pesquisa científica de uma maneira praticamente visceral. Era de dentro para fora. Começamos a

organizar as nossas idas aos locais sugeridos por eles, que já eram muitos, e a cada caminho novas ideias, pessoas e novos caminhos...

Fui fazendo a minha trilha de observação dentro dos tantos trajetos propostos por eles e ia então compreendendo este caminhar a partir da abordagem ecológica proposta por Gibson, quando ele coloca que “animais e pessoas veem enquanto se movem” (GIBSON apud INGOLD, 2005).

Este movimento de transitar pela comunidade junto às crianças possibilitava uma série infinita de pontos sutis que eram oferecidos a mim, em todo o momento: a forma de cumprimentar o avô, o jeito de fazer o copinho de folha, a escolha da folha, o cheiro para identificá-la, a espécie de peixe que aparecia na Lagoa, a forma de se segurar a bernunça, o tempo necessário para observar como fazer o barquinho, a malha da pesca, o tipo de embarcação, se o tempo estava bom para tainha, os cantinhos preferidos para construir, para descansar, para estudar. A hora certa (mesmo sem relógio) de voltar para não escurecer, de ajudar a avó com a venda dos doces, a fazer os doces e a própria forma de filmar, que a todo momento ia sendo experimentada.

Essas vistas das crianças por muitas trilhas formavam o território afetivo da Costa da Lagoa. Compreendia aos poucos que a percepção do ambiente surgia na passagem de um lugar para o outro, no movimento, em horizontes variáveis ao caminhar. A localização da Costa da Lagoa durante a etnografia saía daquele lugar geográfico colocado no início desta dissertação, compreendida entre paralelos e meridianos, montanhas e lagoa e começava a se configurar ao meu mapa cognitivo o mapa afetivo deste ambiente a partir das sensações, histórias de vida, sentimentos e movimentos corporais. O mapa se constituía no “modo de vida” (INGOLD, 2005) daquelas pessoas, no fluxo dos barcos, na direção dos ventos. O mapa se tornava dinâmico a partir dos caminhos das crianças.

E este movimento se tornava história, aprendizado e memórias. E como pesquisadora, valorizava estas memórias e sentia uma necessidade de projetá-las. Para poder provocar mais curiosidade? Talvez. Mas para que pudéssemos aprender com quem está perto, e com nós mesmos. Valorizar essa riqueza imaterial e compreender como temos tantas histórias e desejos delas dentro de nós que muitas vezes não tomamos consciência disso, e precisamos vê-las de fora.

Ou seja, a participação das crianças revelou-se como chave de entrada para uma compreensão inicial deste tempo presente, que exposto de uma maneira aparentemente tão simples, foi desenrolando a história a partir desta malha de relações dos meninos e meninas com seus

ambientes. Apresentarei essas relações no Capítulo III através de variadas perspectivas: espaciais, temporais, geracionais, familiares, corporais e sentimentais, projetando-as para o futuro.

## 2.3 O MAPA AFETIVO DAS CRIANÇAS

Figura 30 - Maquete desenvolvida na escola e localização das vilas da Costa segundo Milena Laureano.



Figura 31 - Vista de satélite do caminho da Costa com indicações das cinco vilas.



Vila Verde Praia Seca Baixada Vila Central Praia do Sul

Figura 32 - Crianças pescando no final de tarde em um trapiche da Praia Seca.



Foto: Alexandre Basso (2015).

Costurei com os meninos essas relações de uma maneira muito interessante. Elas foram se constituindo inicialmente não através das famílias, mas a partir das histórias, dos lugares e das interações que eles estabeleciam naqueles espaços. Como mostrado anteriormente, à medida que me contavam histórias consideradas importantes, me levavam até os lugares elencados e a partir daí começavam a me apresentar às pessoas, conversávamos com elas, fotografávamos.

Nesses momentos era apresentada aos avós, pais, tios e primos, e ia conhecendo aos pouquinhos esses espaços de convívio familiar. Logo fui inserida àquele lugar como *a professora* dos(as) menino(a)s... aos pouquinhos ia saindo deste “posto” de professora e ia me colocando como Lia, uma estudante-educadora e pesquisadora que estava ali para pesquisar e conhecer a Costa com eles.

A cada dia e a cada encontro um caminho mais longo era percorrido. O tempo já ficava curto, pois eu me encontrava com os meninos pela manhã e eles tinham aula à tarde. A cada manhã tinham uma novidade, um novo lugar, e lá íamos nós... Nos caminhos, não era difícil encontrar uma tia ou “dinda” que oferecia um café, uma rosca... e a prosa era estendida além do tempo planejado. Aliás, esse foi outro grande aprendizado, desconstruir o planejado e realmente me deixar guiar pelos fatos e encontros que aconteciam nos nossos caminhos.

Esse “sair do plano” aparece a todo o momento nas imagens em movimento realizadas pelas crianças. Elas extrapolam o plano, a imagem vai além do quadro, acompanha o corpo delas. Nestas imagens encontramos desde o olhar mais minucioso para as mínimas pedrinhas ou formigas do chão, ao quase invisível que está no fundo do “mar”<sup>30</sup> e o mais alto pássaro do céu. Entram nas águas da cachoeira com o zoom e, ao escutarmos o que falam nas gravações, percebemos que se sentem mergulhadas nelas. Essas filmagens são como pequenos tesouros onde pude conhecer melhor um pouquinho de cada um, contavam histórias baixinho para a câmera como se ela fosse um grande amigo que pudesse contar um segredo sobre aquilo que estavam filmando.

No tempo em que eram “cúmplices” dos equipamentos, a situação me fez refletir sobre o que Tim Ingold (2012) fala sobre a vida das coisas, onde ele não restringe as coisas a meros objetos e sim que elas fazem parte de processos vitais. Naquele momento a câmera-amigo era clara, para mim estavam em interação plena<sup>31</sup>.

A sensação era que muitas vezes os esqueciam e iam com eles no corpo, nas mãos, filmando “sem querer”, estavam entrelaçados, o que por outro lado nos mostram imagens da Costa na perspectiva do movimento corporal das crianças e de como elas interagem o tempo inteiro com o ambiente, nos fazendo perceber como estão integradas a ele. Percebemos nas imagens o tempo do obstáculo, do pulo, da pausa, da procura da flor, do encontro com o peixe. A câmera era ao mesmo tempo olho, braço, pulo, pescoço.

Nas imagens em vídeo vamos percebendo um mapeamento do lugar através dos elementos encontrados. A terra, a mata guiam os movimentos, as águas desaceleram e o vento os fazem parar e ir mais rápido, se esconder... Com o fogo tive apenas um momento, na noite de São João, onde percebi que com ele existe uma certa hipnose, uma atenção muito maior cercada por um respeito e uma vontade de que ele “não se acabe”... então precisavam o tempo inteiro de mais lenha, mais palha, mais vento para manter o fogo. Com o fogo nada mais lhes interessava, deixaram câmeras de lado, e a grande missão era manter o fogo aceso, incansavelmente, como que para fazer aquele momento eterno.

---

<sup>30</sup> É comum os moradores da Costa da Lagoa se referirem às águas da Lagoa da Conceição como mar, e não como lagoa.

<sup>31</sup> Milena e a câmera: <https://youtu.be/3HLVbDgEWx8>

Como o tempo ia ficando curto para os nossos encontros, resolvi passar a temporada da tainha lá na Costa<sup>32</sup>. Quando falei para eles que iria passar um tempo morando ali a alegria foi total! Todos queriam me ajudar a encontrar a casa, e foi com a dica de um deles que acabei encontrando a casa da Dona Eli e do Pelé, moradores da Praia Seca, que de maneira muito generosa, me alugaram a casinha de cima, onde pude passar importantes semanas, valiosas para um mergulho mais profundo nas relações, desta vez com os “mais velhos” da Comunidade.

E a todo o momento as crianças estavam comigo como interlocutoras, amigos e informantes. Nesses tantos caminhos visitávamos uns aos outros. Fomos cumprindo os nossos roteiros planejados e encontrando outros: uma manhã de ir na casa do Dô na praia do Sul, outra vez de passar um tempo jogando videogame na casa do Zé, fazer um passeio no barco do pai de Pedrinho, piquenique na prainha. Era maravilhoso ver a alegria de nos receberem em suas casas, apresentar a seus irmãos e primos bebês. Sempre tinha um bebê por perto! Ofereciam sempre lanches e cafés... regados sempre de muitos causos acompanhados pelos parentes que estavam por ali. Muitas novas crianças se aproximaram nestes meses que morei na Costa. Passavam na “minha casa” para me ajudar nas escolhas das imagens, para jogar, fazer pipoca, brigadeiro e até sopas. Sobre esses encontros explanarei mais adiante.

Claro que muitas desavenças aconteciam entre alguns que queriam ir para um lado e outro grupo para outro. Era um grupo basicamente masculino, apenas duas eram meninas. No início confundiam muito a liberdade de estar fora da sala de aula com o “zoar” nas vilas... batiam nas portas, gritavam e xingavam, muitas vezes alguns fugiam do grupo. Minha atitude era apenas de conversar tranquilamente e fazer com que eles refletissem sobre as atitudes para que pudéssemos continuar caminhando “numa boa”, o que quase sempre deu certo. Logo compreenderam que esta liberdade acontecia acompanhada de uma responsabilidade que era o cuidado, e o combinado de me apresentarem à Costa da Lagoa.

Este foi um dos grandes aprendizados desse grupo, aprender a respeitar a escolha, o tempo e o saber de cada um. Aos poucos compreendiam que todos iam ter o seu espaço de ir contar e mostrar, nos interessávamos pelas histórias uns dos outros, e ligando pontos em

---

<sup>32</sup> Época em que as tainhas “sobem” do sul do Brasil para o litoral de Santa Catarina. Um momento de organização de toda a comunidade que irá pescar e receber o pescado, um dos grandes responsáveis pela economia local.



comuns. Ao final de dois meses já havíamos encontrado essa sintonia, e tranquilamente quando um não queria, ou ficava na escola, ou voltava para casa.

Dessa forma, em pouco tempo, já conhecia as casas, os pais, avós, primos, tios das crianças do grupo, e, além disso, à medida que caminhávamos pela Costa, novas crianças se aproximavam. Compreendia que esse mapa afetivo que estava tentando desenhar ou compreender estava para além das fronteiras das vilas, casas ou sobrenomes, não se desenhava, se sentia e se vivia, estava também presente nos nomes dos barcos que de maneira muito clara, mais uma vez se mostravam presentes, representando as famílias e suas “irmandades”. Havíamos compreendido como as famílias eram tão próximas que chegamos à conclusão de que quase todos daquele grupo eram primos.

O mapa da Costa era uma grande família, e como toda família, com suas alegrias e desavenças, e um cuidado e respeito muito especial por todos dali. Esses entrelaçamentos foram fundamentais para poder pensar como a memória social de uma localidade se constitui, como ela é percebida, apreendida, reelaborada, retransmitida transformando-se em novas memórias. A participação das crianças na constituição desses espaços foi fundamental para que eu pudesse perceber como o conhecimento é intercambiado e adquirido, quais são os meios de se aprender, como irradiá-los e como os vínculos se estabelecem.

Figura 33 - Maquete da Costa feita pelas crianças na escola.



Foto: Aquiles (2015).

A maquete acima foi feita na escola, pelas crianças com ajuda dos professores. Utilizamos-a bastante ao longo da pesquisa. Com ela era possível localizar os seus espaços e noções do que era próximo e distante. Ficou claro nestes momentos que, para eles, estava próximo quem tinha um maior vínculo afetivo, não importando muito, por exemplo, se a casa de um era na Praia do Sul e da avó na Vila Verde... as casas eram próximas. A mesma sensação tive com os barcos na maquete, a família de barcos iam sempre juntas, não importava os trajetos e horários que elas cumpriam no cotidiano. Assim os meninos iam

elaborando suas localizações afetivas e compreensões sobre estes diversos espaços de um mesmo ambiente.

Figura 34 - Vitória começando a se familiarizar com o equipamento.



Foto: Levi (2015).

Figura 35 - Ida a praia do Saquinho com o Avô do Donovan.



Foto: Vitória (2015).

Figura 36 - Crianças procuram tatuíra (pequenos moluscos que servem de isca para a pescaria).



Foto: Milena (2015).

Figura 37 - Conversa com Seu Neri “consertando” o peixe.



Foto: Alexandre Basso (2015).

## 2.4 POR QUE INICIAR NA ESCOLA E SAIR DELA?

[...] vou dizer que Illich<sup>33</sup> não tem razão: não estamos no crepúsculo da escola; pelo contrário, a aurora apenas se inicia. A sociedade do futuro não poderá absolutamente suportar (sob pena de síncope) o contexto intelectual e material que o estado nos construiu. O recurso será a escola: só a escola aberta é, com efeito, capaz de fornecer o oxigênio necessário para nos permitir viver nas cidades. Ligada à progressão do lazer, centro de criação, de animação e de ensinamento geral, responde as necessidades mais urgentes de nossa sociedade. Logo tomaremos consciência disto, com a condição porém, de a escola, até agora conquistada, aceitar a grande metamorfose. (ONIMUS)

Sair do ambiente escolar significa poder atribuir a devida importância a outras formas de espaços e processos de aprendizagem. Não significa radicalizar e ignorar o papel fundamental da escola, pelo contrário, é a grande possibilidade de potencializar o valor e importância das escolas na sociedade. O que considero necessário é desconstruir algo que de certa maneira está estagnado nas relações e condições dos hábitos educativos do mundo ocidental, que atualmente privilegiam o espaço/modelo da escola como espaço destinado ao ensino-aprendizagem.

Considerando que os conceitos de educação, infância e aprendizagem não existem em termos gerais, e sim que contêm suas particularidades nos seus contextos, busco ativar esta reflexão sobre a importância de poder expandir esse olhar para processos educativos para além dos muros da escola. Considero que aprendizagem acontece a todo instante a partir das histórias de vida das pessoas e que a própria condição humana é produzida a partir das trocas de experiências, portanto, valorizar os diferentes saberes e formas de conhecer é tão importante quanto estabelecer um espaço destinado ao encontro “formativo”, cujas maiorias das perguntas já vem prontas e, de certo

---

<sup>33</sup> Referindo-se a Ivan Illich, filósofo e pedagogo, autor de sociedade sem escolas, uma crítica à institucionalização da educação. Illich mostra-se favorável a uma autoaprendizagem, baseada nas relações sociais intencionais.

modo também, quase prontas fórmulas para as respostas através de discursos construídos.

Como arte-educadora, estudante de antropologia e admiradora das artes em geral, decidi utilizar a fotografia e o audiovisual, para que este processo de pesquisa antropológica acontecesse a partir de um fazer artístico, e que fosse valorizado e vivificado em imagens e sons o que foi experienciado e apreendido fora do ambiente escolar. Tentei então materializar e irradiar as apreensões e aprendizados das crianças na “escola aberta” que é a comunidade da Costa, a partir das documentações fotográficas e dos vídeos. O que favoreceu esta minha vontade desde o início de repensar o que seriam desenvolvimentos/processos e espaços de aprendizagem.

Ao acompanhar a vivência dos meninos e meninas no ambiente fora da escola pude trazer através das imagens uma gama de consistência de saberes que existia ali naquele ambiente comunitário para dentro do espaço destinado à aprendizagem formal das crianças - a escola, estimulando uma valorização e respeito por todos os envolvidos no processo, além de uma ampliação e novas possibilidades de recursos e metodologias pedagógicas.

A partir de então pude refletir sobre as classificações hierárquicas do processo de aprendizado. O envolvimento das pessoas mostrava-me um modo de vida autônomo e sustentável, centrado na experiência, no corpo, no livre aprender. Essa liberdade era sempre acompanhada de uma responsabilidade e um cuidado mútuos, com muita atenção dos adultos que estavam por perto, sem necessariamente conduzirem uma prática de ensino. Fora do ambiente escolar não existia aquele que ensinava e aqueles que aprendiam. O que sentia era que todos ensinavam, ou melhor, todos aprendiam. O aprendizado acontecia em si mesmo, sem necessariamente ter aquele que ensina formalmente.

Esses lugares de encontro eram refletidos pelas crianças, como espaços de orgulho e conquistas, ao apresentarem-me o que sabiam fazer. Uma espécie de sentimento de colaboração, ao serem úteis aos pais e amigos. Observava que a capacidade de observação das crianças fazia com que adquirissem habilidades que habitavam seus contextos e conseqüentemente permeava de sentido o fazer das crianças.

Os modelos padrões de escrita, leitura e escuta fundamentais para o sistema educativo atual são apenas uma das possibilidades de aprendizagem. Sair da escola provoca uma educação da sensibilidade, do respeito, da cumplicidade, da valorização das diferenças e das experiências. Isso se tornava mais nítido a cada dia. A cada encontro que

acontecida era favorecida a relação das crianças em outros contextos de aprendizagem.

Tornavam-se, assim, ao mesmo tempo, mestres e aprendizes. Ao cozinhar junto com o dono do restaurante, ao organizar os peixes na caixa, ao pescar camarões, remar na canoa, fazer uma sopa, brincar com os barquinhos, observar a construção e navegação de um barco grande, tentar fazê-lo. Ao se esconder do vento, observá-lo, fazer copos de planta para buscar água, catar frutinhas e observar suas épocas, observar sementes que nasciam, bichos que cresciam. Um olhar sensível a esses processos era internalizado pelas crianças sem necessariamente alguém estar lhes ensinando.

Isso nos faz repensar essas dicotomias que são colocadas ao mundo de formas tão frequentes, como o ensino “formal e não formal”, cultura e natureza, e o próprio ensinar e aprender. Faz-se necessário uma quebra dos modelos hegemônicos de escolarização. É importante não só repensar esses meios e espaços de se aprender como também uma urgente construção metodológica de pontes e trocas entre escola-comunidade.

Através desses registros realizados pelas crianças, a importância de sair do espaço (físico) da escola foi reforçada para que as histórias das vidas das crianças e olhares delas para os seus lugares fossem valorizados. Mas, deixo claro que o espaço escolar, por ser um ponto de encontro diário das crianças, possui também o seu lugar na comunidade, e torna-se também parte da nossa investigação. A escola da Costa da Lagoa é uma escola que possui uma equipe com um olhar muito especial para o espaço comunitário, que está atenta a essa necessidade de uma ponte constante com a comunidade. Periodicamente promove encontros comunitários e festivos, convida pais pescadores, avós rendeiras entre outros para contarem um pouco das suas histórias para as crianças. Fazem um boi de mamão lindíssimo<sup>34</sup>, convidam senhorinhas da ratoeira<sup>35</sup> para apresentarem-se.

São ações importantes, que são realizadas dentro desta escola em especial, mas que geralmente ainda estão atreladas a conteúdos formativos, engendradas no referencial curricular e que acontece geralmente em datas especiais. O que defendo é uma aproximação

---

<sup>34</sup> Folgado em torno do tema da morte e ressurreição do boi. Envolve muita dança, construção de adereços, música e teatro.

<sup>35</sup> A ratoeira é uma manifestação da cultura popular. É uma dança de roda de herança açoriana onde acontece um jogo de improviso de versos.

contínua dos meninos e meninas ao cotidiano das pessoas mais velhas e com o ambiente da comunidade, seguindo as ideias de Paulo Freire:

[...] E a experiência da compreensão será tão mais profunda quanto estejamos nela capazes de associar, jamais dicotomizar, os conceitos emergentes da experiência escolar aos que resultam do mundo da cotidianidade. Um exercício crítico sempre exigido pela leitura e necessariamente pela escuta é o como nos darmos facilmente à passagem da experiência sensorial que caracteriza a cotidianidade à generalização que se opera na linguagem escolar e desta ao concreto tangível. Uma das formas de realizarmos este exercício consiste na prática que me venho referindo como “leitura da leitura anterior de mundo” a entendendo-se aqui como “leitura do mundo” a “leitura” que precede a leitura da palavra, e que perseguindo igualmente a compreensão do objeto se faz no domínio da cotidianidade... o que me parece fundamental deixar claro é que a leitura do mundo que é feita a partir da leitura sensorial não basta. Mas por outro lado, não pode ser desprezada como inferior pela leitura feita a partir do mundo abstrato dos conceitos que vai da generalização ao tangível. (FREIRE, 1996).

Ao longo da pesquisa os cotidianos das pessoas foram sentidos como meios de aquisição das matérias-primas para as percepções já que é um constante encontro e a memória pode acontecer como um elemento “mediador” das experiências e do estabelecimento de vínculos. Através das fotos e vídeos, refletíamos sobre a necessidade de mostrar o que é belo e importante para nós. Ver e revisitar o lugar de onde nós somos e quem nós somos.



Figura 38 - Donovan e Vitória filmam a praia seca.



Foto: Cauê (2015).

## 2.5 COMPREENDER CAMINHOS

“Para compreender como colocar o barco na direção é preciso saber navegar. Só depois de viver o mar é que vai se saber como construir o barco.”  
Seo Dico

Com essas palavras, depois de um mês de iniciada esta pesquisa, compreendi por onde iria a minha direção em um breve encontro com Seo Dico, 55 anos, morador da Costa da Lagoa e um exímio carpinteiro naval. Enquanto ele fazia uma canoa de Guarapuvu<sup>36</sup>, explicava-me como conseguiu “tirar a canoa da mata” (o tronco para construir a canoa) e todo o processo para deixá-la no eixo, na direção. Seo Dico nasceu na praia seca. O filho de Dona Rosalina e seu Zé Virtuoso é um excelente carpinteiro naval e excelente remador. Ele é responsável pela construção e reforma da maioria dos barcos da Costa. Um dos poucos que ainda fazem canoa de Guarapuvu e canoinhas miniaturas com muito prazer. Contou-nos<sup>37</sup> com muito prazer como aprendeu “só de olhar” e nos ensinou que para aprender, é preciso estar com o coração.

À medida que narrava a sua história e de como aprendeu tão bem técnicas de carpintaria naval, sem mesmo frequentar qualquer escola, compreendi que esse eixo que ele buscava para as suas embarcações, se estendia além dali. Era o seu próprio corpo que encontrava também um eixo enquanto observava, apreendia e logo depois fazia aquilo. Em suas palavras havia brilho, dava gosto de ver como era prazeroso nos contar como aprendeu “só de olhar”... “na minha lente eu via que era aquilo que eu queria fazer... comecei com os barquinhos pequenos, ferramenta não tinha, a gente inventava lápis com carvão...”

Este aprendizado silencioso permite uma “leitura de mundo” que precede a palavra. A história de Seo Dico nos mostra claramente como o aprendizado está quase sempre vinculado a experiências sensoriais.

---

<sup>36</sup> Árvore da mata atlântica, símbolo de Florianópolis, cujo nome científico é *Schizolobium parahyba*, floresce nos meses de outubro e novembro e pode chegar até 30 m. Com o tronco, costuma-se fazer canoa de um pau só, carinhosamente chamada de *canoinha de um pau só* pelos habitantes da Costa. Hoje, não é permitida a extração da árvore e só se faz canoa caso alguma árvore caia, ou tenha que ser retirada por motivos extremos.

<sup>37</sup> Ver vídeo completo de Seo Dico em:

<https://www.youtube.com/watch?v=YDOPCDRiJJ8>

Ali comecei a encontrar o meu eixo, a minha direção, visto que fazer etnografia em um lugar como a Costa da Lagoa era um mar de possibilidades que não caberia apenas em uma dissertação, mas sim em várias vidas. Era importante compreender o sentido da minha navegação até aquele momento, a minha passagem nesse lugar. A minha leitura de mundo para com a comunidade da Costa começava nesse momento a se formar.

Seo Dico, de uma forma muito simples me mostrou uma direção – entre as tantas possíveis - para a minha etnografia. Descobri que era aquilo que desejava fazer em campo: compreender como a experiência se transformava em conhecimento no universo das pessoas, especialmente das crianças daquela comunidade, e ao mesmo tempo de como o conhecimento deles se transformava em minha experiência com eles e, assim, conseqüentemente, no meu aprendizado. Entre sons de serras, martelos, motores de barcos, conversas de casas e brincadeiras de crianças, passei a educar a minha atenção aos detalhes mais sutis daqueles espaços, dos sotaques, das comidas, das casas, enfim do ambiente como um todo, e a partir do momento que os sentia, compreendia as relações entre as coisas. E assim, “vivendo o mar” comecei a construir o barco...

O meu contínuo interesse e curiosidade pelo brincar que já há alguns anos me acompanha nos meus trabalhos e pesquisas anteriores, agora começava a se tornar mais claro à medida que me perguntava o porquê do meu tamanho interesse por uma manifestação tão comum e presente na vida da maioria das pessoas. Questionando-me sobre a origem desse brincar fui percebendo que estava em busca de um estudo mais profundo sobre esse lugar da brincadeira na construção da pessoa e sua relação com o seu ambiente.

Tento perceber a amplitude do significado do brincar, o que ele proporciona às pessoas para uma compreensão de nós mesmos e da nossa atuação sobre o lugar que habitamos a partir de sensações, não apenas pensamentos, também, mas, sobretudo através de percepções dessas ações, lugares e relações. E da compreensão e transformação delas a partir da memória e da experiência vivida.

À medida que ficava mais claro para mim o que buscava, compreendi o caminho que estava traçando nessa trajetória. O início dele estava neste lugar da memória, uma memória que supunha vir, não apenas da razão, do consciente racional, mas de uma memória que ali, no encontro com Seo Dico, começava a perceber que nascia e se estabelecia no corpo sensível, muito sutilmente, a partir dos interesses individuais que se iniciavam através das experiências vivenciadas

muitas vezes de forma coletiva, que muito provavelmente já começa a acontecer ainda no ventre da mãe.

As crianças do grupo me fizeram chegar até Seo Dico e entre tantas conversas questionamos como a memória seria reelaborada e retransmitida em um espaço que é de ação e fluxo constante?

E, nesse movimento de firmamento e transformação da memória trouxemos à tona a palavra que torna tudo mais “palpável”: a criação. O ato de criar a partir do momento em que conquistamos um vínculo com o que quer que seja, faz com que possamos colocar no mundo a nossa percepção e o nosso conhecimento sobre aquilo que nos foi transmitido e é aí neste lugar do estabelecimento de vínculo que está, a meu ver, o brincar que procuro.

Seo Dico procurava a canoa na mata, ele via a canoa ainda quando era árvore. Isso é criar, é compreender os caminhos que podemos construir a partir de aprendizados, curiosidades, necessidades, admiração, respeito e amor pelo que os outros sabem, o que sabemos e o que mais queremos e ainda poderemos descobrir.

As crianças me levaram até Seo Dico porque além de terem um vínculo afetivo, admiram o seu saber e porque sabem que o barco é uma extensão do corpo deles, das casas. O barco faz parte da mata. São instrumentos provedores dos seus sustentos, dos seus saberes e diria até que são parte das famílias que compõem o universo da comunidade da Costa da Lagoa.

A canoinha de um pau só, a canoinha de Guarapuvu é um lindo símbolo deste ambiente integrado que consideramos aqui. A semente, o broto, as árvores, o brinquedo, o barco, o ofício, a profissão, o alimento, a sobrevivência, a brincadeira e a admiração. Esses eternos meninos, que em suas infâncias passaram dias inteirinhos olhando seus pais e construindo seus barquinhos, inventando suas ferramentas, nos mostram como o aprendizado acontece na escola da vida.

É neste lugar de construção contínua de relações de interdependências e interferências constantes entre organismos e ambiente que o saber acontece e sai de uma concepção de um brincar considerado ingênuo e apenas presente no universo da infância. Refiro-me a um brincar permanente em todas as pessoas, e a presença constante de uma criança que afirma o eixo e faz com que o prumo de cada um se coloque rumo a um destino, cuja direção fica à escolha do capitão do barco.

Figura 39 - Semente do Guarapuvu



Foto: Pedro (2015).

Figura 40 - Guarapuvu germinando.



Fonte: Cauê (2015).

Figura 41 - Guarapuvu com suas sementes.



Foto: Cauê (2015).

Figura 42 - “A Canoa na Mata”.



Foto: Alexandre Basso (2015).



Figura 43 - Seo Dico em seu estaleiro construindo a sua “canoinha de um pau só”.

Foto: Vitória (2015).



Figura 44 - Canoinha quase pronta na frente do rancho do Seo Dico.



Foto: Alexandre Basso (2015).

Figura 45 – Proa da canoa de Guarapuvu



Foto: Alexandre Basso (2015).

Figura 46 – Canoa de Guarapuvu quase pronta.



Foto: Alexandre Basso (2015).

### CAPÍTULO 3 – HISTÓRIAS DAS IMAGENS, IMAGENS DAS HISTÓRIAS - UMA ABORDAGEM FOTO-ETNOGRÁFICA DAS VILAS, TRAJETÓRIAS E HISTÓRIAS DA COSTA DA LAGOA.

Figura 47 – Café



Foto: Lia Mattos (2015).

*“- Entra aí, Lia! Vem tomar um café...”*

Entre caminhos e ruelas da Costa, sugeri às crianças que filmassem suas trajetórias diárias. Entregar o equipamento para que filmassem seus lugares sem uma orientação técnica foi a primeira forma de instigar os meninos a me contarem suas histórias e documentar seus lugares. Foi uma estratégia utilizada para que eu pudesse a partir daí seguir os seus “rastros”.

As pistas que eles me deixavam tanto nas imagens quanto nos áudios capturados, levavam-me a uma busca mais aprofundada do que era realmente relevante para as crianças ali, e não só para elas, mas também para o restante da comunidade. Imagens que revelam os ranchos, os barcos, as redes de pesca, os restaurantes, as árvores, a água. Alguns espaços comunitários como a igreja, o salão, a escola, o postinho de saúde, também imagens da casa do amigo, a casa que conserta bicicleta, da avó que é benzedeira, do mercadinho, da “casa” do boi... todas elas, mesmo “fora de quadro” colocavam o que era de desejo

mostrar. Era como se eles me falassem: Essa história (ou esse lugar, essa pessoa) faz sentido para mim, é parte da minha história também.

Logo estas narrativas audiovisuais, que se transformaram em pistas, serviram como intenções fotográficas. Voltava em espaços já visitados com eles só que desta vez com a intenção de fotografá-los ao invés de filmá-los. A intenção foi de compreender o foco maior, no que estava sendo visto e também no que não estava ali capturado. Logo na primeira saída fotográfica com as crianças, o grupo criou um nome para esta dinâmica: Aventura Fotográfica. Nestas “aventuras”, as crianças deram início à minha aproximação maior com uma boa parte da comunidade.

Percebia que as imagens constituíam uma ferramenta de produção de dados, ao transformar a experiência do campo e as observações compreendidas nela em conhecimentos. Através dessa dinâmica foi possível captar inicialmente imagens do cotidiano da comunidade através dos olhares dos meninos, e esta documentação fotográfica foi de fundamental importância para que, ao longo dos meses, aprofundássemos as nossas relações, e principalmente para que fosse possível analisar posteriormente, de forma qualitativa, as imagens coletadas.

A imagem era algo a ser lido. Compreendia em cada imagem uma narrativa de uma experiência de vida. Comecei a pensar na imagem como uma experiência e, a partir daí, estendi a minha investigação, para além de momentos cotidianos, e aprofundi a pesquisa nas histórias de cada imagem, realizando, quando necessário, novas imagens e/ou novos encontros com e sem as crianças (já mais adiante), onde pude também ser recebida e realizar outras conversas e imagens sem necessariamente a presença constante dos meninos.

Durante o processo, os meninos idealizaram um site chamado *Aventura Fotográfica* (<http://aventureirosfotogr.wix.com/costadalagoa>). Essa foi a solução que os meninos encontraram de compartilhar as suas imagens entre eles e também com os demais moradores da comunidade. Achei uma boa estratégia e os ajudei a programar o site. Foi uma experiência interessante para todos do local. Era a primeira página de internet da Costa da Lagoa elaborada por crianças da escola. Eles optaram por ser uma espécie de exposição virtual, por isso decidimos que distribuiríamos as fotos em galerias.

Eles sugeriram também que o site pudesse ter fotografias de outros colaboradores, assim como fotos de álbuns de família com a colaboração de quem quisesse compartilhar os seus acervos, assim o site estaria em permanente construção. Foi interessante perceber os meninos

em suas casas, buscando fotografias antigas, ouvindo as histórias das fotos que encontravam... um mergulho em suas histórias, momentos de aproximação e de fortalecimento de laços.

Walter Benjamin bem observou: “Nenhuma obra de arte é contemplada tão atentamente em nosso tempo como a imagem fotográfica de nós mesmos, de nossos parentes próximos, de nossos seres amados.” (BENJAMIN, 1994, p. 103). Ao revisitar as imagens, a memória é acessada através das lembranças e dos esquecimentos. E, mais interessantes são as novas imagens que vão surgindo das narrativas:

A casa era grande, mas todo mundo gostava de ficar era na cozinha, lá a mãe fazia um café, a gente comia rosca, bolo... a mesa vivia cheia, sempre que chegava mais alguém tinha espaço e a mãe colocava logo uma outra xícara. Todo mundo ficava conversando até umas horas. (Dona Eli)

A memória acessada pela lembrança na narrativa acima nos mostra uma cena de uma cozinha, provavelmente cheia de gente, com café sendo feito e apreciado por todos. Um momento de encontro, movimento. A imagem original que provocou esta narrativa foi uma fotografia de um plano fechado de Dona Benta, famosa na Costa pelos seus cafés, e seus filhos. A cozinha em nenhum momento aparece na fotografia, nem o café. Esses invisíveis se tornam tão presentes que alcançariam até um grau de importância muito maior do que a imagem impressa.

A esta memória afetiva, um acervo especial, o lugar do sentimento, da sensação de cada um, dos espaços. Essas informações compõem um espaço que é muito particular, mas que ao mesmo tempo possui uma dimensão social forte. Neste caso, a característica marcante que esta família da Vila Verde possui é o acolhimento, a proteção, o compartilhar. Um intenso sentido comunitário. Um lugar que cabe a todos. Esses materiais fotográficos nos fornecem rastros das relações e dinâmicas dos laços afetivos, comunidade e costumes locais.

Com as inovações tecnológicas e o advento da fotografia digital, creio que estes novos acessos já acontecem via redes virtuais, pelo fácil acesso pela possibilidade de se compartilhar o conhecimento, e de provocar novas imagens e histórias. Portanto, consideramos que o site das aventuras fotográficas cumpre a sua função de alcançar não só a

comunidade da Costa da Lagoa, mas a todos que se interessarem em ver estes lugares e pessoas a partir de olhares diversos.

Figura 48 - Página inicial do site Aventura fotográfica.

Foto: Aventura Fotográfica (2015).

Figura 49 - Janela inicial das galerias.

## AVENTURA FOTOGRÁFICA

Mendonça do Pizuro - Brincadeiras da Costa da Lagoa da Cocoróvão

[PÁGINA INICIAL](#) [SOBRE](#) [QUEM SOMOS](#) [DESBRAVANDO A COSTA](#) [BRINCADEIRAS - GALERIAS](#) [NOSSOS AMIGOS](#) [More](#)

X Crie um site no WIX



Foto: Aventura Fotográfica (2015).

**AVENTURA FOTOGRAFICA**  
Missões do Pôrto - Encolher da Costa da Lagoa da Conceição

[PÁGINA INICIAL](#)
[SOBRE](#)
[QUEM SOMOS](#)
[DESENVOLVENDO A COSTA](#)
[BENEFÍCIOS - GALERIAS](#)
[INDÍZES AMIGOS](#)
[Home](#)

**GALERIAS**

**A COSTA DA LAGOA DA CONCEIÇÃO**

[TRILHAS E CAMINHOS](#)  
[PESSOAS](#)  
[BARCOS](#)  
[OUTROS DOMÉIS](#)  
[SABORES E FAZENDAS - Por Alessandra Basso](#)  
[TUDO NA NOVA](#)  
[PISCINAS - por Alessandra Basso](#)  
[FESTA JUNINA](#)  
[VÍDEOS](#)

Interessante e divertida. Tem passarinho, árvore, mandioca, batata doce, cachorro, peixe, barco, boi, gato, cavalo, gente e muito mais. Por isso a gente tem que agradecer por esse lugar.

Eu sou a Milena Pereira Laureano eu tenho 8 anos eu moro na Costa da Lagoa. O nome do meu pai é Clodoaldo Albamiro Laureano e o nome da minha mãe é Paula Onezia Pereira e o nome do meus irmãos: o primeiro é Clodoaldo Albamiro Laureano Junior e o outro Clodoaldo Laureano. Eu vivo na rua da 3011 e 3006.

**X** Clica um site na YOUT



Figura 50 - Início da exposição virtual da janela “Galerias”.



Foto: Aventura Fotográfica (2015).

Figura 51 - As crianças que participaram da pesquisa e de todo o processo de construção do site.



Foto: Aventura Fotográfica (2015).

### 3.1 VILAS DA COSTA

A Costa da Lagoa é composta por cinco vilas onde está situada a maior parte das casas da região. Possui hoje algo em torno de 270 construções e 900 moradores. O acesso às vilas, conforme mencionado na introdução, é realizado por barcos através das duas cooperativas que atendem a comunidade, a Cooperbarco, que faz o trajeto do Centro da Lagoa até a Praia do Sul (a trajetória demora cerca de 40 minutos), e a Coopercosta, que faz o trajeto do campo do Rio Vermelho até a Vila central (15 a 20 minutos - a depender do vento).

O acesso às Vilas também podem ser feito a pé, por uma trilha situada entre o sopé do morro e a beira da lagoa da Conceição (a trajetória do centro da lagoa à Vila Central demora cerca de duas horas). Essa trilha é hoje considerada um caminho histórico, tombado pelo prefeito Edson Andrino através do decreto municipal nº 247/86. Esse feito foi determinante para evitar a construção de uma estrada que ligaria o bairro do Canto dos Araçás até a Vila Central da Costa da Lagoa. Na época a campanha para a construção da estrada foi discutida em dois plebiscitos que dividiam a comunidade (contra e a favor da estrada). (ANTUNES DA LUZ, 2014). Hoje, conversando com muitos moradores, eles acreditam que não ter a estrada foi a melhor solução para a Costa da Lagoa como forma de “manter a paz da comunidade”, apesar de admitirem que a estrada “facilitaria a vida”.

#### ***3.1.1 A Vila Verde***

Entre estas cinco vilas, no caminho histórico, existem trilhas, que ligam uma vila à outra, poucas vezes encontramos casas ao longo da trilha, elas geralmente estão mais concentradas nas vilas propriamente. Saindo do centrinho da Lagoa em direção à Vila Central temos a Vila Verde, local da casa da Dona Benta, e lá, no caminho entre a Vila Verde e a Praia Seca, encontra-se um dos casarões mais antigos da região, construído por escravos em 1780, onde morou depois uma escrava conhecida por todos como Dona Loquinha. Infelizmente o casarão encontra-se abandonado e faz-se necessário um urgente restauro.

Figura 52 - Placas ao longo do caminho histórico da Costa da Lagoa da Conceição.



Foto: Autora (2015).

Logo mais à frente do casarão da D. Loquinha está o antigo engenho de farinha que hoje só entra em atividade nas festas anuais da farinhada<sup>38</sup>. Sua atividade não é mais intensa, porém o lugar ainda alimenta as histórias dos moradores que nos contam com orgulho da época em que o plantio da mandioca era permitido, e que em suas roças “tinham de tudo”.

As crianças participam da festa da farinhada, onde os mais velhos realizam o processo de como faziam a farinha da mandioca, claro que com algumas alterações em etapas fundamentais, tais como o plantio e a colheita da mandioca, pois hoje a mandioca vem “de fora” por não ser mais permitido o plantio ali, pelo fato da região fazer parte de uma APP (área de preservação permanente). A força do boi (o motor do engenho) hoje também é substituída pelos homens, que, ao longo da festa, brincam rodando o engenho gritando “lá vem o boi!” É uma grande brincadeira e as crianças gostam também de encenar o boi e ajudar a girar a roda. Ao fim do dia todos estão exaustos e brancos de farinha... e passam a brincar de fantasmas.

---

<sup>38</sup> Festa que demonstra como a farinha era feita e como os engenhos funcionavam.

Figura 53 - Placas ao longo do caminho histórico da Costa da Lagoa da Conceição.



Foto: Autora (2015).

Figura 54 - Meninos experimentando a textura da mandioca após passar pelo cevador.



Foto: Alexandre Basso (2014).

Figura 55 - Peneirando.



Foto: Alexandre Basso (2014).

Figura 56 - Visão geral do engenho em funcionamento.



Foto: Alexandre Basso (2014).

Figura 57 - Gu documenta a farinha.



Foto: A autora (2014).

As mudanças das bases da economia da Costa da Lagoa vêm ocorrendo desde 1970, época em que a agricultura deixa de ser realizada com cunho comercial devido às restrições das leis ambientais, e também com o aumento da pesca industrial e a demanda por pescadores “embarcados”<sup>39</sup>. Com isso, as atividades nos engenhos e comércio em feiras entram em declínio, o que levou muitos dos moradores a buscarem outros “serviços”, fora da Costa. Segundo a narrativa a seguir de Seo Nezinho, “as pessoas passaram a precisar do dinheiro por que começaram a precisar comprar”, assim começaram a trabalhar “pra fora”.

O aumento do fluxo turístico, por sua vez, fez com que houvesse uma melhoria no sistema de transporte aquaviário e de serviços alimentícios. Hoje temos na Costa da Lagoa cerca de dez restaurantes, uma sorveteria, cinco bares, duas lojinhas e um mercadinho. As lembranças do trabalho nas roças, no engenho e no comércio de alimentos e trocas de rendas por fazendas de tecido, estão nas lembranças da população mais antiga. Dona Eli nos conta, por exemplo,

---

<sup>39</sup> Os pescadores passaram a embarcar por longos períodos em embarcações da pesca industrial na década de 1970.

que levavam farinha e renda caminhando para o Córrego Grande<sup>40</sup> e lá trocavam por “fazenda”<sup>41</sup>, para fazer roupas.

Naquele tempo era bom... a gente trabalhava muito, mas também não faltava nada para ninguém, era fartura, nada muito chique, tinha tudo para todo mundo. Mãe fazia muita rosca, esticava um cabo de vassoura na porta de casa e pendurava as roscas... quem passava pegava, era tudo de todo mundo. Se eu tinha um cacho de banana dividia com o vizinho... todo mundo se ajudava. (Dona Eli).

Conheci as vilas da Costa principalmente com a ajuda das crianças. Coincidentemente, entre as crianças participantes havia moradores de todas elas, o que ajudou imensamente o desenvolvimento da pesquisa. O fato de ter em nosso grupo crianças que residiam nas cinco vilas da Costa da Lagoa da Conceição fez com que nos aproximássemos com muita desenvoltura. Eles circulavam entre as ruelas, casas e pessoas e esta espontaneidade fazia com que os demais moradores rapidamente nos acolhessem de maneira carinhosa, muito atentos e com uma disponibilidade muito grande de contarem suas histórias e memórias da Costa para as crianças.

Normalmente chamavam: — Entra aí Lia! Vem tomar um café! E assim a conversa começava. Os meninos ora concentravam-se nas histórias, ora no lanche ou no bichinho de estimação da casa. Quando a casa era de algum tio ou parente de um deles, era visível o orgulho de estarem ali, mostrando para todos nós histórias da família. Quando as caixas de fotos antigas apareciam era uma festa!

“— Olha a dinda pequena!”

“— Olha o barco do vô!”

“— Foi a minha vó que pintou o nome...”

“— Olha eu pequeno com o dindo!”

---

<sup>40</sup> Bairro de Florianópolis, distante 20 km, aproximadamente, da Costa da Lagoa.

<sup>41</sup> Peça de tecido usada nas costuras de roupas.



Figura 58 - Pedrinho pequeno com o seu “dindo” Pelé.



Foto: Acervo pessoal de D. Eli.

Este prazer, orgulho e (re)conhecimento fez com que todos direcionassem um olhar mais atento às suas histórias de vida, a esses saberes. As crianças que participaram desse processo sem dúvida hoje possuem um respeito ainda maior pela sua comunidade, conseguem elaborar a dimensão da sua história e o quão valioso é o lugar onde nasceram.

Isto ficou muito claro quando fizemos uma exposição das fotografias na escola. Nesse dia, convidamos todas as famílias, e os meninos com muito gosto apresentavam as imagens de seus lugares. Muitas histórias e causos nasciam dessas imagens expostas. Também, muitas das histórias contadas me levaram a procurar posteriormente algumas pessoas da Costa da Lagoa, onde pude fazer imagens e conversas mais elaboradas, desta vez não com todo o grupo de crianças, mas com uma por vez, com equipamentos de melhor qualidade e captação de som direto.

Figura 59 - Conversa com seu Nezinho, dono do restaurante “Coração de mãe”.



Foto: Autora (2015).

### ***3.1.2 A Praia do Sul***

Um dos primeiros que se prontificou a conversar conosco e ser filmado foi o Seo Nezinho, 61 anos, morador da Costa da Lagoa, nascido na Vila da Praia do Sul. Das crianças do grupo, Donovan, 8 anos, e Daniel, 9 anos, são moradores da Praia do Sul, a primeira das cinco vilas da Costa da Lagoa (direção Ratoões - Centrinho da Lagoa). A economia local da Praia do Sul atualmente gira em torno da pesca e da navegação basicamente. A população mais jovem trabalha como prestadores de serviços nos restaurantes locais e outros comércios. No caso de Seo Nezinho, ele além de ser construtor trabalha também em seu próprio restaurante situado na vila da Praia Seca. Seo Nezinho é tio-avô de Pedrinho (também membro do grupo das crianças).

Foi Pedrinho que me levou ao restaurante “Coração de mãe”, propriedade de seu tio, e com muito orgulho Pedro me apresentou a ele. Seo Nezinho é uma figura muito querida pela maioria dos habitantes da Costa da Lagoa, muito desse reconhecimento deve-se não só à sua simpatia, mas sim pela tamanha dedicação oferecida ao longo da sua vida ao bem-estar da comunidade.

Seo Nezinho foi um dos primeiros a trabalhar na construção civil da Costa. Com habilidades para as práticas de construção foi

responsável pela existência de muitas das casas do local. Conta-nos com orgulho das inúmeras casas “levantadas” por ele e na ajuda que deu em várias outras, bem como a construção do “primeiro banheiro” da Costa.

No relato abaixo nos conta com detalhes como nasceu e como, naquela época, a colaboração e ajuda entre as famílias eram constantes, desde o momento do parto, à criação dos filhos. Das existências dos plantios e dos engenhos na Praia do Sul, da produção da farinha e dos tempos da produção da cana, açúcar e cachaça. Dos transportes e caronas nos carros de boi e da antiga estrada para estes carros que atravessava todo o morro da Costa da Lagoa.

Ao contar-nos suas histórias, percebia os meninos embarcados num “outro tempo” como ele mesmo define: “— Parece que foi em outra vida... era bom demais... agora tá mais fácil, mas era bom demais...”

A narrativa a seguir, contada por Seo Nezinho, apesar de nascer na Praia do Sul, perpassa pelas histórias de todas as vilas da Costa da Lagoa, poderia dizer que atravessa os últimos cem anos e nos apresenta a Costa com suas características do início do século XX, suas transformações e seus sentimentos em relação ao futuro do lugar. Das plantações de cana às tecnologias digitais, ele conta a sua história, com a convicção de que “é preciso contar para saber que tudo aquilo existiu...”

Seo Nezinho possui talento não só para a construção, mas também uma vocação para o comércio, isso sem falar da música... Construiu o primeiro restaurante... não era bem um restaurante, era um ranchinho em que ele e “mais um irmão” fritavam camarão e vendiam para quem aparecia para passear na Costa. E assim, o lugar foi crescendo, transformando-se em bar. Constata-se assim que foi sendo consolidada uma característica atual da Costa da Lagoa: um lugar prazeroso para bons passeios, comer bem, e boas conversas... um belo lugar de encontro, cenário ideal para o turismo local. Logo, o comércio de alimentos com culinária típica local seria literalmente um prato cheio para a economia da região. Sobre a prática do turismo explanarei mais adiante.

A Praia do Sul foi berço da pesca, e da carpintaria naval junto à vila da Praia Seca na Costa da Lagoa, mas não só isso. Famosa também por ser a vila mais “festeira”. A família do Seo Nezinho, seu pai e sua mãe gostavam muito de celebrar. Podemos perceber em sua narrativa o orgulho que tem de contar sobre as festas e do prazer de cantar e da importância em ter consciência, que é preciso “fazer alegria”, pois,

segundo ele, alegria não cai do céu, precisa ser feita. Alegria é necessária para viver!<sup>42</sup>

*“Nós irmãos éramos nove, mais a Benta<sup>43</sup>, que era criada com nós, dez... mas depois a mãe criou mais rapazes, o Evaldo que casou lá em casa. A Mãe era Dona Edelvina e o Pai seu Miguel... eram muito conhecidos... Todo mundo que vinha na Costa não ia embora de lá sem tomar um cafezinho com eles... que bom que lá em casa agora a Rosinha foi pra lá e a Rosinha é assim também, não vai ninguém lá sem tomar um cafezinho com ela... A Benta também é assim né? Pegou da mãe um pouco também assim... quem vai lá na casa dela tem que tomar um café.*

*Era um engenho de mandioca, e eu nasci lá, porque o pai e a mãe ia fazer farinha durante dois meses do ano, aí tipo no inverno eles iam fazer farinha para deixar para o próximo ano... quase todo mundo era assim. Aí a mãe tava grávida e eu nasci lá mesmo. Aí foi a minha sogra, a tia Zulmira e o tio Júlio, ela era casada com o irmão do papai e fez o meu parto. Eles eram meus amigos, minha nossa senhora, me tinha como filho deles. Aí eu vivia lá na casa do Tio Júlio porque ele me queria muito bem, quando eu ficava doente era ele que me levava no médico. E aí a Noemi, a minha mulher, era vizinha extremante do lado né? Ela nasceu depois, uns quatro anos depois de mim... e a minha sogra, imagina, a filha única da minha sogra, imagina se não queria eu para casar com ela, né? Aí foi sustentando nós dois lá... A penca de banana mais bonita, o mamão mais bonito, a batata mais bonita era eu que comia né... Aí depois crescemos, namoramos e casamos... Aí o pai dela já era morto... sentia que tinha uma vontade de deixar o que era dele para mim... desde pequenininho, eu ajudava ele e ele dizia: isso aqui já é teu... era tão legal... e a vida era assim... tudo melhor...*

*Mas a Praia do Sul ainda tem um estilo dos antigos ainda, tem mais festa... o papai começou a fazer a primeira festa de natal aqui da Costa, porque antigamente não tinha festa de natal, né? Tinha Natal, mas não tinha festa... festa veio depois de uns tempos, por causa de comércio... antigamente não tinha nada disso... Aí o papai começou a primeira festa de Natal aí, isso há uns quarenta anos atrás... ele morreu faz uns 15 anos... aí a gente continua fazendo a festa, nunca mais deixou faltar. Todo ano tem uma festa lá! É muito bonita, vai quase todo mundo da Costa para lá. E quem não vai, faz uma a exemplo da nossa. A festa é*

<sup>42</sup> Como ele conta: <https://youtu.be/zC4DHBVYyng>

<sup>43</sup> Na época desta conversa D. Benta ainda era viva.

*muito boa, antigamente nós matava boi, porco, galinha... Agora não, a gente compra, não se pode matar em casa, né? Mas a gente hoje compra frango, peru, porco...tem que ter de tudo né...e muita bebida, aí a gente emenda, faz dia 24 à noite, 25 de dia, 25 à noite e quando pega final de semana da virada a gente vira também. Dorme tudo por lá mesmo, tá com sono vai dormir.. Mas é festa de ficar marca no chão sabe?! Não é pouca coisa não. Festeira, o pessoal gosta de som, a maioria todo mundo canta... aí a festa fica muito bonita.*

*Na época do papai, ninguém tocava violão ainda... aí a gente aprendeu...*

*Eu sou construtor e quando fui trabalhar na casa do Álvaro... ê tempo antigo... eu trabalhava sempre cantando... Ele trabalhava também cevando mandioca e cantando... e eu também... e aí eu trabalhando e cantando chegou um dia ele virou para mim e disse:*

*— Ô, Nezinho, você sabe que eu tenho um violão lá que eu ganhei do meu pai, que ele morreu e deixou para mim? E eu nunca toquei aquilo lá, cara, eu vou dar para ti.*

*— Ah! Você está de brincadeira que você vai me dar um violão, eu nem sei tocar!*

*— Ah, mas eu vou trazer para ti!*

*Aí trouxe o violão para mim, aí eu comecei a colocar ele nas posições... e não é que eu já tocava, já cantava, não é que já saía a música, cara... aí depois com o tempo comecei a bater nas cordas, e aí depois na missa tinha seu Zé que tocava e pedi para ele me ensinar umas posiçõezinhas nas cordas... aí duas vezes por semana ele me deu umas aulas... aí eu paguei dois meses adiantado as aulas, da vontade que eu tava de aprender. Aí ele me ensinava, aí três músicas que ele me ensinou disse que eu ia aprender a tocar o resto... dois meses depois, dali pegou, pegou... aí comecei a tocar, fizeram banda com meu nome e tudo... me levavam pra animar as festas, e não é que animava (risos)... enchia mesmo de gente! Até hoje eu dou uma palhinha... mas tenho vergonha... meu deus do céu! Era muita festa! Hoje os jovens já fazem... não conseguem fazer uma festa sem falar de mim... É uma animação só... minha nossa... eu gosto muito de música, acho que no dia que eu tiver morrendo eu tô morrendo cantando... Porque, pô, tô meio doente e tô cantando... meu pai também era assim muito animado! Hoje o Pedrinho (sobrinho-neto, membro do nosso grupo), também é assim muito animado... ah, música é tudo, né!*

*Eu sempre digo assim, nós vamos fazer alegria. É bom nós se unir para fazer alegria, porque se a gente não fizer alegria ela não vai bater na nossa porta... Agora a tristeza vai! Vai chegar desavença, vai*

*chegar noticia ruim da família, seu próprio corpo vai sentir um monte de dor... mas alegria... você só vai sorrir se alguém lhe disser uma coisa pra você sorrir... se não disser uma graça pra se alegrar, num vai cair do céu não... mas a tristeza cai! Alegria tem que fazer! Por isso que eu gosto de fazer alegria de cantar... não sei, mas eu queria morrer cantando sabe? (risos) O Pedrinho, sabe? Minha nossa, nós temos fotos do Pedrinho pequenininho com dois aninhos em cima do palco cantando....*

*Alegria que tem que fazer... quando estão ali, remendando a rede, falando de quem matou mais, quem matou menos, que coisa... e sabe, não tem nada de alegre, eu chego ali, já começo uma piada, já começo falando besteirada, já começa a rir todo mundo, já esquecem do assunto... pô, basta estar remendando a rede, já estão na lida ali, já basta tá cansado de tá vindo da pesca, ainda tá falando do mesmo assunto... vão contar uma história para alegrar, pô...*

*Brincava muito com farra de boi... mas minha nossa, eu brincava muito... naquele tempo a farra de boi era muito bom, sabe? Porque era tudo aberto, os terrenos não tinha nada de divisórias, não tinha cerca de arame, não tinha muro não tinha nada. Era assim ó: quando era para vir o boi, tal dia, todo mundo tava sabendo que tava vindo a farra do boi. Todo mundo já se cuidava, as pessoas que tinham medo se enfiavam dentro de casa... as pessoas que não tinham medo iam brincar na rua...*

*Hoje, eu sou totalmente contra a farra do boi, porque além dela ser proibida, a gente está vendo que ela não dá resultado nenhum, não dá alegria nenhuma... só dá tristeza... Porque o boi quando chega do outro lado lá (campo) que solta ele, ele já se depara com a parede de casa, com um trapiche ou com uma cerca ou com um barco grande... Ele não sabe brincar, não tem como ele correr atrás da pessoa, correr das pessoas, ele vai cair, já esbarrar, numa casa, num muro ou numa cerca...ou ele vai cair dentro d'água. Então já é um sofrimento. Outra, se ele pegar uma trilha ou um caminho, se ele conseguir pegar, ele vai pegar alguém na trilha porque aquela pessoa que está na trilha não tá sabendo que o boi estava para vir... então é uma coisa totalmente errada. Mas, pô, to provocando um acidente, além do sofrimento do bicho...*

*Agora naquele tempo o boi não sofria, cansava? Sofria e cansava também... mas era uma tradição a gente sabia como brincar com o boi e, além disso, o boi sempre foi uma comida pro homem, né? Quando nós ia buscar o boi, o boi estava rolado já a carne... já tinham feito a relação da carne quem é que ia ficar com tantos quilos... então o boi*

*tinha 500 quilos ou 400 quilos, já estava rolada toda a carne... não ia nada fora do boi, nada! O fato do boi, a rabada do boi, a cabeça do boi... tava tudo marcadinho... já tinha um destino... hoje sabe o que é que fazem? O boi vai fora! O boi brinca e vai fora! Por ser amigo que eu falo... por que como é que eu vou querer um amigo machucado? E é isso que tá provocando... Agora brincadeira, se desse para brincar direito como antigamente maravilha!*

*Com o dinheiro do boi fizemo um baile, uma festa, comíamos um churrasco, tocamos um violão, muito mais divertido! Que pena que tem gente que leva pro lado contrário... que acha que a gente é contra porque não presta... não é! Eles tinha que entender que é tão bonita uma animação quando todos se divertem, mas ali não, enquanto uns se divertem outros sofre. Partindo do animal que já está sofrendo né? Antigamente não, era como se fosse comprar uma comida, um peixe uma carne... era uma coisa que tinha graça agora não tem mais graça não...*

*Eu ainda ontem tive numa festa junina, é a parte que eu mais gosto... é a hora do boi de mamão... É coisa bonita, né? É baseada no boi... a gente brincava de boi quando era pequenininho... pegava um pedacinho de pau, fazia assim como um gaio... Hoje depois as professora inventaram o próprio boi de mamão, o próprio boi de pano né? Aí fizeram o boi de pano que dá mais graça ainda...*

*O pau de fita já era daqui, né? O pau de fita com a ratoeira já era coisas daqui da ilha mesmo. Isso aí acompanhei muito, quando a gente era adolescente, né? Aí, todo mundo doido pra namorar e não tinha coragem de dizer as coisas pras meninas, né? Elas também cantavam e faziam as cantigas na ratoeira e diziam... eu já sabia que ela tava cantando pra mim, e ela também já sabia que eu tava cantando pra ela... mas era muito legal, e tinha uns que cantavam direitinho... mas faziam um bem bonitinho sabe... umas inventavam, outros já tinham a cantiga, mas umas inventavam no ato assim! Era nossa brincadeira na época! A ratoeira, a bandeira salva... A gente fazia uma roda no chão e naquela roda ficava todo mundo dentro. E agente tirava mais ou menos 3% do povo pra pegar, só acabava quando os que foram escolhidos para pegar pegava o povo todo. Tinha dias que nós levava a tarde todinha pra achar o povo todo... só que enquanto eles iam me pegar e me deixavam dentro da roda, o de dentro da roda podia se salvar de novo, se não tivesse ninguém... Agora não tem mais dessa brincadeira é tudo no computador, telefone...*

*Eu comecei trabalhando na pesca, né? Depois a pesca falhou um pouco pra todo mundo... a pesca falhou durante uns dez anos... Isso é*

*da natureza, né? Falhou lá no Rio Grande... daí foi muita gente para a construção... Só que a maioria foi e voltou... só que eu fiquei, sou construtor até hoje... aí trabalhei uns 90% nas casas da Costa... por que antigamente era tudo madeira ou era aquelas casas feitas pelos escravos... de pedra e barro, antiga com o paredões assim que ainda tem muita ruína por aí. Mas de alvenaria e tijolo não tinha... aí essas casas de tijolo foi do meu tempo pra cá, eu e seu Gustavo, a gente foi fazendo... não tinha nem um banheiro aqui na Costa... O primeiro banheiro quem fez foi nós, eu e seu Gustavo. Aí depois seu Gustavo morreu também e ficou eu. Mas de 90% das casas... E assim fiquei, mas eu comecei na pesca como todo mundo aqui...*

*A plantação foi dali dos meus 20 anos pra trás, sabe? Então a gente começava a andar, três anos, quatro anos e já começava a fazer as coisas da roça assim da plantação. Aí já começava a plantar junto com o pai... aqui a maioria com quatro anos foi pra roça. Mas foi dos meus vinte anos pra trás... aqui era todinho plantado, todo o morro era careca, igual na minha cabeça assim... limpinho de roça... só uma roça atrás da outra assim... não tinha nenhum lugarzinho que tinha uma mata virgem assim... Uma vida completamente diferente... Plantava tudo, cana, mandioca, batata... o tomate e cebola dava assim... abóbora, melancia, salsinha, essas coisas... dava como se fosse mato... pimenta... milho, feijão... A cana foi pra mais de 60 anos atrás... A Costa foi muito forte em venda de cachaça... melado, açúcar mascavo, nós chamava de açúcar grosso. Tinha até carro de boi, tinha caminho de carro de boi... para carregar as canas de açúcar até o engenho sabe? Eu já peguei pouco dessa parte... Peguei um ou dois ou três engenhos só de cana... Mas antigamente era forte! Levava em canoa de remo, levava no barril de cachaça pra vender lá na Lagoa, entregar lá na Lagoa, mas isso era no tempo dos meus avós ainda... Pedro Fernandes... você passa em vários lugares assim, tem a marca ainda dos engenhos de cana, o bargação da cana era jogado no pátio do engenho... onde jogava ele ficava uma terra preta, e quando você passa tem uma terra preta até hoje... Então a vida vai mudando, né? Hoje é barco, barco, barco... talvez amanhã já não é mais barco... Por isso é bom falar essas coisas para lembrar que existia essas coisas...*

*Eu tenho tanta saudade... que a gente sempre tinha gado, cavalo, essas coisarada que quando eu tinha uns 40 anos fui criar gado lá no saquinho... pra mostrar pros meus filhos como é que era a vida, né? Da saudade que eu tinha do tempo dos antigos...*

*Quando fiz essa casa aqui, fiz ela quase toda com o dinheiro do gado que eu vendi. Vendí tudo de uma hora só... não dava um futuro*



*muito bom, dava um trabalho... era mais da vontade de mostrar para meus filhos... e hoje eu sonho em se pudesse voltar...*

*Eles faziam a roça lá no morro, né, e se preocupavam em fazer a trilha do carro do boi... faziam com pedra, às vezes só o chão mesmo... Ainda tem algum caminho... atrás do castelo... faziam um caminho de dois metros de largura mais ou menos assim, da roça até o engenho... tinha vários... era cheio. Tem resto ali no castelo ainda... eu lembro que eu vinha pra escola nos últimos carros de boi já... Eu vinha pra venda do seu Onofre ali que era a única naquela época comprar cigarro mistura fina pro meu pai e querosene, as vezes comprava linguíça também pra se comer... E eu vinha muito de carona com o carro de boi... ele vinha até certo canto, depois dali subia pra roça sabe? Mas a trilha passava o carro de boi também... eu vinha mais muita gente, meus irmãos também... era os últimos carros de boi... era um ou dois ou três que tinha... igual hoje tem um barco, antigamente todo mundo tinha um carro de boi... Na verdade eles não pararam de repente, foram parando...*

*Naquela época eles não precisavam muito de dinheiro, né? Eles plantavam a própria comida, né? Então até ali eles ficavam por aqui mesmo... agora depois não, depois eles já tinham que comprar comida, já tinham que ter dinheiro, né? Já começaram a vir os remédios de médico, né? Que antigamente tinha nada disso... aí então começaram a ir pro Rio Grande<sup>44</sup> e foram deixando as plantaçoão devagarzinho... E ganhava um dinheirinho lá e comprava as coisas... os móveis dentro de casa... me lembro da primeira cadeira que a mãe comprou com o dinheiro que meu pai fez no Rio Grande... minha nossa, quando falavam em móvel ninguém sabia o que era... era uma mesa com quatro cadeira...aí depois da mesa com quatro cadeiras veio sofá... antes era um banco de madeira que papai fazia em casa, e uma caixa, o guarda roupa era uma caixa quadrada de madeira, com duas dobradiças, e isso era a casa... quando falaram em móvel... hum, o papai vai comprar móvel... os primeiros aqui da Costa, aí me lembro até que era meio amarelinho assim e depois já veio cama feita da cidade...por isso o pessoal foi deixando a roça pois o povo já precisava de dinheiro para poder ter as coisas, né?*

*Aí o pessoal ia tudo pro Rio Grande pescar...voltava depois de seis meses com um monte de dinheiro pra poder comprar as coisas... Aí a roça foi enchendo de mato... uma vez mesmo papai levou meus irmãos*

---

<sup>44</sup> Cidade portuária no Rio Grande do Sul

mais velhos do que eu e me deixou como se fosse o chefe da casa. Pra dar comida pros outros, pra pegar peixe pros outros e limpar em roça que quando ele chegasse tinha que tá pronta a roça pra ele fazer a farinha, e tinha que tirar o feijão e o milho no tempo certo... Quando ele chegou a maioria da roça tava tudo perdida.. ah mais não vai tá?... o que nós fazia ali com cinco seis homens ele deixou eu pra fazer tudo sozinho... ainda tinha que pegar peixe para os outros guris... aí perdeu a roça e assim foi... foi se acabando... não dava mais pra criar gado que não tinha tempo... alguns ficavam mais quatro meses que era a safra do camarão...

O dia que eu comprei a minha primeira roupa na loja... Meu Deus, mas era uma coisa tão bonita... passadinha a ferro brilhava nos olhos da gente... porque antigamente a mãe comprava uma fazenda e fazia em casa, né? Todas as mães daqui... não era muito bonita... tinha um monte de costureira aqui... mas quando nós fomos comprar uma roupa na cidade...você não têm nem noção do que é que era... Era uma alegria só a primeira roupa da gente. Era uma vida completamente diferente... Na cidade já tinha as coisa modernas, mas aqui, apesar de ser perto da cidade... se tornava muito longe... porque a gente saía aqui pra lagoa de remo... Levava duas, três horas para chegar na Lagoa. Chegava na Lagoa, quem disse que existia ônibus? Nada, nego, ou pegava uma carroça de cavalo, ou ia de pé pelo morro da lagoa para chegar na cidade, no comércio. Então era muito difícil... O povo da cidade já existia, né? Mas nós aqui, parecia que nós morava a 300 km da cidade... Se perdia um dia inteirinho para ir na cidade, chegava em casa só de noite... ou pelo morro do Saco Grande, fui muito pelo morro do Saco Grande também, que dava quase três horas de viagem...chegava lá ou pegava carona de carro ou ia de pé... aí depois não, aí depois já foi vindo ônibus para a Lagoa, para o Rio Vermelho... Depois já vieram os motores, né? As lancha a motor, nós chamava de lancha, que era as baleeiras e hoje tá moderno, só anda de barco. É assim... A televisão chegou antes da luz sabia? Era à bateria... a geladeira era à querosene... A televisão era à bateria, bem pequenininha, bonitinha... era pouca gente que tinha porque era cara, igual a geladeira também! Cheguei a trazer a nossa primeira geladeira de meu pai lá de Itajaí. Fui trabalhar lá, aí vi uma geladeira à querosene e paguei um caminhãozinho que trabalhava com nós pra carregar cimento, escora na obra, aí o caminhãozinho trouxe a primeira geladeira nossa à querosene.

Aí quando a luz veio então, minha nossa! Os caras que vieram botar luz, a minha casinha tava em construção e eu tinha tanta vontade

*que viesse a luz para a Costa... na verdade Valdir (irmão) foi o pioneiro, né? A correr atrás da luz... eu tinha tanta esperança que ia vir luz que botei até tomada na minha casa! Minha sogra brigava comigo, falava que eu estava gastando dinheiro à toa, que nunca ia ter luz! E aí tá, por incrível que pareça, quando os caras vieram para botar a luz se hospedaram na minha casa. Moraram aqui uns três, quatro meses até botar em todas as casas, engraçado e tanta vontade que eu tinha e foi na minha casa mesmo que eles moraram... E aí quando veio aquela luz minha nossa senhora... porque antes era uma escuridão total! A gente até dizia assim: — Acabou os vagalume! Mas a gente não via os vagalumes que era por causa da claridade da luz, né?*

*Naquele tempo o que tinha de vagalume! Meu Deus do céu, cara! Parecia uma festa! Um céu de estrela! A gente pegava eles para usar tipo lanterninha! Conhece vagalume?*

*Mas o primeiro restaurante foi assim: Nós matava muito peixe e camarão em certas épocas... antigamente tinha muita pescaria. Mas tinha muita miséria também. Teve uns dez anos ali que não deu nada. Então era assim, quando dava, dava. Depois que descobriram a bernunça ficou mais fácil pegar o camarão, catar ele, aí a gente não tinha muito para quem vender, o cara que comprava ganhava muito dinheiro em cima dos pescadores. Aí um dia eu disse assim pro meu irmão, nós estava atravessando, a gente tinha uma canoinha que nós chamava de catraia, pra ir lá para o outro lado (da lagoa), aí eu disse assim:*

*— Vamos botar um barzinho pra nós vender o nosso camarão?*

*— Tá tolo, tá tolo!*

*— Vendemos fritinho, cara!*

*— O pessoal vem aí comer um camarão frito, esse pessoal que vinha de lancha. Chega aqui não tem um lugar para comer um camarão! Nós vendemos o nosso camarão, tá bom cara! Vamo alugar um terreno e vamo fazer! (eu era pedreiro e carpinteiro mesmo, a mão de obra não pagava).*

*— Então tá, então vamos!*

*Chegou no outro dia fomos conversar, eu, ele, minha mulher e a mulher dele. Aí arrendemo um terreninho. Como eu tinha crédito nas lojas, na Cassol (material de construção), aí comprei tudo fiado e fui pagando por mês. Depois de quatro meses nós pagamos a primeira casinha. Olha, quando nós começamos a fazer o nosso primeiro barzinho, você não acredita, a gente ia fazer cinco mesas, na hora a gente teve que fazer dez! Fomo indo, fomo indo. O meu irmão matava camarão e peixe para o bar, não era comprado. E eu fazia as obras e o*

*dinheiro que ganhava nas obras botava também para o monte. Não levou três anos já começou a sair o segundo bar. Ai foi saindo, saindo... achei que tava muito apertadinho pra mim e pro meu irmão e deixei lá para meu irmão e deixei lá para ele e vim e abri aqui (Praia Seca). Lá tem mais movimento, pois é o centrinho, a igreja, a cachoeira... sabe? mas foi bem assim que começou, foi eu e meu irmão. O nome era Bar da Costa. Madeirinha azul e o chão de tijolinho maciço. Tão bonitinho... eu cheguei a ouvir muitas vezes que era o bar mais aconchegante de Florianópolis, de tão gostosinho que ele era. Hoje, a Costa vive através de restaurantes.*

*E eu me sinto assim contente de ser o primeiro de começar, e meu irmão também, o Valter, porque a Costa vive através dos restaurantes, se não fossem os restaurantes a linha da Cooperbarco não teria sentido, a Coopercosta não teria sentido... o pessoal ia pra onde? Só para ver a cachoeira? O pessoal vem mesmo assim, tem mais gosto na comida. Se não fosse isso... tava cheio de lancha aí, hoje era um refúgio... era eles que mandavam, a comunidade da Costa não ia desfrutar daquilo ali... quem tem restaurante toda a família trabalha. E os barqueiros vão levar para onde? Leva lá para o barzinho... então todo mundo já tem um lucro, né? Eu acho que a maioria que vive na Costa vive através dos restaurantes.”*

Figura 60 - Seo Nezinho – Manuel Miguel de Andrade – 61 anos.



Foto: Alexandre Basso (2015).

Manuel Miguel de Andrade, ou Seo Nezinho, como mais o conhecem, ao começar sua narrativa busca suas primeiras lembranças nas memórias da infância, e vai compondo simultaneamente à história da Costa da Lagoa uma sucessão de acontecimentos que complementaram e complementam a sua trajetória de vida. Opto por pensar em trajetória de vida e não em história, na tentativa de compor o procedimento etnográfico, e conseqüentemente uma abordagem histórica do lugar ao tentar analisar as relações e contextos à medida que as narrativas pessoais vão sendo desenvolvidas. Percebo assim que todas essas dimensões e relações vão constituindo a própria pessoa assim como a pessoa constitui o lugar.

As noções de tempo e espaço apresentadas por Seo Nezinho estimulam nos nossos imaginários a Costa da Lagoa há 60 anos: a imagem do primeiro bar, dos carros de boi, das festas. Fazem-nos sentir os sons da música e imaginar a alegria das festas. Permite-nos refletir sobre as condições atuais para se fazer a farra do boi e entender o fascínio atual das crianças pelo animal. A própria dimensão do tempo é questionada por ele e colocada em uma esfera de “sonho” ou de uma “outra era” - o tempo passado, como se para ele fossem divididos os tempos: antes e depois da luz, antes e depois do motor, antes e depois das roças, dos restaurantes.

Considero importante pensar a Costa através dessas trajetórias e assim legitimar a narrativa oral e as imagens criadas como documentos fundamentais da pesquisa etnográfica contribuindo para o estudo antropológico, como Marcus (1995) propõe, pelo fato de revelarem experiências individuais que retratam o contexto social.

Essas experiências consolidam as criações sociais, os valores, a história de cada lugar em um processo criativo contínuo no qual estão inseridos o ambiente, as condições naturais, os significados, ou seja, são as raízes que provocam o desenvolvimento dos seres que seguem suas direções a partir das condições oferecidas pelo contexto, as quais por sua vez interferem e transformam o desenho de cada lugar.

Assim, ao documentarmos essas trajetórias de vida, estamos contextualizando um cenário de relações, interações entre pessoas, ambientes, inovações tecnológicas, territórios, economias e por isso é fundamental não pensar apenas no indivíduo que narra, mas principalmente englobar a sociedade em que ele está inserido, como Kofes (2001) coloca:

Assim, o foco em trajetórias, em biografias, tanto pode questionar um modo habitual de

categorização da prática, considerada apenas do ponto de vista de agrupamentos sociológicos, como problematizar o indivíduo como uma totalidade coerente. Revelaria ou permitiria revelar que a superposição de vários mundos nas experiências e interpretações de sujeitos singulares são constituidores da socialidade.

Portanto, a narrativa de Seo Nezinho, assim como as de outros atores que serão descritas adiante, favorece um olhar para a totalidade da Costa da Lagoa contida em seus diferentes aspectos: afetivo, econômico, geográfico, humano, político, artístico, entre outros. Torna-se então necessário qualificar o potencial da memória nestes casos, mesmo considerando que as memórias possam ser distorcidas por pensamentos e desejos do presente. Essas remontagens constantes da memória coletiva nos convidam a refletir sobre essas noções de tempo e de tradição da memória social.

A complexidade de se legitimar os acessos às memórias como fatos e documentos importantes para a validação etnográfica pode de algum modo colocar em uma linha tênue o valor “real” das narrativas de trajetórias de vidas bem como as imagens que nós antropólogos criamos em nossas pesquisas etnográficas. Por isso considero importante conseguir reunir uma diversidade de “olhares” para um mesmo ambiente. Por possibilitar uma construção mais abrangente dos valores e condições da diversidade nesse espaço presente, que transita entre construções de tempos passados, presentes e possíveis.

Assim poderemos talvez viabilizar uma condição de relações e narrativas encadeadas e, por que não, desdobradas em novas trajetórias e novas imagens, tornando-se, de fato, conforme propõe Tim Ingold, uma experiência de habitação, ao considerar o significado de habitar o próprio “movimento ao longo de um caminho de vida” (INGOLD, 2015), onde o percebedor-produtor é, portanto, um caminhante.

Acredito que pensar e experimentar a grafia antropológica, seja ela em forma de foto, bio, vídeo, música, é um desafio constante do fazer antropológico, que não se encerra em conclusões, mas que transita nessa uma linha de desenvolvimento contínuo, que se inicia em cada um no começo das suas vidas. Onde uma história propõe imagens e cada imagem possui muitas histórias.

### 3.1.3 A Vila Central

Figura 61 e posteriores - A Vila Central









A sequência de imagens acima é uma narrativa fotográfica realizada pelas crianças em uma manhã de junho. Não uma manhã qualquer, mas uma manhã de sol de inverno. Pode-se notar nas imagens que nestes dias de sol, os moradores colocam as roupas no varal, sapatos no sol, casquinhas de siri para secar, pescadores arrumam a rede para a temporada da tainha, as crianças sentem-se mais soltas com o calor e de maneira muito espontânea brincam de “boi” e esconde-esconde entre os barcos e fotografam o cotidiano da Vila Central. O porquinho que nasceu, o brinquedo-balanço, o caminho da Costa, os pescadores trabalhando, a natureza local, os ranchos, e seus barcos-brinquedos. As imagens são várias e assim são as suas leituras.

A Vila Central concentra a maior parte do comércio da Costa da Lagoa. Os muitos restaurantes, a sorveteria, o bar, o mercadinho, a lojinha de roupas, utilidades para o lar, brinquedos e artesanato, o posto de saúde, lá também está a casa do Levi, integrante do grupo, e da Maria Clara, que com muita simpatia e vontade se integrou ao grupo ao longo das caminhadas. A igreja e o salão paroquial, também se encontram na Vila Central e lá é o centro de convivência da comunidade. Muitas das festas são realizadas ali, como também os encontros da associação comunitária.

Muito importante ressaltar que existe esta associação com um grupo de trabalho que desenvolve em equipe ações para a Costa. Juntos discutem questões estruturais da comunidade como a distribuição de água, coleta de lixo, sistema de esgotos, organização das cooperativas de barcos, controle de qualidade dos restaurantes bem como a qualificação de seus funcionários, controle de zoonoses, possibilidades de hortas comunitárias e a possível implementação de um parque ecológico-artístico-gastronômico que concentre os artesãos, pescadores e cozinheiros da Costa com seus múltiplos saberes. Um espaço que está sendo pensado para a convivência e troca de conhecimentos.

Um desses pescadores, o Jajá, é também dono de um dos restaurantes da Vila Central, o Sabor da Ilha, que fica bem em frente à igreja. O Jajá muito gentilmente convidou o grupo das crianças para participar de um momento onde todos pudessem cozinhar juntos. Ficou decidido que iríamos fazer tainha assada na brasa e que todos participariam do processo, desde limpar a tainha até temperar, assar e comer. Foi uma experiência muito interessante, um momento que, além de gostoso, promoveu uma interação do grupo com as pessoas do restaurante Sabor da Costa e um aprendizado em relação à tainha, desde sua forma de reprodução, como se distingue uma tainha macho de uma fêmea, como “consertá-la”, retirando suas vísceras, como fazer filé de

tainha, como acender a brasa, preparar o tempero e organizar o restaurante. Ao final do processo, formou-se uma grande mesa e todos comeram o alimento que prepararam juntos.<sup>45</sup>

Pude perceber durante o processo que as crianças se interessaram de tal forma que alguns perguntaram se poderiam continuar ajudando-o em seus serviços. Pude perceber também que a esta altura (já era junho, cerca de quatro meses de iniciado o processo de documentação), suas perguntas às pessoas eram muito bem elaboradas. Os planos filmados e as fotografias possuíam um enquadramento mais focado, um movimento mais suave, um cuidado maior com a luz e com o som.

Figura 62 e posteriores - Crianças aprendendo a fazer filé de tainha assado na brasa.



---

<sup>45</sup> Ver vídeo do processo em: <https://www.youtube.com/watch?v=nHm5-NOKGCM>







Fotos: das crianças e da autora (2015).

Está também situada na Vila Central a escola da Costa da Lagoa. A Escola Desdobrada e Núcleo de Educação Infantil Costa da Lagoa é a única escola da comunidade e atende crianças da Educação infantil e Fundamental 1 (até o quarto ano). Porém, além de atender as crianças ela tem uma enorme abertura a todos da comunidade através dos projetos desenvolvidos pelos educadores e pelas crianças, ações como: Clube de Leitura, Festa da Cultura, eco-festival, apresentações do boi de mamão, grupos da terceira idade com ratoeiras, festa açoriana, campanhas para não jogar óleo na água e dicas para o reaproveitamento do óleo dos restaurantes, assim como outras campanhas de preservação do ambiente. Falam também sobre as benzedeadas locais, as comidas típicas, fazem intercâmbio com as crianças açorianas da Ilha de São Miguel via Skype, que há três anos vem sendo desenvolvido. Pode ler sobre estas ações no jornalzinho “O arteiro” desenvolvido pela escola. Estas publicações são produzidas e distribuídas há mais de dez anos com bastante empenho e participação de todos da escola.

Podemos rever algumas destas ações nas capas e textos das edições do jornalzinho “O arteiro” desenvolvido com muita dedicação pela equipe escolar, que além de divulgar os seus projetos, ensina receitas locais, espalha poesia e notícias da comunidade:

Figura 63 - Uma das capas do Jornal “O arteiro”.



Foto: Lia Mattos (2015).

Figura 64 e posteriores - Capas do Jornal O Arteiro.







Fotos: Lia Mattos (2015).

Figura 65 - Reportagem sobre a pesca da tainha no jornal “O Arteiro”. Interessante perceber a observação de que a matéria foi sugerida pela cozinheira da escola, o que demonstra a participação de todos os membros da equipe escolar como potenciais educadores.



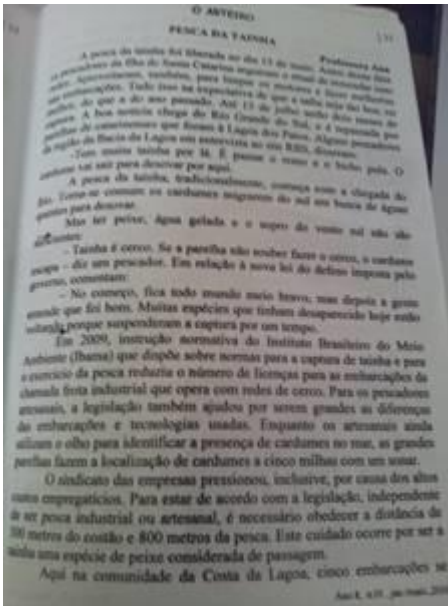


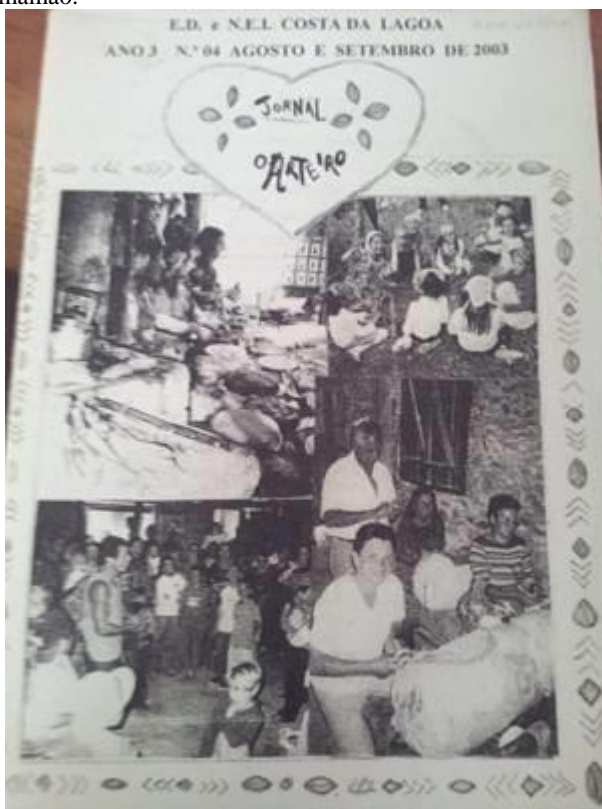
Foto: Lia Mattos (2015).

Figura 66 - Capa que provoca a conscientização da comunidade para que não seja jogado óleo na natureza.



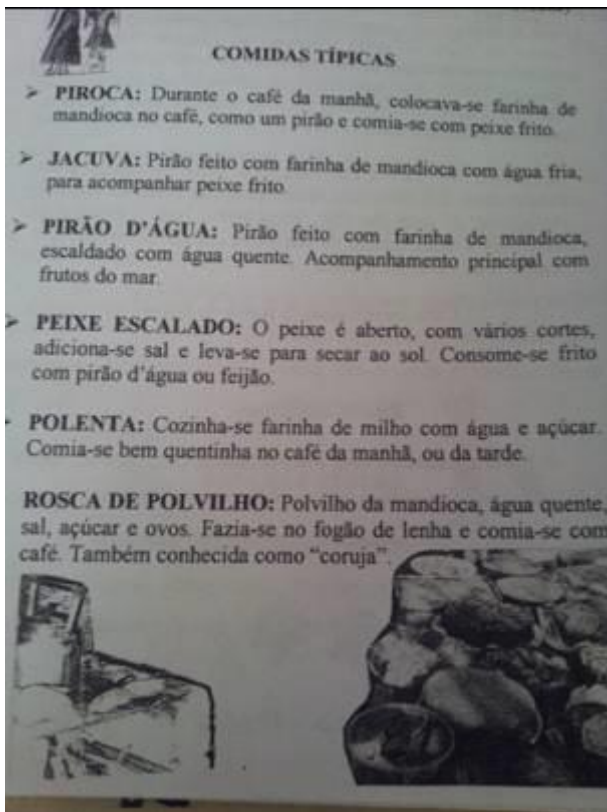
Foto: Lia Mattos (2015).

Figura 67 e posteriores - Capas que ilustram através das fotos as rendeiras, o ritual da farinhada e com os desenhos das crianças dos elementos/personagens do boi de mamão.









Fotos: Lia Mattos (2015).

Como se percebe, existe um empenho muito grande da equipe escolar em contextualizar as crianças aos valores da comunidade em que estão inseridas, e também de provocar na própria comunidade essa consciência de seus valores à medida que agregam os seus saberes à metodologia desenvolvida ao longo do ano letivo.

O Boi de Mamão da escola da Costa é um dos agregadores da comunidade ao cotidiano escolar. Nas épocas das festas juninas/julinas, principalmente, a manifestação reúne todas as crianças e suas famílias para os preparativos da festa, desde a confecção dos bonecos, figurinos e ensaios. Acrescenta-se à festa a grande quantidade de pratos típicos oferecidos à escola pela comunidade. É uma grande celebração, onde boa parte da comunidade se encontra e brinca dentro do espaço escolar.

Vale pensar a figura do boi nessa comunidade. É comum encontrar nas histórias contadas pelas crianças a presença do boi.



Frequentemente, ao brincar com os meninos e meninas eles convidavam: “— Lia, vamos brincar de boi?”. Nas nossas caminhadas sempre passávamos pela “casa do boi”, uma velha casa abandonada na qual as crianças diziam que um boi morava ali. Diziam também que a casa era assombrada. Era constante entrarmos na casa do boi, todos em clima de “suspense” para ver se encontrávamos o animal. Queriam inclusive fazer um filme de terror ali.

Também conheci algumas meninas que esperavam de presente de aniversário um “boizinho” (bezerro), para que pudessem brincar com o animal. Segundo Carvalho (1992), a figura do boi aparece constantemente na história da humanidade, e no Brasil o boi ocupa “uma posição de destaque na vida econômica e cultural do país”, Mario de Andrade coloca o boi como “o bicho nacional por excelência” (ANDRADE apud CARVALHO, 1992, p. 93), destacando a presença do animal por todo território brasileiro e nas manifestações da cultura popular brasileira, colocando-o como um elemento comum entre pessoas e grupos.

Na Costa da Lagoa, além das histórias e brincadeiras das crianças tendo o boi como personagem, percebemos também a presença invisível dele no engenho de farinha, nos vestígios das estradas dos carros de boi relatados por Seo Nezinho. A presença dele também está na ausência das brincadeiras (farras) de boi, do boi do campo solto na comunidade. Percebe-se no relato de Seo Nezinho o “descompasso” da lei que proíbe a “Farra” do Boi, acusando-a de crime ecológico quando percebemos que a própria falta de espaço na comunidade devido ao grande número de construções também é um tipo de agressão ao ambiente, com o fim dos matos e campos e conseqüentemente dos animais criados soltos, bravos, ao invés dos domesticados. Menezes Bastos (1993), levanta a hipótese de o caráter acusatório contra o boi ser contraditório se compreendermos a brincadeira como um sinal de conservação do ambiente. Além disso, podemos elencar uma gama de valores que estão imbricados no ritual: o encontro entre pessoas, o compartilhar do alimento, a luta, a defesa, e por fim a diversão propriamente.

Ao ver os meninos e meninas brincando, compreendo a presença desses valores em suas relações e questiono também o perigo que a ausência de espaço físico pode interferir no brincar provocando um menor desenvolvimento de suas habilidades, cuidados e afetividades. Considero importante traçar um paralelo entre a brincadeira do boi às brincadeiras das crianças. Sem espaço, como elas poderão conhecer seus corpos, seus limites, seus companheiros, seus princípios? Como irão

compartilhar experiências e histórias? A falta de espaço sim, se torna uma judiaria, um massacre.

É possível ver nos olhos do Seo Nezinho ao mesmo tempo a tristeza de não se fazer a farra e a indignação (acompanhada de uma tentativa de conscientização) daqueles que ainda insistem em fazer, mesmo sem as condições que permitem de fato a brincadeira acontecer pois, segundo ele, o que é colocado como brincadeira não é mais diversão: “Como pode ser legal se enquanto uns brincam os outros sofrem?” Ou seja, a brincadeira não é compatível com sofrimento, com os riscos de machucar aqueles que estão desavisados da farra e são atingidos de surpresa. Portanto, torna-se fundamental defender esses espaços de brincar, seja dos adultos ou das crianças para que as histórias e as narrativas de vida continuem alcançando a dimensão a que se destinam, não só de caráter funcional, mas de beleza, de desejos e afetos.

Figura 68 - “Cauê boi”.



Foto: A autora (2015).

Figura 69 e posterior - Personagens do Boi de Mamão da Escola da Costa.





Foto: A autora (2015).

Figura 70 e posterior - Estandarte e estrutura do boi confeccionada por educadores, pais e crianças.





Foto: Gustavo/Alexandre Basso (2015).

Figura 71 e posterior - Crianças e comunidade brincando o boi de mamão.





Fotos: Milena (2015).

Sinto que, apesar de menores, esses espaços de brincar existem na Costa da Lagoa da Conceição, e não é só das crianças. Os adultos também têm os seus brinquedos, como veremos na descrição de alguns dos moradores da Praia Seca.



### ***3.1.4 A Praia Seca***

Figura 72 – Vila da Praia Seca vista da Lagoa.



Foto: Lia Mattos (2015).

Figura 73 - Peixe “escalado.” Aberto, salgado e seco ao sol. Técnica utilizada para conservação do alimento na época em que não havia refrigeração, e que se tornou um dos pratos preferidos até os dias atuais. Come-se geralmente frito com pirão d’água.



Foto: Lia Mattos (2015).

A Praia Seca se tornou minha casa na Costa da Lagoa. Quando resolvi ficar por lá na temporada da Tainha as crianças prontamente me ajudaram a encontrar um cantinho, e foi a Milena que falou: — Lia, vai lá na casa da Tia Eli... fui, e na primeira conversa senti que ali era o lugar que gostaria de estar, percebia no olhar de Dona Eli a coragem da vida, todo o conhecimento que possuía daquele lugar. Nossas conversas e cafês me colocavam em outro “relógio”, o da “vida conversável” sem prazos, sem agendas, sem tempo marcado para terminar, ou seja, em um tempo sem relógio. Era muito bom estar ali, com Dona Eli e Pelé, seu companheiro, aos quais já me referi neste texto. Estar ali em sua casa tão bem cuidada era uma grande alegria e privilégio.

Percebia que para Eli, seu grande prazer era em cuidar, esse era seu maior brinquedo, o cuidar da casa, de oferecer uma comida gostosa, ver se sua mãe e seus irmãos precisavam de ajuda. Passei por um momento delicado da sua vida, o momento da morte da sua mãe, a tão querida Dona Benta, moradora da Vila Verde. O momento da morte

também foi um grande aprendizado para todos que estavam por perto, as crianças refletiram bastante sobre as possibilidades do que ocorria após a morte:

— Lia, será que a Dona Benta está vendo a gente agora?

— Minha dinda está bem triste... onde será que ela está agora, será que a alma dela já virou outro corpo?

— Será que a outra vida é mais legal depois que a gente morre?

Eli, mesmo muito abatida, não deixou de cuidar dos seus afazeres em casa, dizia que era o melhor para não pensar... que ali ela se distraía. Pelé, seu companheiro em todos os momentos também cuidou e percebi em toda a comunidade o sentimento de solidariedade e companheirismo com toda a família de D. Benta.

Figura 74 - Dona Eli



Foto: Alexandre Basso (2015).

Estas atividades desejantes, realizadas por prazer e vontade são percebidas no cotidiano da Costa da Lagoa, exemplos como o cuidado de D. Eli, as festas de Seo Nezinho, os barquinhos de brinquedo de Seo Taba, a canoa de Guarapuvu de Seo Dico, as rendas de D. Rosalina e D. Navegante, o Catado de Siri de D. Carminha, as redes de Seo Zequinha, e o próprio brincar das crianças.

Estas atividades proporcionam o vincular, do qual tratei no Capítulo I, com nossos espaços físicos e afetivos à medida que nos propomos a desenvolver aquilo que realmente desejamos realizar. São interesses que extrapolam a condição necessária de realização para a sobrevivência (o trabalho) e nos proporcionam sentidos mais profundos

para a vida, fazendo-a valer a pena. Geralmente estão ligados à prática criativa e compartilham emoções.

Dona Rosalina, 91 anos, mãe de 21 filhos, criou todos na Praia Seca. Conta com muito prazer que fazia as suas rendas e nos contou que era ela que pintava os nomes dos barcos, mesmo sem saber escrever. “— Fazia por gosto... gostava de pintar...”.

Figura 75 - Dona Rosalina



Foto: Alexandre Basso (2015).

O Filho mais velho de D. Rosalina, Seo Taba, é um grande artesão e dono do restaurante Bela Ilha. Mas, o maior prazer de Seo Taba é fazer os seus barquinhos de brinquedo. Marido de dona Dalva, é no restaurante que deixa expostos seus inúmeros barquinhos feitos com a madeira do Guarapuvu. De tanto olhar o avô fazer e ajudar o pai no trabalho de carpintaria naval aprendeu a fazer os seus brinquedos e nunca mais parou. Hoje com 62 anos, diz que é o seu “divertimento”. Os barquinhos de Seo Taba encantam as crianças e a todos que por ali passam, e ouvi-lo falar de seu encantamento pelos brinquedos é muito gratificante. São formas singelas de compartilhar emoções por meio de práticas realizadas em um processo de invenção que nos mostra uma entrega ao fazer, ou melhor, o desejo de criar. Da mesma forma, seu irmão Dico, mencionado anteriormente, nos relatou como aprendeu a construir barcos (de brinquedo e de “verdade”), como aprendeu a ver a canoa “na mata” e como considera importante estar atento e com o “coração aberto” para aprender.

Figura 76 - Matéria de jornal de alguns anos atrás exposta em quadro no restaurante Bela Ilha, na praia seca.



Foto: Autora (2015).

Figura 77 - “Navio” construído com galhos caídos do Guarapuvu.

Foto: Vitória (2015).



Figura 78 - Seo Taba, o navio e as crianças.

Foto: Cauê(2015).

Figura 79 - Canoinhas de Guarapuvu de brinquedo feitas por Seo Taba.







Foto: Alexandre Basso (2015).

Figura 80 - Seo Dico e a canoa de Guarapuvu.



Foto: Davi Mattos (2015).

Seo Zequinha, cunhado de Dona Rosalina, tio de Seo Dico e Seo Taba, também é morador da Praia Seca. Conheci todos eles na época da temporada da Tainha, época em que todos os pescadores se organizam para as saídas para mar aberto. Seo Zequinha já não embarca mais, porém, organiza o grupo para saírem em seu barco “Símbolo da Fé”. A temporada da tainha tem início no dia 15 de maio e tem duração de dois meses, terminando no dia 15 de julho. É comum antes da temporada a comunidade se reunir para fazer a manutenção necessária nos barcos, motores e redes para que tudo corra bem quando saírem ao mar. Quem não embarca fica em terra monitorando a safra e notícias que vem do sul, e também articulando com os possíveis compradores dos pescados, organizando assim a distribuição.

A Tainha é símbolo de fartura e alegria na comunidade, quando os barcos chegam carregados todos estão esperando ansiosamente para ajudar a organizar os peixes e rever os parentes e amigos embarcados. Se as tainhas simbolizam a fartura e alegria, Seo Zequinha sintetizou bem o que os barcos representam para a comunidade da Costa da Lagoa: a Fé, tão presente naqueles que se colocam à disposição da comunidade para ir em busca de alimento e recursos. Realizamos um vídeo em duas noites, onde as embarcações chegaram carregadas de peixes, este vídeo especialmente não contou com a participação das crianças por ter sido realizado durante duas madrugadas, onde a maior parte das crianças estava dormindo. Mas considero que representa bem a fartura, a alegria, a solidariedade e a fé desta comunidade. Para assisti-lo, acesse o link: <https://www.youtube.com/watch?v=OOB209684-o>.

O Rancho de Seo Zequinha é o ponto de encontro dos pescadores da Praia Seca. Lá acontecem almoços, com deliciosos peixes e pirão, jogam dominó e muitas, muitas conversas acontecem, consertam as malhas, planejam as saídas. As crianças gostam muito de brincar nas imediações do Rancho de Seo Zequinha e do restaurante de Seo Nezinho. Entre redes e barcos, constroem suas casinhas, símbolos de proteção, aconchego e lar. A sensação é esta: a Praia Seca é um grande Lar.

Figura 81 - Seo Zequinha remendendo a malha.



Foto: Alexandre Basso (2015).

Figura 82 - Organização dos peixes em caixa após chegada dos barcos.



Foto: Alexandre Basso (2015).

Figura 83 - O barco "Símbolo da Fé".



Foto: Alexandre Basso (2015).

Figura 84 - Crianças constroem sua casinha.



Foto: A autora (2015).

### ***3.1.5 A Baixada***

A Vila da Baixada encontra-se entre a Vila Central e a Praia Seca. É uma pequenina vila praticamente residencial, lá está a casa de uma das moradoras mais antigas da Costa da Lagoa, a Dona Joana. Muito respeitada por todos, Dona Joana é a única benzedeira viva que mora na Costa. Quem me apresentou a Dona Joana foi Cauê, o seu neto, integrante do nosso grupo. Fui benzida por Dona Joana, em um momento que não estive muito bem de saúde. Com muito cuidado, ela me benzeu e me orientou como proceder para ter uma melhor recuperação. Dona Joana hoje tem 83 anos, muito vívida e lúcida atende a todos que necessitam de seus cuidados.

Figura 85 - Dona Joana em frente a sua casa na Baixada.



Foto: Alexandre Basso (2015).

## **CAPÍTULO 4 – METODOLOGIA - INTERDISCIPLINARIDADE E RELAÇÕES ENTRE ANTROPOLOGIA E AUDIOVISUAL**

### **4.1 POR QUE PRODUÇÃO AUDIOVISUAL NA PESQUISA ANTROPOLÓGICA?**

A opção de utilizar fotografias provoca este exercício do olhar mais atento ao ambiente vivido, ao mesmo tempo em que representa também o que não está ali, em quadro. Os vídeos proporcionam uma escuta mais elaborada a partir do momento em que revemos as imagens e compreendemos em espaços de tempos diferentes o que está sendo contado.

Neste exercício de fazer imagens, vamos compreendendo que os modos de conhecer extrapolam a razão e alcançam o corpo sensível das crianças que se mostram integradas à própria imagem produzida. Conseguem imprimir nelas seus movimentos, sensações, habilidades e conhecimentos, projetando suas recordações para um futuro, que certamente alcançará outro olhar e outros sentimentos reelaborados.

Estas produções conduzem as crianças a um conhecimento que extravasa a linguagem verbal alcançando o sensorial, os gestos, os olhares e também os silêncios. Dessa forma a percepção dos espaços, tempos e relações acontecem simultaneamente e provocam sentimentos diversos seja no ser enquanto produtor ou espectador, que transita entre experiências, estas guardadas nas memórias, nos saberes, fazeres e na imaginação.

Nesse sentido, inspiro-me e busco apoio nas reflexões e trabalhos de Jean Rouch e David MacDougall que propõem pensar o processo de se fazer imagens e filmes como forma de conhecimento de mundo. Em diálogos, publicados na revista *Cadernos de Campo*<sup>46</sup>, MacDougall faz referência a Rouch quando menciona a importância de se perceber o uso da câmera enquanto instrumento de investigação e parte do processo de construção de conhecimento sobre os sujeitos. Nesse sentido a câmera está integrada ao processo das descobertas, no caso desta pesquisa, a câmera também está integrada a essas descobertas, mas estas não são de um cineasta sobre os sujeitos, e sim dos próprios sujeitos sobre eles mesmos.

---

<sup>46</sup> Disponível em:

<<http://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/viewFile/49996/54128>>

. Acesso em: dez. 2015.



No que diz respeito à produção das fotos e vídeos realizada propriamente pelos meninos e meninas da Costa, o grande diferencial é a autenticidade das crianças que traz em seu bojo as maravilhas da desconstrução da técnica, ou melhor, criação de novas formas de filmar. É muito interessante perceber a forma particular e individual com que cada criança filma ou fotografa um plano, um interesse. Compreendo que cada uma estabelece suas características artísticas a partir da apropriação de diferentes referenciais.

Dessa forma, há sempre uma diversidade dos movimentos, quadros, redes, cores, texturas que serão tratados como fragmentos que compõem uma grande trama tecendo informações e que vão desde seus aspectos globais/gerais até as diferentes significações particulares que essas imagens possuem enquanto produtos de observadores, sendo estes produtores de seus próprios conteúdos.

Optei por utilizar esta metodologia durante a pesquisa antropológica pensando em me aproximar do olhar das crianças para os seus lugares de uma forma mais intensa, como já dito anteriormente, de modo que pudesse ser uma “espectadora” do olhar do outro e a partir de aí conseguir realizar a minha montagem e a minha percepção das histórias da Costa da Lagoa, conseguindo acessar dessa forma os dados etnográficos a partir da metodologia utilizada.

Sentia a todo o momento que estava dentro de uma história da história, que se dividia em fases, como montagens sobrepostas que poderiam ser organizadas de diversas formas, o que acarretaria em múltiplas possibilidades de leitura. A infinitude de leituras que um filme possibilita lançou-me o grande desafio: como ser tão fiel ao que vivi e senti? Descobri que não poderia ser fiel, mas que poderia possibilitar que existissem de fato essas multiplicidades de olhares e consequentemente suas montagens para além do visto e que extrapola o plano, afinal, isso seria uma condição da vida. O eterno vir a ser.

Lisovsky (2011) em suas proposições acerca do futuro da fotografia cita a incompletude do tempo histórico colocada por Benjamin (1994) como “infinito em todas as direções e incompleto em todos os sentidos” e associa o acervo fotográfico como um dos lugares favoráveis a essa incompletude, nos convidando a conjugar a história no futuro do pretérito. Coincidência ou não, o título que leva esta pesquisa é *Memórias do Futuro*, que traz justamente essa intenção de provocar uma continuidade, um ir além da imagem, da história ou do conhecimento. Uma provocação contínua do que pode ainda vir a ser feito.

Associaria o devir ao potencial criador, imaginativo, que tanto uma história quanto uma imagem nos provocam. E às crianças essa eterna presença da inspiração que favorece a condição para criar. Isto é invisível. Mas, materializa-se nestas possibilidades de recriação e reformulações constantes das histórias das imagens, e nos levam a novas imagens e novas histórias, num processo contínuo de montagem.

Essa consciência me levou a realizar uma antropologia onde os interlocutores pudessem ser de fato autores das suas histórias e possibilitar que essas histórias fossem vistas através de diferentes janelas, portas e barcos. Pois, afinal, como poderia estar me propondo mostrar fragmentos cotidianos e históricos de um lugar tão rico e diverso como a Costa, a partir de um único olhar? Seria infiel não só comigo mesma, mas com todos com quem convivi.

O caminho escolhido me fez compreender, então, que essa minha “montagem” etnográfica passou por diferentes momentos: antes da observação propriamente, que seria a própria escolha do método, durante a realização do método – e aí de forma muito clara a desconstrução pelas crianças do passo planejado, o que dava origem a uma reconstrução ou nova elaboração do método. A partir daí acontecia o processo de filmagem, a observação desse processo de filmagem e a pós-filmagem. Tudo isso já merecia uma montagem antes mesmo de ter as imagens realizadas pelos meninos em mãos.

#### 4.2 A METODOLOGIA E A TRANSFORMAÇÃO DELA

O primeiro momento de execução da metodologia me levou a uma descoberta muito feliz, à medida que os(as) meninos(as) me ofereciam a transformação do que era proposto por mim. Elas estavam me oferecendo possibilidade de desconstrução das imagens que eu talvez almejasse em relação ao lugar. Como então poderia “oferecer” um jeito de olhar?

Compreendi nesse momento que o que estava conquistando eram diversas montagens e imagens talvez de um mesmo ambiente, mas que representavam lugares diferentes, emoções distintas e diferentes relações. E nesse diálogo com os diferentes jeitos de olhar percebi que o método não falava por si, mas a possibilidade de transformação dele mesmo era uma conquista de uma montagem muito mais rica e diversa.

As crianças escolhiam os temas que partiam de seus interesses, definiam o que gostariam de analisar de forma muito natural, formulavam hipóteses, buscavam pistas, pessoas, caminhos e soluções para suas perguntas, obtinham dados, lidavam com os imprevistos e

solucionavam os problemas de forma muito eficiente, e concluíam suas histórias encadeando-as em novas outras, tornando a vida um eterno processo de montagem, construções, reconstruções, interesses e investigações.

#### 4.3 SENSações, SENTIMENTOS, LINGUAGENS E HIPERMÍDIAS

Com estas condições, não me vejo favorecida a desenvolver uma pesquisa que comprove qualquer coisa, ou que conte sobre um lugar... vejo-me, sim, comprometida a falar sobre experiências. De vidas e construção de conhecimento a partir dessas vidas e destes ambientes. E, principalmente, favorecer com que essas sensações que nos permeiam, permaneçam, no fundo de cada ser, da maneira que cada um possa receber, abrigar e retransmitir...

Neste sentido, percebo estar comprometida a mostrar essas histórias e vidas de formas que possibilitem múltiplas linguagens e múltiplos acessos. Mais um dos motivos que me fizeram utilizar o audiovisual e pensar nas várias possibilidades que hoje as tecnologias digitais e as linguagens hipermediáticas nos oferecem.

Por isso resolvi utilizar essas linguagens e escolhi com as crianças disponibilizá-las em plataformas que possibilitassem um maior alcance e comunicação, iniciando pela própria comunidade através dos jogos, exposições e redes sociais, indo além incentivando um alcance maior a nível global através da internet.

A utilização destas tecnologias digitais, em particular registros em vídeo, fotografia, áudio e redes sociais (digitais) como ferramenta de observação, documentação, comunicação e análise do processo de pesquisa possibilitou esta “constante redescoberta” (DEVOS, 2000) da Costa da Lagoa e de nós mesmos. Desta forma, fomos tentando construir uma linguagem que habitasse os muitos momentos, experiências e sentimentos de um processo de pesquisa, de maneira simultânea, sem necessariamente uma ordem linear para elas acontecerem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nestas breves considerações sintetizarei as ideias que foram desenvolvidas ao longo deste trabalho.

- 1- Foi desenvolvido um método que priorizou a escuta e olhar das crianças para com o ambiente em que vivem, de modo que fosse possível observá-lo a partir do seu estar no mundo.
- 2- A própria metodologia favoreceu o procedimento etnográfico, talvez por isso o foco deste trabalho esteja muito centrado no método desenvolvido, já que este mantém o seu foco na observação do movimento das crianças em suas trajetórias cotidianas.
- 3- Esses movimentos tornavam as crianças ao mesmo tempo espectadoras e produtoras de suas imagens, compondo desta forma as suas trajetórias de vidas e percepções de mundo.
- 4- Essas trajetórias das crianças proporcionaram encontros entre a pesquisadora e outras pessoas, coisas e lugares da comunidade, e assim, produziram-se imagens a partir dos olhares dos meninos e meninas e pesquisadora e demais colaboradores e narrativas que partiam de experiências individuais, mas que compunham a realidade social.
- 5- Foram analisadas as relações e contextos à medida que as narrativas pessoais se desenvolveram. Percebe-se assim que todas estas dimensões e relações constituem a própria pessoa assim como a pessoa constitui o lugar.
- 6- Esses vários olhares sinalizaram aspectos da Comunidade da Costa da lagoa da Conceição que mostravam tempos diversos da história do local assim como sentimentos para com eles.
- 7- Dessa forma, foi observado o modo como as crianças se colocavam em relação às suas histórias de vida à medida que percebiam que suas trajetórias também compunham a história da comunidade e vice-versa.
- 8- Com essas experiências vivenciadas, podemos perceber a importância do papel de cada um dentro da comunidade e como a comunidade reflete no jeito de estar no mundo de cada um.
- 9- Nesse processo, foi muito nítida a maior valorização e respeito que as crianças passaram a ter com cada um do grupo e com cada colaborador, amigo e parente, assim

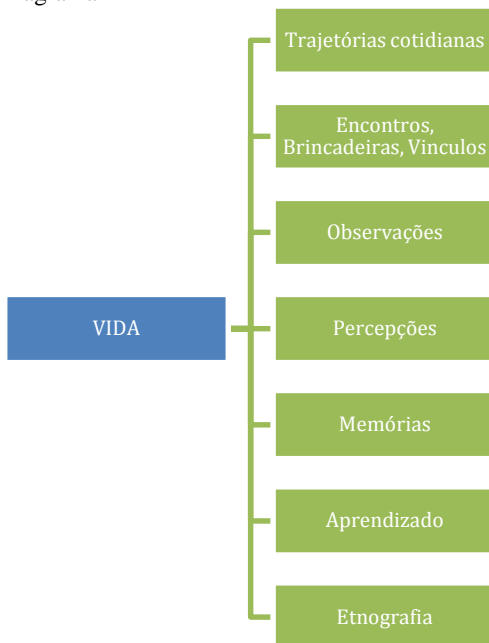
como com os animais, ambiente, coisas e saberes que estavam contidos na comunidade.

- 10- Desta forma, foi possível compreender que os vínculos estabelecidos no presente, acontecem e são fortalecidos a partir dos encontros e são costurados entre e a partir das memórias e as projeções de futuros.
- 11- Para potencializar essa consciência de valor, foi considerada ao longo de toda a dissertação a necessidade de se favorecer espaços de aprendizagem para além do ambiente formal de educação, à medida que se percebe que o encontro intergeracional e também ambiental favorecem estímulos sensoriais e conseqüentemente perceptuais que alcançam uma dimensão de conhecimento que extrapolam a razão, mas alcançam uma forma mais sensível de aprender e apreender o mundo.
- 12- Dessa maneira, considera-se que esses estímulos são favorecidos por estes encontros e realizam-se com as crianças através do brincar. O brincar é visualizado aqui como forma de estabelecimento de vínculos com seus lugares e pessoas, em um movimento que acontece dentro e fora do corpo.
- 13- Estes movimentos alimentam um “acervo afetivo” que compõe a memória individual e coletiva da comunidade, contribuindo assim para a construção de conhecimentos, e por consequência, do autoconhecimento, permitindo dessa forma que a cada ser possa se colocar tal como é para o mundo em que está, contribuindo com seus potenciais para a construção, transformação e preservação dele.
- 14- É possível perceber, ao longo do texto, a importância da percepção do ambiente da comunidade da Costa da Lagoa a partir dos diversos olhares dos moradores da comunidade. Dessa maneira compreende-se como o espaço físico/geográfico da comunidade está integrado ao modo de vida e trabalho tornando-os conseqüentemente espaços afetivos (e vice-versa), de modo que se tornam indissociáveis e interdependentes uns dos outros.
- 15- A construção da relação entre imagens, narrativas, imaginações e memórias perceptuais continuamente recriadas, fazem parte do fluxo da vida e leva-nos a considerar que todos somos permanentes investigadores e

que podemos fazer das nossas experiências grandes aprendizados multiplicando-os em novos conhecimentos.

Representando essas considerações em um diagrama talvez encontrássemos um fluxo mais ou menos assim:

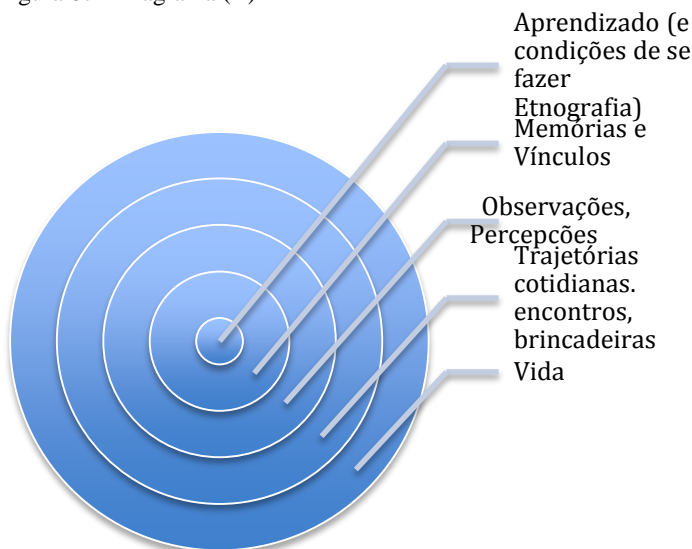
Figura 86 - Diagrama



Fonte: Autora (2015).

Ou, uma forma que contém todas as condições que compõem o fluxo vital, desta maneira conseguimos visualizar como a vida é composta por estes movimentos cotidianos que favorecem as observações e percepções. Estas por sua vez alimentam as memórias e os vínculos proporcionando um ambiente favorável ao conhecimento e conseqüentemente ao aprendizado:

Figura 87 - Diagrama (II)



Fonte: Autora (2015).

As considerações colocadas acima estabelecem ligações entre processos observacionais, perceptuais, de memórias e relações de vínculos entre habitantes da Comunidade da Costa da Lagoa da Conceição. Estes processos e ligações acontecem porque estamos inseridos neste sistema vivo e interdependente. Como tão bem observou Ingold (2015, p.41):

O entrelaçamento destas trajetórias que sempre se estendem compreende a textura do mundo. Se a nossa preocupação é habitar este mundo ou estudá-lo – e, no fundo, as duas coisas são as mesmas, uma vez que todos os habitantes são estudantes e todos os estudantes são habitantes – a nossa tarefa não é fazer um balanço do seu conteúdo, mas seguir o que está acontecendo, rastreando as múltiplas trilhas do devir, aonde quer que elas conduzam. Rastrear estes caminhos é trazer a antropologia de volta à vida.

Compreender as crianças contidas nesta trama nos faz perceber como a antropologia está contida no fluxo experimental do cotidiano das

suas vidas. Ir em busca de um processo educativo que perceba e potencialize este manancial criativo, investigador e científico dos meninos e meninas é alimentar o mundo, é poder proporcionar uma visão de comunhão, onde cada um pode se perceber parte de um todo muito maior.

A escola, por sua vez, deveria ter o seu lugar de potencializadora destes mananciais. Infelizmente na maioria dos casos isto não acontece nos sistemas convencionais de ensino, nos quais as questões e o mundo já nos chegam prontas cabendo a nós respondê-las e decorá-lo. Com isso, vamos desaprendendo a questionar, a apreender.

A escola da Costa da Lagoa consegue de alguma maneira nutrir estes laços e estimular estes olhares. Infelizmente esta não é a realidade do sistema de ensino do Brasil, são raros os exemplos que respeitam o lugar de cada um e valorizam o seu entorno integrando-os, estimulando o encontro intergeracional e a possibilidade de aprender em diversos contextos. É urgente fazer com que os sistemas de ensino dos estados do Brasil compreendam as comunidades, bairros e regiões como grandes escolas e passem a elaborar metodologias nas quais seus estudantes possam estudar participando do ambiente que habitam.

Se fizéssemos dessa maneira, poderíamos aos poucos alimentar um mundo onde a diversidade fosse respeitada e as formas de aprender e apreender o mundo fossem significativas para as crianças e seus pares, e quem sabe assim nossas escolas se transformassem, e ao invés de serem “máquinas de fabricar adultos, tornem-se viveiros de conservar crianças” (AGOSTINHO DA SILVA, 2000, p. 116).

Diante desta experiência na Costa da Lagoa, seguirei, acreditando que é possível encontrar e ver que permanecem no mundo qualidades infantis que são conservadas até a morte, e percebê-las como “qualidades distintivamente humanas, as da imaginação ao invés do saber, do jogo em vez do trabalho, da totalidade em vez da separação; são estas e não as outras as que têm demonstrado os grandes criadores da ciência, os grandes artistas, ou os grandes políticos...” (AGOSTINHO DA SILVA, 2000, p.115).

Foi assim, caminhando com os meninos da Costa, que senti o que é ser antropóloga, pois Ser, “não é estar em um lugar, mas estar ao longo de caminhos. O caminho, e não o lugar, é a condição primordial do ser, ou melhor, do tornar-se” (INGOLD, 2015).

O que aprendi com eles valeu por todas as teorias que tentassem abarcar o conceito de vida, ou melhor ainda, mostraram-me que é tão simples o admirar-se diante dela, basta estar aberto, se permitir. Está faltando em nós este admirar-se diante do novo, do desconhecido, do



surpreendente. É preciso navegar, viver, no entanto, não é... portanto surpreendo-me diante dos imprecisos da vida como os meninos e meninas tão bem me ensinaram.

E assim, observei no brincar dessas crianças e no meu primeiro caminho como antropóloga essas linhas do devir, do tornar-se, como “a vida em aberto, arriscando uma improvisação” (INGOLD, 2012), uma constante afirmação de ser e estar vivo.

Finalizo citando Guimarães Rosa (2001):

[...] o mais importante e bonito do mundo é isto: que as pessoas não são sempre iguais, ainda não foram terminadas – mas que elas estão sempre mudando. Afinam e desafinam. Verdade maior. É o que a vida me ensinou.

## REFERÊNCIAS

- AGOSTINHO DA SILVA. Um Fernando Pessoa. In: **Ensaio sobre Cultura e Literatura Portuguesa e Brasileira I**. Lisboa: Ancora Editora, 2000, p.89-117.
- AGOSTINHO DA SILVA. **Vida Conversável**. Brasília: Núcleo de Estudos Portugueses/UnB, 1994.
- ANTUNES DA LUZ, Esdras Pio. **A Cultura Náutica da Costa da Lagoa**. Dissertação de Mestrado. MPPT/UEDESC, 2014.
- BAIRON, Sérgio. A linguagem hipermidiática como produção de conhecimento: relações interdisciplinares. In: **Antropologia Visual e Hipermídia**, 2007, p. 43-60.
- BENJAMIN, Walter. Pequena História da Fotografia. In: **Obras Escolhidas**. São Paulo: Brasiliense, 1987,p.91-107.
- BOAL, Augusto. **Centro do Teatro do Oprimido**. Disponível em: <<http://ctorio.org.br/novosite/>>. Acesso: dez. 2015.
- BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. São Paulo: Cia das Letras, 1994.
- BRUNO, Giordano. **Os vínculos**. São Paulo: Editora Hedra.2012
- CARVALHO, Maria Michol Pinto de. “O ciclo ritual do boi no Maranhão sob a ótica da tradição e modernidade. In: Bastos, Rafael José de Menezes(org). Dionísio em Santa Catarina: Ensaio sobre a farra do boi. Florianópolis, UFSC, 1993.
- COHN, Clarice. **Antropologia da Criança**. São Paulo: Zahar, 2005.
- DEVOS, Rafael. **Quando a Câmera Vira Personagem**: ponto de vista em movimento na busca de imagens do Outro em documentários etnográficos. Mimeo., Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS, Porto Alegre, 2000. Monografia (Graduação).
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia** - Saberes Necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Esperança**. Um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

FRIEDMANN, Adriana. O olhar antropológico por dentro da Infância. In: MEIRELLES, Renata (org.). **Território do Brincar**: diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015, p.37-44.

GARROCHO, Luiz Carlos. **O Brincar como um modo de habitar o mundo**. 2002. Disponível em: <[www.portalcpp.com.br](http://www.portalcpp.com.br)>. Acesso em: dez. 2015.

GIBSON, James. “III. The perceptual systems”. In: **The Senses Considered as Perceptual Systems**. Boston: Houghton Mifflin Company, 1966a, p.31-40.

GIMENO, Sílvia Inês Dufech. **Destino Viaja de Barco**: um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização (1930-1990). Tese de mestrado em Sociologia Política, UFSC, Florianópolis, 1992.

GIRARDELLO, Gilka. **Televisão e Imaginação Infantil**: Histórias da Costa da Lagoa. Tese de Doutorado, ECA-USP, 1998.

GUIMARÃES ROSA, João. **Grande Sertão**: Veredas. [S.l.]: Nova Fronteira, 2001.

HALLBWACHS, M. **A Memória Coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HUIZINGA, Johan. **Homo Ludens**. O jogo como elemento da cultura. [S.l.]: Perspectiva, 2010.

INGOLD, Tim. “Da transmissão de representações à educação da atenção”. **Educação**, Porto Alegre, v. 33. In: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/6777> . 2010.

\_\_\_\_\_. “Jornada ao longo de um caminho de vida: mapas, descobridor-caminho e navegação”. **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, 2005.

\_\_\_\_\_. **Estar Vivo**: Ensaio sobre movimento, conhecimento e descrição. Petrópolis: Vozes, 2015.

\_\_\_\_\_. **The Perception of environment essays of livehood, dwelling and skill.** London: Routledge, 2000b.

\_\_\_\_\_. Trazendo as coisas de volta a vida. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 18, n.37, 2012, p.25-44.

KOFES, Sueli. Narrativas Biográficas. In: **Vidas e Grafias**. Rio de Janeiro: Lamparina e FAPERJ, 2015, p.20-39.

\_\_\_\_\_. Uma trajetória, em narrativas, Campinas: Mercado das letras, 2001.

LACERDA, Eugenio P. **O Atlântico Açoriano: uma antropologia dos contextos globais e locais da Açorianidade.** Tese de doutorado em Antropologia Social, UFSC, 2003.

LAMEIRÃO, Luiza. Ninguém é tão grande que não possa aprender, nem tão pequeno que não possa ensinar. In: MEIRELLES, Renata (org.). **Território do Brincar: diálogo com escolas.** São Paulo: Instituto Alana, 2015,p. 77-82.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **O Pensamento Selvagem.** Campinas, SP: Papiros Editora, 2013.

LIMA, Lauro de Oliveira. **O enfant sauvage de Illich numa sociedade sem escolas.** Rio de Janeiro: Vozes, 1975.

LISSOVSKY, Maurício. “Dez proposições acerca do destino da Fotografia”. **Revista da Faculdade de Comunicação e Marketing da FAAO**, nº 23, 1º sem. 2011.

MARCUS, George. Ethnography in/of the world system: the emergence of multi-sited ethnography. In: **Annual Review of Anthropology**, v. 24, p. 95-117, 1995.

MENEZES BASTOS, Rafael José de. Introdução. In: \_\_\_\_\_ (org.). **Dioniso em Santa Catarina: Ensaio sobre a Farra do Boi.** Florianópolis: Edufsc, 1993.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

PIORSKI, Gandhy. Náufragos e Piratas do Aprendizado. In: MEIRELLES, Renata (org.). **Território do Brincar**: diálogo com escolas. São Paulo: Instituto Alana, 2015, p. 83-90.

RIBEIRO, José da Silva. “Da Observação à linguagem em Antropologia”. **Antropologia visual e Hipermissão**, 2007, p. 13- 42.

TASSINARI, Antonella I. **Múltiplas Infâncias**: o que a criança indígena pode ensinar para quem já foi à escola ou A Sociedade contra a escola. 2009. Disponível em:

<[http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=1935&Itemid=229](http://portal.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=1935&Itemid=229)>. Acesso em: dez. 2015.

TASSINARI, Antonella I. O que as crianças têm a ensinar a seus professores? **Antropologia em Primeira Mão**, UFSC, 2011. Disponível em:

<http://apm.ufsc.br/files/2011/05/129.pdf>